REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

NUMERO 17

Summario

			Pag.
I.	OS DECRETOS DE MOUSINHO DA SILVEIRA	Teixeira Bastos	511
II.	O JORNAL D'UMA PRINCEZA RUSSA	Izabel Leite	538
III.	COMO SE FÓRMA A LENDA!	F. Sá Chaves	550
IV.	DIORAMA	Eduardo Pacheco	557
V.	CONTO DO MOINHO	M. Caldas Cordeiro	567
VI.	Á PEQUENINA GUIDA	Joaquim de Araujo	573
VII.	TRES DIAS EM DJEDDAH	Augusto Sarmento	575
VIII.	IDÉAS E FACTOS	Jayme de Magalhães Lima	595
IX.	REVISTA DE POLITICA INTERNA	Luiz de Magalhães	620
X.	REVISTA CRITICA LITTERARIA	Moniz Barreto	633

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto, 1891

Correspondentes

PARIS

AMEDÉE PRINCE & Cie — 34, Rue de Provence

Vve EMILE MELLIER — 17, Rue Séguier

2.º Anno — Vol. III. Numero 17.

A **REVISTA DE PORTUGAL** é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **BOLETIM BIBLIOGRAPHICO** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **ANNUNCIOS** são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**
(Fr. 40)	(Fr. 21,10)

A **REVISTA DE PORTUGAL** assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores **LUGAN & GENELIOUX**, em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.

NO PRÉLO

Bernaldim Ribeiro

Menina e moça. . . (*Saudades*). Edição dirigida e prefaciada por *D. José Pessanha.* 1 vol. in-12.

Eça de Queiroz

A Correspondencia de Fradique Mendes. 1 vol. in-12.

Theophilo Braga

Camões e o sentimento nacional. 1 vol. in-12.

As modernas idéas na litteratura portugueza. 1 vol. in-12.

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

OS DECRETOS

DE

MOUSINHO DA SILVEIRA

> «Em tudo é bom começar, e se cabe ao tempo e á experiencia o aperfeiçoamento, cabe ao enthusiasmo do amor do bem o principio».
>
> MOUSINHO DA SILVEIRA, Relatorio aos Decretos n.os 22, 23 e 24 de 16 de maio de 1832.

I

A grande revolução de 1789, com que a França iniciou o periodo das liberdades modernas, representa na historia da humanidade o começo da idade viril, o advento da emancipação popular. Como o choque produzido pela queda d'um corpo na agua se propaga ao redor em circulos concentricos, assim aquella revolução se repercutiu, em 1813, na Hespanha com a famosa revolução de Cadix, e em 1820, em Portugal com a memoravel revolução do Porto. O atrazo intellectual em que se encontrava a peninsula hispanica, devido a tres seculos d'um estiolador dominio catholico, obstou á prompta transmissão das ondas revolucionarias, as quaes só passados vinte e quatro annos actuaram sobre a nação hespanhola, e ainda só sete annos mais tarde vieram influenciar a sociedade portugueza.

Todavia o movimento revolucionario, do mesmo modo que

a ondulação enfraquece á medida que se afasta do centro, perdeu muito da sua intensidade primordial ao manifestar-se, primeiro nas constituintes hespanholas e depois nas constituintes portuguezas.

A revolução franceza do fim do seculo passado transformou de alto a baixo as instituições da velha sociedade, derribando-as pela raiz, aluindo os seus fundamentos, extirpando os vexatorios direitos feudaes em que se firmavam. De facto o antigo regimen, no estado de decomposição a que tinha chegado, provocára essa grande crise, que não foi mais do que um ultimo golpe na ordem de coisas desmoronadas e ao mesmo tempo o começo d'uma reorganisação geral.

Na peninsula as revoluções de 1813 e 1820 não tiveram um caracter tão accentuadamente radical; no emtanto o grau de decomposição intima, attingido pelo antigo regimen, não era menos adiantado do que o da França em 1789; era sómente menos violento.

Em Portugal, particularmente, a revolução de 1820, gloriosa como o primeiro dos nossos movimentos liberaes, teve ephemeras consequencias. As côrtes constituintes, que se reuniram, occuparam-se unicamente de discussões de theorias mais ou menos brilhantes, de doutrinas mais ou menos democraticas, das quaes resultou a notavel constituição de 1822; mas, apesar dos principaes deputados não desconhecerem o estado desolador do paiz, a camara não votou as indispensaveis leis organicas para a transformação economica e social da nação portugueza.

Com a feitura d'uma constituição amplamente democratica julgavam ter cumprido em consciencia a sua missão. Ás côrtes ordinarias deixavam o encargo de reformar tudo o mais. Não comprehenderam que o codigo politico é, para assim dizer, a corôa do edificio. Ficou, portanto, de pé toda a legislação oppressiva e odiosa do antigo regimen.

Obrigaram o rei a regressar do Brazil para a metropole e impozeram-lhe o juramento da constituição, ao que elle bonacheironamente accedeu; mas em breve com a mesma facilidade,

impellido pelos manejos da sua devassa consorte, quebrou o juramento e implantou de novo o governo absoluto.

Como as liberdades da constituição de 1822 não tinham a garantil-as uma transformação social, foi quasi nulla a sua influencia sobre a nação. O povo, onerado pelos privilegios e gravames seculares, não conhecendo praticamente o beneficio que lhe adviria do novo regimen politico, conservou-se indifferente ao duello ferido entre absolutistas e liberaes.

Só dez annos depois se modificou a situação geral; só passado este praso de tempo é que o povo se começou a interessar verdadeiramente pelo regimen liberal, que antes via com indifferença, senão com hostilidade declarada, em razão de considerar os liberaes como *pedreiros-livres*, como inimigos da religião catholica.

A carta outorgada por D. Pedro IV era inferior, no ponto de vista democratico, á constituição de 1822; comtudo a opinião publica recebeu-a melhor, não por causa do seu valor intrinseco, do que não curava, mas porque a sua promulgação foi seguida, no periodo dictatorial da Terceira e da cidade do Porto, d'uma série de medidas rasgadamente radicaes, que allivíaram o povo dos onus de origem medieval, que sobre elle pesavam.

Foi essa a obra importante de Mousinho da Silveira. Os decretos d'este ministro de D. Pedro, sem duvida o maior estadista do constitucionalismo em Portugal, contribuiram talvez mais do que o heroismo e a dedicação do exercito para a victoria decisiva da carta. Foram as sensatas medidas de enorme alcance revolucionario, decretadas por Mousinho, que dispozeram os animos da maioria da população a favor da causa de D. Maria II, sustentada e defendida por seu pae, D. Pedro IV, na qualidade de regente.

As leis demolidoras do antigo regimen, publicadas na *Chronica da Terceira* e depois na *Chronica constitucional do Porto*, precedidas de relatorios lucidamente escriptos, em que se analysavam as causas da miseria publica, circulavam no paiz inteiro, espalhadas pelos liberaes, apesar da rigorosa vigi-

lancia das auctoridades miguelistas, e eram lidas e commentadas com calor, dando occasião a confrontos desfavoraveis para o absolutismo. Debalde tentavam os partidarios de D. Miguel destruir a efficacia moral d'esses decretos fecundos e immorredouros, — decretos, que, na opinião de Almeida Garrett, encerravam «tão fortes germens de democracia, que nenhum plebiscito votado nos mais turbulentos comicios populares os conteve ainda tão poderosos» [1].

Razão tinha o grande escriptor para qualificar de tremendas as radicaes reformas de Mousinho. Tremendas, repetia elle, e explicava:

«Tremendas para todo o paiz a que se appliquem, por maiores que sejam os bens que d'ellas venham ou possam vir. Porque a terra, a industria, a familia, a governação, a administração, toda emfim a constituição material e social do reino foi revolvida de alto a baixo por essas leis formidaveis. . .» [2]

Outro escriptor de igual plana, Alexandre Herculano, aprecia assim os famosos decretos de Mousinho:

«Não tinham tanto o caracter d'uma nova edificação, quanto o d'uma demolição medonha. Mas a demolição, visto o estado do paiz, era muito mais importante do que a organisação. Seria preciso conhecer a fundo as velhas ruinas em que a nação se abrigava, para se saber apreciar o que havia de força e de audacia, e sobretudo de bom senso, n'essa obra gigantesca de desaterro. Era preciso arrancar as guelas do povo das garras do absolutismo que o estrangulavam. Para o conseguir, o mais seguro e o mais certo era cortal-as, e cada um dos decretos do duque de Bragança era uma terrivel machadada. Desde que fosse possivel tornarem-se leis do paiz, as velhas instituições cahiriam logo para nunca mais se levantarem» [3].

Foi realmente o que aconteceu.

Os decretos de Mousinho da Silveira arrancaram as raizes carcomidas do absolutismo, e prepararam o terreno para a implantação do regimen liberal na nossa nacionalidade. Os partidarios de D. Miguel viram completamente perdida a sua causa.

A importancia d'estes decretos, como origem primaria da

[1] *Discursos parlamentares e memorias biographicas*, pag. 366.

[2] *Ibidem*, pag. 365.

[3] *Opusculos*, tomo II, pag. 196.

victoria do constitucionalismo em Portugal, leva-nos a estudal-os com certa attenção. Sempre interessantes, por definirem uma das phases mais salientes da historia patria, apresentam no momento que atravessamos, uma seducção particular, porque o regimen transitorio a que deram inicio, attingiu já o grau mais agudo da crise.

Vamos, portanto, analysal-os successivamente. Mas antes devemos mostrar o vulto extraordinario que os concebeu e que soube aproveitar a occasião opportuna, e *certamente unica*, como observa Garrett, em que dominava o espirito de D. Pedro, para converter em leis os seus arrojados planos de reformas.

Louco lhe chamavam os liberaes expatriados, que com elle no meio do oceano, n'uma pequena ilha, tudo esperavam do valor e da força do braço, ao vêl-o no silencio do gabinete legislar para uma nação inteira. Louco, sim, porque via mais do que elles, porque com a penna preparava o triumpho ao constitucionalismo.

II

Mousinho da Silveira, o louco sublime que fundou o regimen constitucional entre nós, era á primeira vista um homem vulgar. Dizem-no os seus eminentes biographos. O seu olhar não denunciava o genio ardente e audacioso do demolidor; a sua physionomia inexpressiva não revelava a energia de caracter, o são criterio, a mascula vontade do reformador. E no emtanto era um homem recto, ousado, dotado de uma boa alma e de uma lucida intelligencia.

Democrata sincero e leal, apesar de descender de uma familia de antiga linhagem, amava do coração o povo, a quem dedicou o melhor do seu talento, e presava acima de tudo a verdade. Portuguez de rija tempera, deve ser apontado aos novos como um modelo de força moral.

José Xavier Mousinho da Silveira, primogenito do doutor Francisco Xavier Gramido e de D. Domingas da Conceição

Mousinho da Silveira, era natural de Castello de Vide, onde nasceu em 12 de julho de 1780. Da sua educação, diz elle proprio no testamento — valioso documento moral — estas expressivas palavras:

«Dou graças a Deus por ter nascido de paes que trataram de me radicar no amor da verdade e da justiça, e no desprezo da vaidade do trajo e de qualquer outro fausto ou affectação, e devo a isto o não ter nunca alguma ordem ou titulo».

Mousinho da Silveira dedicou-se ás letras e seguiu a carreira da magistratura. Foi nomeado juiz de fóra de Marvão em 1808, e transferido para Setubal em 1813, onde ficaram por muitos annos na memoria do povo «os seus ditos agudos e originaes», diz Garrett, «e o seu caracter lhano e franco», accrescenta outro dos seus biographos [1].

Em 1817 foi occupar o logar de provedor em Portalegre, onde se achava quando o Porto proclamou a revolução de 1820. Como espirito superiormente illustrado que era, não pôde deixar de adherir com sympathia a esse movimento liberal, embora se não envolvesse directamente n'elle. A sua intelligencia e a sua probidade, demonstradas no exercicio das funcções publicas, haviam-lhe grangeado tal reputação, que os revolucionarios, entre os quaes contava amigos dedicados e intimos, logo o chamaram á capital para lhe confiarem o importante logar de administrador geral da alfandega de Lisboa. Para este cargo difficil requisitava-se um homem de lei experimentado, probo e austero, e nenhum melhor do que Mousinho o podia desempenhar cabalmente. Com effeito, não só o rendimento da alfandega subiu com a sua administração, como os particulares encontraram n'elle um juiz recto e desinteressado nas pendencias com o fisco, e o commercio e a navegação nacional um protector desvelado.

«Absorvido por estas graves occupações, escreve Garrett, não tomou parte nas contendas politicas em que tudo então fervia; antes, seu espirito recto e emi-

[1] *Jornal do Commercio*, n.º 6:484, de 19 de junho de 1875, dedicado a José Xavier Mousinho da Silveira.

nentemente pratico, naturalmente fugia d'aquellas supremas questões de theoria, d'aquellas luctas dogmaticas em que a revolução se gastava, tripudiando, para assim dizer, em torno da arvore dos preconceitos e dos abusos, que medrava e robustecia mais com esses tripudios, emquanto — segundo elle — era mister tomar, de ambas as mãos, o machado da reforma, decepar e extirpar» [1].

Os legisladores revolucionarios, inteiramente destituidos de senso pratico, votavam uma constituição quasi republicana, mas ao mesmo tempo, deixando de pé a velha organisação monarchica feudal, não chamavam a si o corpo da nação que, não vendo facilmente as vantagens positivas do novo regimen, se conservou impassivel e indifferente. Facil foi, portanto, ao conde de Amarante fazer triumphar a contra-revolução de 1823. Tinha o apoio da Santa Alliança e em especial da Hespanha, que era mesmo a fomentadora da reacção em Portugal, pelo seu agente directo, a rainha D. Carlota Joaquina. Em 26 de maio revoltou-se o infante D. Miguel contra seu pae e contra a constituição. Ao mesmo tempo as côrtes reclamavam do rei a demissão do ministerio.

Em 28 de maio nomeou D. João VI um novo gabinete, confiando a Mousinho a pasta da fazenda. Recusou este a nomeação, mas não lhe aceitou o rei a escusa e teve de se resignar a exercer o novo cargo. Todavia a reacção ganhava terreno e o proprio D. João VI via-se na dura necessidade de a sanccionar para não ser desthronado.

Os ministros nomeados em 28 de maio, entre os quaes figurava José Antonio Guerreiro, que foi depois ministro da regencia na ilha Terceira, conhecendo a inutilidade de todos os esforços para resistir á contra-revolução, demittiram-se immediatamente. Só ficou Mousinho da Silveira.

Porque? Como se explica esta resolução do estadista que tres dias antes se recusára a aceitar a pasta dos negocios da fazenda? Porque ficava agora, quando todos os outros ministros abandonavam os seus postos e as suas pastas?

Da sua representação ao rei, datada de 31 de maio, e que

[1] Ob. cit., pag. 353.

é um notavel documento historico, deduz-se que não se demittiu com receio de «accelerar os horrores da anarchia»; ficou no seu posto para «vigiar sobre a segurança e tranquillidade dos habitantes», para guardar o thesouro publico, e talvez ainda para encaminhar as coisas, se possivel fosse, para a salvação da liberdade.

Á representação de Mousinho respondeu D. João VI enviando-lhe uma proclamação para fazer publicar e chamando-o ao paço de Villa Franca para ir pessoalmente receber as ordens que tinha de pôr em execução.

Mousinho partiu logo e apresentou-se ao rei que, como sempre, o recebeu cordealmente. As primeiras palavras que o estadista dirigiu ao monarcha foram:

«—Senhor, V. M. não tem que escolher senão entre dois caminhos, ambos extremos e ambos perigosos. Ou Tito ou Nero».

«—Já escolhi, quero ser Tito»,

respondeu o rei, e talvez fosse sincero esse desejo; mas o seu espirito fraco, sempre vacillante no meio dos embates politicos e das intrigas domesticas, não o deixava ser coisa alguma.

Um ministro que fallava com desassombro ao monarcha e que timbrava de dizer sempre a verdade, não convinha ao partido absolutista e portanto não podia conservar-se por muito tempo no poder. As intrigas dos facciosos depressa o alijaram.

O ministro da justiça Marinho foi denuncial-o ao rei como pedreiro-livre. Confessou Mousinho da Silveira ter pertencido á maçonaria; mas assegurou ao rei a innocencia d'essa associação e observou ser isso um pretexto com que se pretendia afastar d'elle os seus mais dedicados amigos.

Mousinho pediu afinal a demissão, que lhe foi dada a 19 de junho de 1823, com todas as formulas de consideração e benevolencia, restituindo-o ao cargo de administrador geral da alfandega, nomeando-o conselheiro e conservando-lhe as honras de ministro e secretario de estado, o que ainda n'esse tempo era uma distincção excepcional.

Agradecendo a D. João VI esta honrosa demissão, Mousinho da Silveira disse-lhe:

«—Senhor, Deus sabe tudo, os homens nada sabem: e queira o mesmo Deus que V. M. tenha sempre, nos seus tempos felizes, homens que lhe digam a verdade com a mesma coragem com que eu a disse nos seus tempos desgraçados em defeza de V. M. e dos direitos dos homens».

E depois ainda ajuntou:

«—Estou sempre prompto para servir a V. M. em qualquer logar ou emprego, seja em Cabo Verde ou na Europa, seja no mais elevado, ou em alcaide; mas como V. M. me admittiu no seu conselho, e n'elle me conserva, devo dizer a V. M. que nunca forme juizo de alguem pelo que lhe disserem, mas sim pelos factos que observar; que deixe a cada um as relações entre Deus e elle, porque só Deus póde ajuizar d'ellas; que premeie as virtudes e que puna os delictos segundo as provas. Quanto a mim, servi com zêlo nos tempos constitucionaes, servirei com zêlo n'estes tempos, porque o homem de bem não cogita tanto da pessoa que governa, como do bem publico, governe quem governar».

Estas palavras memoraveis encerram uma defeza eloquente da liberdade de consciencia e uma proveitosa lição de moral applicada á causa publica.

Mousinho, deixando o poder, voltou ao exercicio da administração geral da alfandega, onde continuou a servir com zelo e proveito para a fazenda.

No dia 30 de abril de 1824, de execravel memoria, o infante D. Miguel á frente de facinorosos e de soldados embriagados, aprisionou seu proprio pae e soberano, e tel-o-hia assassinado com a acquiescencia da facção apostolica a que presidia D. Carlota Joaquina, se não temesse a attitude firme e resoluta do corpo diplomatico. O rei pôde fugir clandestinamente e pôr-se a salvo a bordo de uma das naus inglezas surtas no Tejo e assim fez gorar a conspiração.

Mousinho, que conquistára os odios dos facinorosos da Abrilada por ser liberal e amigo do rei, não podia deixar de ser incommodado. N'esse dia tremendo um agente da facção apostolica procurou o ex-ministro para o prender. Elle, que estava tranquillo em sua casa aguardando os acontecimentos, resistiu, recusou-se dar á prisão, protestando não poder ser preso,

como ministro honorario que era, senão por ordem escripta do secretario de estado. O magistrado judicial teve de ceder diante da energia de Mousinho; voltou, porém, em breve com a ordem do ministro do reino, que era um dos conspiradores.

Foi preso Mousinho da Silveira com muitos outros cidadãos dos mais considerados de toda a cidade, e restituido á liberdade logo que o rei reassumiu o seu predominio.

Apresentou-se immediatamente ao monarcha que o recebeu com as mais vivas provas de agrado e de consideração.

No resto do reinado de D. João VI e no periodo da regencia da infanta D. Isabel Maria, até ao regresso de D. Miguel em 1828, pôde Mousinho viver tranquillamente na melhor harmonia e amizade com as pessoas influentes dos dois partidos que disputavam o poder, e muito estimado e considerado pelo corpo diplomatico, em especial pelos embaixadores de França e da Inglaterra. Almeida Garrett dá mesmo esta nota caracteristica:

«Sua velha e constante amizade com a então omnipotente familia dos Guiões nunca foi alterada. Tão pouco se mudou depois quando a fortuna a desamparou, e a maior parte dos outros amigos se lhe foi com ella» [1].

Em 1828, um dos annos mais tempestuosos da nossa historia, Mousinho da Silveira, como a maioria dos homens notaveis de Portugal, n'essa época, teve de emigrar, e foi para Paris com sua familia. Ahi viveu rodeado da sympathia de amigos dedicados, entre os quaes se distinguiram pelas obrigações e favores que lhe prestaram e que elle com a usual franqueza sempre recordava e engrandecia, Antonio Sampaio e Osborne Henriques de Sampaio; no testamento lembra com gratidão, que a estes deve o não ter pedido esmola, quando foi emigrado.

«Assim viveu, diz o seu biographo e companheiro de emigração, Almeida Garrett, feliz quanto um desterrado póde sel-o, na grata conversação de bons amigos, e estudando praticamente as instituições e os homens, lendo bastante, meditando mais, e fazendo, á guisa de todos os emigrados, projecto sobre projecto, plano sobre plano. Dos seus, porém, deve dizer a justiça que nenhum era de en-

[1] Ob. cit., pag. 363.

grandecimento pessoal, que todos tinham por objecto a patria que devéras amou, e a liberdade da sua terra que sinceramente tinha no coração» [1].

D. Pedro, expulso do Brazil, resolveu como regente de sua filha, D. Maria II, tomar a direcção da causa liberal. Mousinho foi chamado pelo duque de Bragança aos seus conselhos, apenas este chegou á Europa, e mais tarde commissionado a Inglaterra com plenos poderes para contrahir emprestimos, fazer promessas, realisar contratos e emfim procurar meios de levar a effeito a expedição contra o governo absoluto que dominava em Portugal.

Em 3 de março de 1832, a bordo da fragata «Rainha de Portugal», surta no porto de Angra, o ex-imperador D. Pedro assume a regencia e nomeia Mousinho da Silveira ministro dos negocios da fazenda e interino dos negocios ecclesiasticos e da justiça. O resto do ministerio compunha-se do marquez de Palmella, que ficou com a pasta dos negocios estrangeiros e interinamente com a do reino, e de Agostinho José Freire, a quem coube a da guerra e tambem interinamente a da marinha.

Chegamos ao periodo mais glorioso da carreira d'este homem proeminente. Nomeado ministro por D. Pedro, de cujo animo inteiramente se apoderou, vai immediatamente aproveitar a sua influencia para pôr em pratica a radical reforma das instituições monarchico-feudaes, que bem sabia ser trabalho indispensavel para a sólida implantação do constitucionalismo.

Os homens de armas ridicularisariam essa obra gigantesca, realisada no silencio do gabinete, como uma futilidade inutil. Mas os seus effeitos, mais decisivos do que as victorias, só muito mais tarde se tornariam apreciaveis.

Garrett collaborou nos trabalhos de Mousinho; não é esta uma das menores glorias do grande poeta do romantismo; elle proprio recorda esse facto com certo desvanecimento.

III

O primeiro decreto, que encontramos na *Chronica da Terceira*, com a assignatura de Mousinho da Silveira, tem a data de

[1] Ob. cit., pag. 364.

7 de março de 1832. É o decreto n.º 4. N'elle se ordena o levantamento dos sequestros effectuados nos bens dos portuguezes, incluindo os rebeldes, residentes no continente ou em paizes occupados pela usurpação. Medida rasgadamente liberal e consequencia legitima do manifesto de D. Pedro, de 2 de fevereiro d'esse anno, em que promettia a maxima indulgencia aos seus inimigos, tinha por alvo, segundo as palavras do relatorio que acompanhava o decreto, «mostrar praticamente ao mundo, que não ha direito de fazer, nem mesmo aos malvados, o mal, que elles fazem, quando por um momento exercitam a sua vontade, e que os maiores criminosos têm sempre o direito de citar, e fazer observar a favor d'elles os preceitos da jurisprudencia universal».

O segundo decreto, que tem o n.º 5, traz a data de 16 de março de 1832 e extingue todos os dizimos nas ilhas dos Açores, excepto os dos cereaes, laranja e qualquer outra fructa de espinho, vinho, feijão e fava. Esta lei estender-se-hia a todo o reino, apenas fosse possivel, com as modificações exigidas pelas localidades, «e desde logo e para sempre» não seria mais pago «dizimo dos generos, chamados do mealheiro, nem das aves, nem dos outros animaes, nem dos seus despojos, nem de quaesquer avenças», etc. As corporações e as pessoas, a quem esta lei prejudicasse, offendendo os direitos adquiridos, seriam indemnisadas pelo estado. Era uma providencia acertadissima e de grande alcance, porque os dizimos constituiam um dos maiores gravames da nossa sociedade. No relatorio que precede o decreto, dizia o nobre ministro do duque de Bragança, que de facto o dizimo não consistia em 10 por cento, mas em 30, 40, 50 e mais por cento, conforme a maior ou menor fertilidade da terra, e a facilidade ou a difficuldade da cultura. O dizimo pesava não só sobre os generos agricolas mais generalisados, como os cereaes, o vinho, a fava, o feijão, a laranja e outra fructa de espinho, mas ainda mais sobre as hortaliças e as fructas, cuja cultura era de menor importancia e tinha menos extensão, e sobre os gados e outros animaes «alternativamente causas e effeitos da agricultura e da abundancia». N'este documen-

to descrevia-se assim a situação economica e financeira do paiz:

«O reino de Portugal geme curvado debaixo de um peso enorme de contribuições, e ao mesmo tempo não ha na Europa algum thesouro que receba proporcionalmente renda menor. Remediar este inconveniente, e fazer de modo que o povo pague menos, e o thesouro receba mais, é o problema das finanças».

E era esse o fito do grande estadista, o qual via admiravelmente os perniciosos effeitos de um tal systema tributario.

«A recepção de todos os dizimos e a maneira da execução é sobremaneira incommoda e gravosa aos povos, e sobretudo á classe pobre; restringe consideravelmente os esforços a que a industria é obrigada a recorrer para existir; por isso em Portugal e seus dominios é ao mesmo tempo rara e sobrepujante a povoação, rara porque limitada aos meios de subsistencia, que as leis lhe escasseiam; e sobrepujante porque é obrigada a emigrar, para ir buscar em terra estrangeira emprego para os braços, que na patria são insufficientes para manter a existencia».

Por decreto de 16 de março, do ministerio da justiça, mandou pôr em liberdade os presos civis por crimes politicos commettidos antes do estabelecimento do regimen constitucional nos Açores e todos aquelles que não tivessem ainda culpa formada; no relatorio correspondente diz:

«V. M., sabendo cumprir o que promette, faz que uma nação longo tempo vexada, veja renovar o tempo de Augusto, que, lançando no fogo as listas dos nomes dos seus inimigos, acaba as guerras civis, e veja renovar as acções de Marco Aurelio, que despreza e confunde os seus inimigos».

Inspirado n'esta ordem de idéas magnanimas, assigna, em 20, outro decreto, em que, dando por terminadas as circumstancias que obrigaram a regencia a tomar medidas de segurança e precaução, como a ordem dada a alguns individuos, que sahissem da ilha Terceira por differentes motivos, permitte o seu regresso ou a sua ida para qualquer parte do dominio constitucional.

Em 3 de abril nomeia, pela secretaria dos negocios ecclesiasticos, uma commissão de cinco membros do clero para formularem uma lista para suppressão das collegiadas e dos conventos de religiosos e religiosas, então existentes, «tomando em consideração o estado das ilhas dos Açores e a necessidade geral do reino, que não póde manter, depois da separação do Brazil, tão

grande numero de pessoas, que directa ou indirectamente vivam de trabalhos alheios». Representa este decreto os preliminares da famosa abolição das ordens religiosas decretada em 17 de maio para as ilhas dos Açores e mais tarde por Joaquim Antonio de Aguiar para todo o paiz.

O decreto n.º 7, de 4 de abril, marca o principio de outra grande reforma; foi a primeira machadada nos vinculos, cuja destruição definitiva só meio seculo mais tarde se legislou. Por este decreto aboliu todos os morgados e capellas, cujo rendimento liquido e livre de toda a pensão ou encargo e das contribuições directas, não chegasse a 200$000 reis; tornou facultativa a abolição dos vinculos de maior rendimento quando o administrador effectivo não tivesse successores; e emfim determinou a prescripção dos bens vinculados em certos casos. No preambulo do decreto lêem-se estas palavras realmente notaveis:

«As instituições dos morgados não são injustas em si, porque ellas nunca podiam fraudar os herdeiros necessarios, e quem dá a pessoas a quem póde não dar, tambem lhes póde pôr condições, nem outra coisa é um vinculo senão a condição de não alienar, e de passar para certa pessoa os bens havidos com esta designação; comtudo ellas se têm feito odiosas aos povos, apresentando o quadro hediondo de um irmão rico, e de muitos pobres; causando a immoralidade e os costumes dissolutos, e destruindo a circulação e os meios de industria e de trabalho».

Assim as instituições dos morgados são condemnadas pelo interesse social; não só davam origem a dissenções, a guerras, a odios e a invejas no seio das familias, como provocavam a dissolução dos costumes, a immoralidade, por se preferir tudo a um mau casamento, isto é, a uma alliança desigual, desenvolviam o desprezo pela agricultura, excitavam ao esbanjamento, á prodigalidade, e causavam a destruição, a ruina das propriedades.

O decreto n.º 8, de 6 de abril, reforma provisoriamente as alfandegas açorianas, emquanto não é possivel tirar todas as alfandegas nacionaes do cahos em que se encontram, dando-lhes uma organisação e um regulamento geral; acaba com os pagamentos dos ordenados a trigo, e torna o administrador respon-

savel pela administração interna e pelos actos dos seus subordinados.

Em 13 de abril, pelo decreto n.º 9, garantiu a liberdade do cidadão contra o abuso do poder, regulando os processos a seguir contra os juizes que violassem as garantias individuaes. Diz no relatorio o illustre ministro:

«O aperfeiçoamento social depende da execução das leis e cumpre aos empregados publicos dar exemplo constante do respeito, que todos devem ter á vontade geral. Entretanto a historia dos tempos passados mostra raros exemplos de punição dos empregados arbitrarios, e é da natureza dos governos absolutos o instincto de deixar habituar os povos ao soffrimento do arbitrio».

Em 17 de abril publicou um decreto sob o n.º 10, abolindo a pena de confiscação de bens, qualquer que fosse o delicto, e em geral todos os sequestros para caução de penas pecuniarias.

Pelo decreto n.º 12, garantiu a propriedade do cidadão contra as invasões de todas as especies e sob qualquer pretexto, praticadas por individuos ou corporações. Esta prohibição refere-se a edificios, muros, plantações, sementeiras, machinas e quaesquer estabelecimentos de agricultura, industria ou manufactura. Quem julgar os seus direitos offendidos deve recorrer ás auctoridades empregando os meios legaes, e em caso nenhum destruir ou atacar a propriedade alheia ou contestada.

O decreto de 19 de abril, é um dos mais importantes, por ser um dos que mais contribuiu para a demolição das velhas instituições. Por esta notavel lei extinguiu as sisas, exceptuando as da transmissão da propriedade que reduziu a 5 por cento, e as da legislação especial da alfandega das Sete Casas, de Lisboa. No relatorio que precede este decreto vemos lucidamente descripto esse pesadissimo tributo que fazia gemer todo o reino.

No continente pagava-se sisa por tudo o que se comprava ou se vendia. Para os immoveis ou bens de raiz a sisa era de 10 por cento, quando o comprador e o vendedor eram da mesma povoação ou terra, em que estava situada a propriedade que se transmittia. Esta percentagem variava, porém, para mais em algumas terras. Se o comprador e o vendedor eram ambos

de terra differente d'aquella em que ficavam os terrenos ou predios da transacção, a sisa era o dobro, ou 20 por cento. Quando uma das partes contratantes residia na povoação ou localidade e a outra não, pagavam de sisa 15 por cento. Comtudo havia terras onde a sisa era sempre de 20 por cento.

As sisas dos moveis e semoventes eram de ordinario de 10 por cento, quando o comprador ou o vendedor não era da povoação. Estas sisas de 10 por cento, chamadas *das correntes*, eram arrematadas em hasta publica.

As pessoas da mesma localidade não pagavam sisa em cada contrato ou venda de objectos ou bens moveis; mas havia annualmente um lançamento denominado *sisa do cabeção*, ou *de ferrolho*, repartido por todos os habitantes, da parte necessaria para prefazer as avenças com o governo, ou *patrimonio real*, quando a importancia das sisas das correntes e a das sisas dos bens de raiz não cobriam a quantia avençada; Lisboa não estava avençada; pagava as sisas dos moveis nas Sete Casas. O mesmo succedia outr'ora em todas as povoações, antes do estabelecimento das avenças.

Quanto aos semoventes, o pagamento das sisas sempre se effectuava, embora o comprador e o vendedor fossem da terra, onde se realisava a transacção e o animal fôra creado. Só se exceptuavam as compras e vendas feitas nas *feiras francas*.

«As sisas, explica Mousinho da Silveira, em todos os casos se pagam de todas as mutações, de fórma que se um cavallo fôr vendido dez vezes por cem moedas, paga de sisa cem moedas, e se fôr vendido cem vezes por cem moedas paga mil moedas; um boi quantas vezes vendido, quantas paga sisa; e quando se vendem os despojos tambem estes pagam, e se estes se vendem mais vezes, mais vezes pagam, e vão pagando das fórmas differentes que as manufacturas lhes vão dando. Esta legislação monstruosa não é bem executada e ha milhões de abusos, os quaes têm sido outros tantos bens ou correctivos; porque nos paizes de leis semelhantes os povos existem, porque as leis se não executam; mas aonde ellas se não executam é impossivel que exista liberdade ou virtude civica: Portugal é um exemplo d'esta asserção; e além da má execução, os privilegios das sisas foram os meios de industria nos tempos antigos; sem elles o estado se teria dissolvido; não digo por isto que não foi justo o seu acabamento, digo sómente o effeito do bem parcial de não pagarem os privilegiados, para tratar do bem geral de não pagar pessoa alguma».

Mousinho da Silveira observa as desastrosas consequencias d'esta odiosa contribuição sobre o espirito do povo portuguez, que por causa d'elle se tornou a nação menos mercantil da Europa; apesar de fundar tantas colonias, não soube aproveitar as riquezas que d'ellas tirava e que iam engrandecer outros povos; não pôde desenvolver os generos da sua producção, crear industrias e manufacturas. Diz Mousinho que bastaram as sisas para o tolher.

A modificação d'este systema tributario pelo estabelecimento das avenças fôra um beneficio para as povoações, por as livrar da incommoda presença dos agentes do fisco; mas deu por seu turno pessimos resultados, excitando o odio entre os habitantes das differentes localidades, difficultando o commercio dos generos e impedindo a fundação de novas industrias. Aos privilegios pessoaes foram-se accrescentando paulatinamente os privilegios locaes; eram estes as *feiras francas*. Os povos para fugirem ás exigencias do fisco, viram-se forçados a ir comprar as mercadorias dos seus visinhos e vender-lhes as suas a logares distantes, nos dias em que se realisavam essas feiras. Corriam grandes riscos e faziam despezas; estavam sujeitos a roubos nos caminhos e dentro das feiras, perdendo frequentes vezes muito mais do que deviam pagar ao fisco.

A animosidade causada pelo pagamento das sisas das correntes originou o lançamento d'uma infinidade de impostos, taes como as licenças das camaras, os relevos, as leis de travessia, as posturas exclusivas « com que se arruina cada povoação para contrariar a industria das visinhas, sem a crear propria ».

O decreto de 19 de abril acabou com as sisas das correntes, com as de cabeção ou ferrolho, e em geral com todas as restricções de povo para povo, afim de alliviar a população e fomentar a industria e a riqueza publica, desenvolver o commercio de exportação e de importação, e indirectamente augmentar as rendas do thesouro.

O decreto de 20 de abril, obedecendo ao mesmo pensamento, e sendo na verdade uma sequencia do antecedente, permitte a exportação de todas as mercadorias de producção, in-

dustria ou manufactura nacional, mediante o direito de 1 p. c. *ad valorem.*

O relatorio que o acompanha não é menos importante do que o anterior. Mousinho descreve-nos n'elle as inconcebiveis vantagens que desfructavam na capital as mercadorias de proveniencia estrangeira em detrimento das nacionaes. As pessoas abastadas todas fixavam residencia em Lisboa, onde viviam de comestiveis vindos de fóra do paiz, e consumiam productos estrangeiros, os quaes não pagavam direitos de entrada, ao passo que as mercadorias e os generos de origem nacional estavam sobrecarregados com as sisas impostas pelas Sete Casas e de dia para dia aggravadas com novos addicionaes. Elevavam-se a mais de 33 p. c. os impostos de consumo lançados sobre quasi todos os comestiveis creados no reino. E esta inaudita protecção aos productos estrangeiros subsistiu emquanto Portugal não teve divida publica; só quando se contrahiu o primeiro emprestimo, destinado a cobrir os encargos do exercito mandado ao Rossilhon, é que a capital permittiu o lançamento de direitos sobre os comestiveis estrangeiros.

A protecção tão extravagante como desnaturada, que o egoismo da capital sempre concedeu aos estrangeiros, explica-nos cabalmente como as fabulosas riquezas coloniaes, quando Lisboa era o emporio do commercio do mundo, atravessavam a nossa cidade sem deixar vestigios duradouros, sem fomentar o engrandecimento do paiz, sem crear riqueza publica, sem tirar emfim a população da miseria em que se debatia.

Os relatorios dos decretos de 19 e 20 de abril interessam enormemente pelos subsidios que contêm para a historia economica e financeira do nosso paiz.

O decreto n.º 15, datado de 20 de abril, destina o rendimento dos tabacos consumidos nas ilhas ao pagamento das dividas contrahidas pela Junta provisoria, e o n.º 16, de 21 de abril, determina que a venda do tabaco se faça por conta do estado, quer por via de arrematação a contratadores, quer por administração directa, e declara livre o fabrico e a venda do sabão.

O decreto n.º 20, de 14 de maio, representa um valioso beneficio para o povo da ilha do Corvo, que era vexado pelo imposto pago ao donatario da corôa, Pedro José Cauper. Reduziu a vinte os quarenta moios de trigo que pagavam annualmente e aboliu o imposto de 80$000 reis em dinheiro.

Em 15 de maio, pelo decreto n.º 21, acaba inteiramente com o infame imposto de importação de escravos, que ainda se cobrava nas ilhas dos Açores e da Madeira, apesar do vergonhoso trafico estar abolido pelas leis portuguezas.

Em 16 de maio, assignou D. Pedro, em Ponta Delgada, tres dos mais radicaes decretos de Mousinho. Têm os n.os 22, 23 e 24. O relatorio que os justifica, constitue um dos documentos mais gloriosos para o grande estadista. Pinta-se n'elle a desorganisação a que chegára a sociedade.

«Era absurdo, diz Mousinho, que as camaras dependessem dos generaes, que os juizes fossem fornecedores e que os ecclesiasticos fossem administradores e ás vezes soldados; era absurdo que a lei exigisse dos magistrados conhecimentos locaes, e ao mesmo tempo os retirasse, quando começavam a adquiril-os; era absurdo que os militares chamassem os julgadores, e os reprehendessem por maus fornecedores; e era absurdo tanta coisa e tanta, que a sua enumeração formaria um livro e não um relatorio.

«N'este cahos achou a carta o malfadado reino, e bastava o numero dos que viviam da confusão, da desordem e da faculdade de abusar invocando as leis, para ter surgido contra ella a cohorte de seus inimigos, os quaes poderam encobrir ao povo ignorante o mal individual, que presentiram na perda dos seus embustes, para lhe fazerem olhar como o maior dos males ao maior dos bens».

Descreve a nação como *um povo de juizes, jurisdicções e alçadas*, pois só na Relação do Porto chegou a haver trezentos desembargadores! Quanto ao erario não tinha dinheiro, nem meios de o obter, porque o povo era defecado em nome das leis, e «nunca foi achado remedio senão na multiplicação das causas do mal».

Mousinho estabelece assim a divisão dos poderes administrativo e judiciario:

«A necessidade da administração nasce das relações e das necessidades sociaes, e a necessidade dos julgadores nasce das fraquezas e das molestias do corpo social; a justiça é consequencia da administração, porque esta representa a união

dos interesses sociaes, e a justiça é o meio de reprimir os divergentes, e de os fazer entrar no circulo geral e na concorrencia do bem commum.

«A primeira é a acção da communidade social, a segunda o remedio dos males que vêm atacar o bem publico; todo o individuo por mais independente, são e bom, que seja, entra no dominio da administração; e para cahir no poder da justiça é necessario que exista uma divergencia contraria ás leis, ou pelo menos é necessario que as leis sejam escuras ou insufficientes, caso que demonstra quanto deve ser o cuidado de corrigir todas as leis, que forem em si mesmas principios de divergencia».

Expõe em seguida os principios que o guiaram na redacção dos tres decretos sobre a organisação e administração da fazenda publica, a organisação administrativa e a organisação judiciaria. Na impossibilidade de transcrevermos aqui todos os principios exarados no relatorio, sómente nos referiremos a alguns dos principaes, começando pelo registro civil ainda hoje só facultativo para os cidadãos portuguezes não catholicos.

«O nascimento, o casamento, a adopção, a separação dos conjuges, a maioridade, a naturalisação, a morte — lê-se n'esse memoravel documento — são da ordem publica, porque estabelecem a ordem pessoal e domestica; os actos que legalisam o estado das pessoas na familia, e por consequencia na sociedade, são da competencia da administração, estabelecida especialmente para formar e garantir a ordem publica.

«Na redacção dos actos do estado civil, o magistrado administrativo exercita uma jurisdicção passiva.

«O casamento interessa á administração publica, estabelecendo a ordem nas familias, e sendo causa permanente da povoação.

«O acto do estado civil das pessoas, e o casamento, dependem das instituições sociaes, e não das crenças religiosas».

Não menos notavel é o seguinte periodo ácerca da liberdade de consciencia:

«A administração não vê nas pessoas de outras religiões ou seitas mais do que cidadãos; porque sendo o negocio da crença, opinião pessoal, nada tem com o dominio das leis, nem das auctoridades».

N'estas linhas vê-se claramente implicito o principio da separação da egreja e do estado. Como este, muitos outros principios liberaes, que ainda na actualidade não se encontram em vigor, foram consignados e defendidos nos tres decretos de 16 de maio e no seu famoso preambulo.

No dia immediato um novo decreto de capital importancia foi submettido á assignatura de D. Pedro — o da abolição das ordens religiosas nas ilhas dos Açores, assente em bases de applicação generica. A sua extincção total no continente e em todos os dominios portuguezes foi decretada mais tarde, em 28 de maio de 1834, pelo ministro Joaquim Antonio de Aguiar.

Pelo decreto de Mousinho a abolição devia effectuar-se de uma maneira razoavel, ficando garantida a sustentação dos religiosos e a arrecadação dos bens das corporações, permittindo-se áquelles o seu egresso para o seculo, etc.; no mesmo decreto se davam providencias sobre as collegiadas e parochias. No relatorio, assentando como principio que «o trabalho é a base de todas as virtudes e de todas as riquezas», diz o grande estadista:

«Entre nós não ha proporção alguma entre a capacidade de achar materia contribuinte e a gente destinada a devoral-a; assim estão mal todos, ou porque não podem pagar, ou porque não são pagos.

«O clero, tomado no sentido lato, é um dos mais escandalosos exemplos d'esta desproporção; no reino e nas ilhas absorve maior rendimento que o da nação, e a priva de dois terços da sua capacidade contribuinte».

Um decreto de 18 de maio cria o juizo dos orphãos e estabelece a jurisprudencia das tutelas. Outro de 8 de junho tira da circulação nas ilhas as moedas de 100 reis de cobre.

Em 21 de junho, augmenta os beneficios feitos á ilha do Corvo pelo decreto de 14 de maio, elevando-a á categoria de villa e de municipio. Foi este o ultimo decreto assignado em Ponta Delgada.

Em 9 de julho entrou no Porto o exercito libertador; os decretos que se seguem, datados do paço d'essa cidade, são publicados na *Chronica constitucional do Porto.*

Em 12 d'esse mez declara por uma portaria relaxados todos os sequestros effectuados em consequencia de opiniões politicas e torna responsaveis os depositarios para com os respectivos proprietarios.

Em 14 decreta a extincção dos privilegios exclusivos, que gozava a Companhia de Agricultura das Vinhas do Alto-Douro, da venda do vinho e aguardente aos habitantes da cidade do

Porto e do fabríco da aguardente nas provincias do norte. N'este decreto, que se ligava ao systema geral da extincção de privilegios com o fim de libertar o commercio e desenvolver a industria e a agricultura, regulavam-se tambem os direitos sobre os vinhos e a aguardente.

O decreto de 30 de julho, complemento do de 16 de março, extingue os dizimos dos fructos da terra e das arvores, das pastagens, dos montados, dos córtes de madeira, dos animaes e seus despojos, e em geral de todas as producções. Só ficam provisoriamente em vigor nas ilhas dos Açores e da Madeira, e em quaesquer outros dominios, onde se não pague decima dos predios rusticos, e só emquanto se não modifique o systema geral das contribuições. As commendas das ordens militares, fundadas em dizimos, ficaram, por este decreto, simplesmente honorarias. Tambem n'elle se revogou a faculdade de apresentação de parochos e de beneficiados, de justiças, juizes e mais empregados publicos, ficando todas essas nomeações na attribuição do poder executivo. Os individuos que, por estas medidas, fossem prejudicados nos direitos adquiridos, ficavam com jús a indemnisação. No relatorio, que precede o decreto, faz a historia circumstanciada dos dizimos e indica os males que resultavam para a sociedade da sua conservação. Consigna n'elle tambem o pensamento systematico das suas reformas. Leiam-se estas palavras dignas de nota:

« O decreto que reduziu os dizimos, o das sisas, o do acabamento dos direitos de sahida e dos obstaculos oppostos ao commercio, o que proponho actualmente e muitos outros que faltam, são, como já tive occasião de observar, meios de obter que seja possivel trabalhar e viver, vendendo os fructos do trabalho a que nos chama a natureza das coisas. O meu objecto não é fazer, é deixar fazer; as minhas finanças não estão na contabilidade arithmetica; estão na riqueza publica, no augmento da materia contribuinte; a minha contabilidade é resultado necessario da porção que se póde tirar á materia contribuinte sem substar o seu progressivo accrescentamento: algum tempo teremos de soffrer privações; alguns interesses serão offendidos; mas o resultado é infallivel, e bem mais apressado do que se pensa ».

E relativamente ás finanças affirma:

«O ponto não está em formar muitas correntes da unica nascente, que é o suor dos povos; mas está em augmentar a nascente...»

O decreto n.º 44, de 13 de agosto, é igualmente um dos mais gloriosos para Mousinho da Silveira, porque encerra a abolição dos chamados direitos reaes, provenientes das doações feitas pela realeza aos grandes ociosos, ou em paga de serviços prestados n'outras éras, e que eram a oppressão das classes laboriosas. N'este decreto definem-se os bens da nação tomada collectivamente, e revogam-se, além das doações dos bens chamados da corôa, da fazenda publica, os foraes, fóros, pensões, quotas, rações certas e incertas, laudemios, luctuosas e outros direitos e prestações; extinguem-se todos os prasos da corôa, relegos, reguengos, senhorios das terras, alcaidarias-móres, etc.

Mousinho, no relatorio d'este decreto, começa por confessar que aprendeu em Paris, durante a emigração, pelo estudo das transformações realisadas pela grande revolução, como foram as leis de interesse material que extirparam radicalmente o absolutismo. Depois de pintar largamente o quadro de horror e de immoralidade que resultava d'um estado de coisas, em que uma multidão de gente privilegiada vivia do suor alheio, termina por affirmar que este decreto, na parte relativa ás terras dos foraes, é d'uma transcendencia superior ao de 30 de julho — o da extincção dos dizimos — pois tinha em mira repartir riquezas, augmentar a fortuna geral, promover a povoação, emancipando a terra e dando-lhe senhores que a cultivassem ou alienassem.

Com este memoravel decreto terminou para assim dizer a missão reformadora do grande estadista. Depois só assignou dois decretos d'alguma importancia, o n.º 47, em 10 de outubro, extinguindo o privilegio e contrato das cartas de jogar, cujo fabríco, venda e importação ficou livre, e o n.º 48, em 21 de novembro, estendendo a todo o reino a liberdade de fabríco e venda de sabão, decretada em 21 de abril para os Açores.

N'esta longa enumeração só deixámos de mencionar varios decretos e portarias de simples expediente.

A obra grandiosa de Mousinho ahi fica apreciada nos seus

traços fundamentaes. Os seus decretos, como disse Garrett, referindo-se em especial ás leis de 16 de maio, de 30 de julho e de 13 de agosto de 1832, «são um grande monumento, são o termo onde verdadeiramente acaba o velho Portugal e de onde começa o novo» [1]. E affirmando que elles foram «golpes cerceos no tronco velho e caduco», accrescenta: «Se ha futuro para nós, ha de vir por alli. N'outro não pensem, ninguem o espere que o não ha».

Na realidade, o futuro de Portugal está no complemento da obra de Mousinho; as bases que elle promulgou, não lh'as deixaram completar; o novo regimen ficou esboçado, magistralmente esboçado, é incontestavel, mas ainda longe de ter uma perfeita organisação.

IV

Mousinho da Silveira foi demittido sêccamente do ministerio da justiça por decreto de 3 de dezembro, sendo nomeado para o substituir Joaquim Antonio de Magalhães. Na mesma data foi nomeado interinamente ministro da fazenda, durante a ausencia de Mousinho, José da Silva Carvalho. Em 12 de janeiro de 1833 o grande estadista foi exonerado definitivamente em virtude do que representára ao regente, diz-se no decreto, mas sem a minima phrase de consideração ou de louvor.

Perdera todo o ascendente no animo de D. Pedro, dil-o Garrett, e quer por intrigas, quer por qualquer outro motivo, o principe pagou com feia ingratidão os serviços relevantes e incomparaveis que Mousinho da Silveira prestou á causa da liberdade e da rainha.

Herculano, lamentando que elle não estivesse mais tempo no poder para concluir a sua obra, diz:

«Homem superior, não sabia agarrar-se á mesa d'um ministro, ou pôr a sua felicidade n'uma pasta. Sahiu, e foi para nunca mais entrar. Os liliputianos poli-

[1] Ob. cit., pag. 366.

ticos receiavam que caminhando ao lado d'elle, os esmagasse com o pé. Fizeram mais, votaram-no ao esquecimento, e elle sumiu-se na obscuridade» [1].

Mousinho da Silveira, que passára sempre entre os constitucionaes por maniaco e visionario, tornára-se intoleravel aos seus correligionarios, tanto pelo radicalismo das suas providencias, qualificadas por muitos de erros e despropositos politicos, como pela rigidez dos seus principios, recusando-se a sanccionar o menor ataque ao direito de propriedade [2].

Parece que a origem da demissão se deve procurar em desintelligencias com o ministro da guerra, por reprovar o expediente do pagamento dos generos para o exercito por meio de vales, e nas necessidades da guerra que obrigavam, para fornecimento do thesouro, a recorrer a meios que repugnavam á sua consciencia e que, portanto, não podia adoptar.

Mousinho sahiu do ministerio e por decreto de 12 de janeiro foi nomeado director geral das alfandegas do reino; pediu licença para ir a França e abandonou a cidade do Porto em março de 1833.

A extensão que já leva este estudo não nos permitte alongarmo-nos agora com certos factos da vida de Mousinho, dignos de menção, e fazer varias considerações sobre a conducta levantada e recta d'este homem, tanto durante a sua estada no poder, como posteriormente até ao seu fallecimento [3].

[1] Ob. cit., pag. 221.

[2] Não podemos lêr sem tristeza as paginas em que um benemerito liberal, o snr. José Simão da Luz Soriano, na sua notavel *Historia do cêrco dó Porto*, facciosamente deslustra a memoria do maior vulto do constitucionalismo. Essas paginas (vol. I, pag. 538 a 542) são um lamentavel reflexo da animadversão geral dos liberaes contra o incomprehendido ministro. O snr. Luz Soriano diz que Mousinho «era um d'estes maniacos e visionarios politicos, a quem nada é capaz de arrancar da teima e aferro ás opiniões que professam, fundados no orgulho da sua sabedoria». A falsidade d'este julgamento é destruida pelo immortal Garrett, que foi amigo intimo de Mousinho, que larga cooperação teve nos seus trabalhos, que com elle disputou em muitos pontos, convencendo-o algumas vezes, e que o descreve como *um homem com quem a razão podia tanto e que não temia a verdade.*

[3] Completaremos este estudo quando o dermos á luz em volume conjuntamente com outros trabalhos litterarios sobre o constitucionalismo em Portugal.

A obra de Mousinho não teve continuadores; pelo contrario, uma boa parte d'ella foi abrogada, lançada no esquecimento, d'onde ainda hoje não sahiu. Mas sahirá em breve para salvação do paiz, — conservamos esta esperança.

Em fins de 1834, Mousinho regressou a Portugal para exercer o seu logar de administrador geral das alfandegas e tomar assento na camara dos deputados. O grande estadista fôra eleito pela provincia do Alemtejo.

Como deputado, defendeu a verdade e os interesses publicos, conseguindo evitar que se votassem as indemnisações para satisfazer a rapacidade das ambições pessoaes; procurou tambem, mas inutilmente impedir que os bens nacionaes fossem malbaratados em desgraçadas vendas, propondo que se applicassem para pagamento dos empenhos feitos pela guerra da liberdade.

Em 1836 rejeitou o logar que o gabinete Pamella lhe offereceu na camara dos pares; não sympathisava com a instituição da segunda camara, nem cria na sua efficacia. Demittiu-se pouco depois do seu cargo e foi viver para França. Em 1839 voltou novamente á camara, eleito pela sua provincia, e ainda ahi disse «algumas altas verdades, e fez algumas prophecias que o tempo se encarregou de realisar mais promptas e mais terriveis do que as que elle presagiára», — palavras de Garrett.

Não tornou á camara. Os ultimos nove annos da existencia, passou-os, ora em Lisboa, ora em Paris, votado inteiramente á familia, e pensando sempre no bem da sua patria e na solução dos mais graves problemas sociaes.

Pouco antes de morrer, presentindo talvez o seu proximo fim, fez testamento, — um testamento memoravel, sublime testemunho de amor de familia e de tranquillidade de alma. Tinha a consciencia de ter feito alguma coisa a bem da sua patria, de ficar na historia muito portuguez, e que depois de morto viria o tempo de lhe fazerem justiça.

Determinou no testamento que o sepultassem entre gentes boas e *que na vida d'elle se atreveram a ser agradecidas,* no cemiterio do pequeno povo da ilha do Corvo ou no da fregue-

zia da Margem, pertencente ao concelho de Gavião. Aquella gente agradecera-lhe a diminuição do imposto pago ao donatario; esta, os beneficios resultantes da extincção dos dizimos e dos direitos reaes. Sepultaram-no na freguezia da Margem, onde os seus restos estariam hoje esquecidos e perdidos para sempre, se não fosse a revelação do padre João Chrysostomo Antunes Ribeiro Coelho, de Castello de Vide, feita em carta á redacção do *Jornal do Commercio*, do desamparo em que se achava a sepultura, e a subscripção publica aberta por esta importante folha para um modesto monumento, que se erigiu em 1875.

O local onde descançam os ossos d'este patriota exemplar está marcado com um singelo e simples monumento; porém monumento sumptuoso e indestructivel á acção do tempo é o que elle para si proprio esculpiu na historia patria com os seus gloriosos decretos.

Teixeira Bastos.

O JORNAL D'UMA PRINCEZA RUSSA

I

A obra de que vamos fallar desenrola, dia por dia, doze annos d'uma existencia real, e talvez d'ahi lhe proviesse a enorme voga; no primeiro anno da sua publicação (1890) teve seis edições francezas, seis versões americanas e, em Londres, onde Gladstone se occupou especialmente d'ella n'um artigo, causou verdadeiro *furore*, tornando-se o livro da moda, o que anda nas mãos de todos e é quasi obrigatorio conhecer.

Chama-se a auctora Maria Bashkirtseff, e é tudo quanto ha de authentico em princezas... russas. Pertence por seu pae á antiga nobreza militar de provincia; a familia de sua mãe, os Babanines, vai remontar sua prosapia aos tartaros da primeira invasão.

O casamento de Bashkirtseff desandou, volvidos apenas dois annos, em uma ruptura, de que elle accusou a familia da mulher, e esta o insupportavel genio do marido; mais tarde Maria dá razão a sua mãe.

A moça e bonita esposa voltou á casa paterna, levando um filho e uma filha, que era Maria. Viveram algum tempo na Russia; mas quando a pequena completou nove annos foram, passando pela Allemanha, fixar a sua residencia na Italia. D'ahi

seguiram para Paris, onde em 1884 ella morreu d'uma tisica pulmonar, com vinte e quatro annos incompletos.

Estatura mediana, extremamente bem modelada, como uma estatua, espadoas magnificas, braços de deusa, ancas muito hespanholas, seio pequenino e perfeito, cintura breve, pé delicado, mãos finas e levemente rosadas no interior, como conchas de nacar, soberbos cabellos ruivo-dourados, grandes olhos escuros sob vigorosas sobrancelhas, tez finissima, d'um alvor, d'uma frescura de colorido incomparaveis! — ahi a têm descripta por si mesma. Repisa desvanecida nos proprios encantos; são-lhe frequentes as expressões: «estava linda, adoravel, arrebatadora», etc. «Quando penso no que serei aos vinte annos», exclama enthusiasmada, «faço estalar a lingua». Conta-nos minuciosas elegancias, descreve-nos as suas *toilettes*, fazendo valer o maior ou menor realce que lhe dão. Passa tempo esquecido ao espelho a remirar-se, a examinar os seus ares e attitudes, e indica-nos os que mais a favorecem. Em summa, se não podessemos reconstruir-lhe o physico, mesmo dispensando a encantadora glyptographia que acompanha a obra, a culpa não seria d'ella. E como o fim proposto é justamente o dar-se a conhecer, força é convir que a vaidade foi n'este caso um ingrediente de bom exito. Demais, a primeira impressão de enfado que nos assalta não tarda a ir-se amortecendo: vivas e sentidas descripções de outras bellezas nos fazem suppôr que a d'ella propria era apreciada como impessoalmente, com olhos de artista; e nas longas estações ao espelho vemos a vaidosa, metamorphoseada em observadora, acompanhar, nas alterações do seu aspecto, os effeitos especiaes da doença que a mina ou dos sentimentos e idéas que a possuem. Talvez lhe não concilie sympathias, mas em todo o caso despuerilisa o excesso de importancia dado aos proprios encantos, o facto de que ella os presava infinitamente como instrumentos de ambição.

Tocamos a nota fundamental d'esse organismo psychologico: uma ambição precoce, multipla, descommunal, inextinguivel: verdadeira hydra, medrando em todas as direcções, resarcindo-se promptamente de todas as desditas e desenganos. Des-

prezava os satisfeitos, como gente cega ou de rasteiros instinctos; não concebia um sentimento a que a ambição fosse estranha, e confessava altamente essa «paixão nobre», agradecendo-a a Deus, como indicio das grandezas que lhe destinava. «Gosto de subir escadas», dizia caracteristicamente, «porque me elevo».

Desde creança tivera aspirações loucas a coisas brilhantes; confusas ainda, mas immensas. Aos cinco annos enfeitava-se com flôres e rendas da mamã e, decotada, ia dançar para o salão: toda a familia então de admiral-a n'um extasi! era a grande dançarina Petipa, adorada por todo S. Petersburgo. Outras vezes — tinha uma voz promettedora — faziam-na cantar ao piano: era a primeira cantora do mundo! Depois, oradora, electrisava as massas; para conservar o throno, o tzar partilhava-o com ella, era uma soberana zelosa, estremecida, e havia entre ella e o seu povo scenas de fundente *pathos*. Ás vezes amava um ou outro heroe, que, ou a trahia, ou morria de accidente, sempre admiravelmente a horas, isto é: quando ella ia principiando a amal-o menos; das mortes lá se ia consolando, mas as traições causavam-lhe um asco, um desespero infindavel e... ella morria. Em seguida punha-se a amar outro.

Ao deixar o mundo phantasmagorico da infancia, para entrar no das sobrias realidades, em que vivem os adultos, principiou logo a sua cabecinha a cogitar nos caminhos por onde devia chegar ao apogeu desejado, triumphar, «vêr o mundo a seus pés». O precioso talisman, que devia realisar todas essas maravilhas, começou por tomar a seus olhos a fórma d'um casamento, oh! um tal casamento! Devia o noivo ser bello, sympathico e forte; possuir physica, moral e intellectualmente os caracteristicos do aristocrata; usar um nome illustre e pertencer socialmente á *verdadeira* alta roda: ella estabelece a distincção com uma insistencia e clareza amargamente expressivas; e um dos seus maiores motivos de desgosto com a mãe foi sempre o ter a pobre senhora, quer pela sua situação de mulher separada do marido, quer por deficiencia em tacto, difficultado á

estremecida Moussia [1] a apresentação que lhe convinha, n'aquella nata exquisita das vaidades humanas.

Devia tambem ser rico o futuro; «não póde haver bem-estar moral, sem que o lado material esteja satisfeito», pondera sentenciosamente Maria. Devia ser finamente educado, homem habil, ou com o tino preciso para se deixar dirigir pela sua azougada companheira.

Assim casada, tornar-se-ia o centro d'um brilhante circulo politico, litterario, elegante, beneficente, — *excusez du peu!* — Deslumbraria pela custosa e artistica magnificencia do trem de vida; seria em todos os refinamentos uma das indisputadas rainhas da moda; nos salões, apenas annunciado o seu nome, cessariam de subito as conversas e as cabeças se voltariam todas para a entrada; nas ruas, nos logares de reunião publica, um susurro acompanharia a sua passagem; seria o alvo de mil olhares de admiração, adoração e respeito, de cubiça, inveja e raiva: ella só occuparia a multidão. «A multidão, sim! ninguem é nada sem ella. Que me importa uma pequena fracção de espiritos superiores? Estou farta de obscuridade, mirro-me de inacção, aboloreço nas trevas. O sol, o sol, o sol! pouco me importa onde, como e d'onde elle venha; comtanto que venha... e não tarde!»

Frequentes vezes remata a enumeração dos seus castellos no ar com a phrase: «Deus me dê tudo isso!» E appetece dizer-lhe: *amen!* tão commovente é na sua ingenuidade e juvenil confiança.

Porque emfim, para a difficil conquista do talisman é certo que Maria não marchava, á semelhança dos heroes de magicas legendas, com armas e bagagens levissimas; contava com a sua fortuna e a sua nobreza, a que uma dóse de provinciana ferrugem não roubava fóros de legitima, para ajudar as suas incontestaveis seducções pessoaes: belleza, graça, esplendida voz; excepcional intelligencia, muito cultivada; rigorosa honestidade feminil, sob um trato ligeiro e apesar de certas excentrici-

[1] Diminutivo russo de Maria.

dades de conducta. Mas, para obter um talisman tão complexo, não basta que todas as fadas, boas madrinhas, derramem á flux sobre o berço da protegida os dons das suas fulgentes cornucopias; é precisa a cooperação de todos os genios do céo, da terra e do mar; é preciso emfim o favor do cego e supremo Acaso, para quem as fadas mais gentis poderão ser excellentes meninas, mas não têm força de empenho. Por isso Moussia chegava a desanimar. Esperava á beira do mar, attenta e anciosa, interrogando os ares, os ventos e as estrellas, vendo subir varias marés e deixando-as descer, sem fazer-se ao largo. Interrogava tambem arcanos menos simplices e baratos, as sybillas que lêem o futuro nos naipes, os videntes a frio que o lêem na palma da mão, os somnambulos que o lêem... sabe Deus onde, mas incontestavelmente alguma coisa lêem na bolsa dos credulos. As respostas, quasi sempre favoraveis, ministravam-lhe alento passageiro, mas nem por isso forçavam a mão ao destino.

E o amor? dirão. Que papel era o do amor n'esses planos? O amor não foi para Moussia. A sua intelligencia comprehendia-o, a sua docil phantasia deu-lhe occasionalmente guarida ephemera; jámais construiu elle no seu coração, como não raro no de creaturas, aliás insignificantes, o glorioso ninho, entretecido com as mais subtis e vivazes fibras d'um ser, cimentado com fragmentos de quanto o universo offerece de bello ás percepções, ninho, onde se incubam e d'onde tomam vôo os mais vividos e generosos affectos, a ponto de fazer pasmar que saiam hospedes tão louçãos, de tão toscas moradias.

Duas causas contribuiram notavelmente para essa isenção, de que ella ora se lamentava, ora se applaudia: a feição absoluta, radical, do seu espirito, que a levava a uma concepção do amor, tanto mais poetica e perfeita, quanto mais remota e intransigente, e um devorante habito de analyse, que despiedosamente lhe apontava todas as deficiencias do real, em face do ideal proposto.

« Susceptivel como sou, certos nadas, certas miserias offendem-me horrivelmente... mas vêde, lêde Balzac para essas

analyses ao microscopio; os meus debeis esforços, os meus incompletos esforços, não me farão comprehendida». «A vida sem amor é uma garrafa sem vinho — mas é preciso que o vinho seja bom!» Já vimos as condições que exigiria d'um marido... para o supportar. Para o amar, calculem até onde ellas iriam! Tambem o unico typo de homem, apto a inspirar o que ella considera *amor*, forneceu-lh'o um personagem de Ouida: *Hilarion*, especie de semi-deus, mais que humanamente poderoso e mais que humanamente amado por uma joven, bella e genial artista, *Gioia*. «Aos que me disserem que semelhante homem é uma invenção, direi que semelhante amor tambem o é. Não me venham com affirmações de que se ama gente com ordenado de mil e duzentos francos ou rendimentos de vinte e cinco mil francos por anno, gente que economisa em luvas, calcula os convites, etc. Isso já não é amor; não é, não!» Parecem-lhe casos morbidos, lastimosos delirios de que a gente satisfaz os impulsos para os curar; e se o não póde... morre ou mata. A não ser que haja o heroismo de vencer o accesso, applicando frigorifero estoicismo, ou emolliente resignação christã. Mas que têm essas desgraças de commum com o divino amor?

«Creio que nunca ficarei seriamente apaixonada, porque descubro sempre no homem a ponta da orelha: o quer que seja de comico ou desastrado, que faz parar a crystallisação». Aos vinte e tres annos, lendo Stendhal, reconhecia que, ou nunca amára, ou andára toda a vida apaixonada por um sêr imaginario; a contradicção não passa de apparente; um phenomeno explica outro.

Mas o peor resultado da sua tendencia analytica não era o desencantal-a quanto a este ou áquelle pretendente; era o ter medrado a ponto de se lhe substituir á propria vida. «Quando eu lhes servir phrases enternecidas, não vão tomal-as muito ao pé da letra. Dos dois *eu* que procuram viver em mim, um diz ao outro: sente alguma coisa, com a breca! Mas procure o segundo enternecer-se, que logo o primeiro, sempre a postos, o domina e absorve. E será sempre assim. Querem saber a ver-

dade? não sou nem pintora, nem esculptora, nem musica, nem mulher, nem filha, nem amiga: — tudo em mim se reduz a motivos de observação, reflexão e analyse. Um olhar, uma figura, um som, uma alegria, uma dôr, são immediatamente examinados, pesados, classificados, notados. Depois de escrever ou fallar, socégo: estou satisfeita».

E sentia vivamente esse vacuo interior, esse aniquilamento da vida profunda e intima, em favor da constante successão de agitações superficiaes e momentaneas. Procurava intensamente a sua essencia e não a encontrava. «Sou como agua gelada nas camadas interiores e agitada apenas á superficie, nada me deleita ou afflige realmente». «Esforço-me tantas vezes por palpar a verdade! Porque tudo o que penso e sinto parece-me exterior. Afigura-se-me que nada existe. Ainda não encontrei o que constitue a base, a essencia do meu sêr». Ás vezes chegava a perder momentaneamente a noção do real; tinha tristezas, cóleras e desesperos perfeitamente sinceros e comtudo perfeitamente voluntarios, estudados, *afinados a frio*, diz ella expressivamente: era o *eu* observador que, aproveitando qualquer impulso espontaneo do *eu* sensitivo, excitava-o, exacerbava-o, e, embebido no espectaculo que provocára, dava aqui um toque, outro além, como artista enamorado e consciencioso. Despedindo-se um dia de sua familia para uma curta viagem, só, em caminho de ferro, desatou a chorar. «Que imaginam que eu fiz? puz-me a estudar do natural como se chora».

O famoso pintor Bastien Lepage inspirára-lhe certa amizade, feita de profunda admiração pelo seu genio e boa *camaraderie*, que talvez o futuro transformasse em um sentimento mais vivo; um e outro estavam doentes, ella tisica, elle com um cancro no estomago. Maria visitou-o emquanto pôde sahir; e, quando a doença a obrigou a ficar no quarto, Bastien fazia-se transportar para junto d'ella n'uma poltrona. Essas relações são talvez o que ha de mais gentil e commovente no commercio de Maria com os seus semelhantes; pois quando lhe annunciaram que o seu amigo estava condemnado pela

medicina, o que sobrenada no grande abalo, que então sentiu, é uma curiosidade absorvente do que se passará n'ella, quando Bastien morrer, « do que será aquillo ».

Comprehende-se, que sobre semelhante alma a *grande paixão* não exercesse forte e duradouro imperio. Apenas germinava n'ella um sentimento, a garra vivisectora empolgava-o, penetrava-o, desfiava-o e restituia ao amor um cadaver profanado, do qual, a despeito da tradicional cegueira, elle se afastava com nausea e horror.

« Muito gostava de amar, para saber o que é », eis a significativa phrase que lhe arranca a sua avidez de analyse. Seu pae vaticinou-lhe que nunca havia de amar, e uma das suas victimas predilectas, um tal Pacha, resignadamente lhe asseverava que para ella o amor nunca passaria d'um capricho. Pouco tempo antes de morrer, o seu espirito encontra como de passagem a unica fórmula de amor que lhe convinha: « Alguem que me comprehendesse perfeitamente, a quem podesse dizer tudo e em cujos discursos reconhecesse os meus proprios pensamentos — percebes, pequena? isso é que seria amor ».

II

É curta e não muito sensacionante a sua chronica romanesca. Tinha ella doze annos quando endereçava a Deus a seguinte curiosa oração: « Ó meu Deus, dá-me o duque de H...! amal-o-hei e fal-o-hei feliz; serei feliz tambem e então farei bem aos pobres ». Este H..., inglez pertencente á sociedade elegante e faustosa de Nice, apparecia-lhe como a encarnação de todas as superioridades. « É alto, forte e um pouco sobre o gordo; tem o cabello e o bigode ruivo-dourados, os olhos cinzentos, pequenos e vivissimos, o queixo e o labio como os do Apollo de Belvedere. Tem uma graça tranquilla e sorridente que é só d'elle, uma sobranceria quasi insolente, feita de indifferença, um ar encantador de capricho e fatuidade crueis — o quer que

seja de Nero»: a descripção destaca nitidamente a figura e deixa-nos a scismar na singular profundeza d'aquella intelligencia infantil. De resto, a intriga amorosa nunca passou d'esta altura: ella viu-o duas ou tres vezes nos passeios; elle talvez nem tanto. Sem embargo, era o objecto de férvido culto platonico: «Amo-o, escreve a pequena com divertida seriedade, amo este duque! e elle partiu! já não tenho para quem me vestir e ir ao terraço! Pobre de mim! desejo uma sombra que nunca poderei cingir nos braços. Apoquentam-me estes vestidos; já encommendei outros de Paris; as costureiras de Nice não prestam. Oh meu Deus! tem piedade de mim! Se elle voltar para o tiro aos pombos, é indispensavel que eu vá».

N'este gosto!

Sentia-se feliz só com pronunciar o seu nome; e quando inopinadamente o ouvia á mesa, no salão, fosse onde fosse, tinha rubores, palpitações, gritinhos abafados, retiradas bruscas. «A mamã só ralhou commigo uma vez... comprehendeu, sem duvida», commenta Moussia com circumspecção impagavel. Mas não contente com ter uma amante, o malvado casou-se. Oh! os suffocares, os palpitares, os empallideceres! os calefrios, os ciumes! as lagrimas, os soluços e os desesperos! No mais forte d'esse abalo, os deveres sociaes reclamavam a importante presença da nova Dido; precisou sahir a visitas: «Vamos, dissimulemos a nossa mágoa!... trago um vestido verde, os meus cabellos são de ouro, a minha tez de neve e rosas; estou linda como um anjo — ou uma mulher».

Durante alguns annos volvia saudosa a repensar no barbaro duque e prodigalisava-lhe epithetos illuminantes: lampada, facho, estrella, etc. Pouco antes de morrer encontrou-o n'um vulgar trem de praça, transformado n'um inglez gordo com suissinhas vermelhas até o meio da cara. «Que exaltação a minha!» foi o seu epitaphio unico.

Aos dezescis, estando em Roma durante o carnaval, nasceu entre ella e um sobrinho do celebre cardeal Antonelli uma *inclinação* de que ella confessa ter-nos feito um verdadeiro romance. A quadra foliã forneceu-lhe um fundo e episodios inte-

ressantes; forneceu-lhe curiosos pormenores o mundo dos altos dignitarios ecclesiasticos, a que a familia de Pietro Antonelli pertencia: assim, o rosario que o hypocrita do rapaz, detestando os padres e o beaterio, deixava pender fóra do bolso para agradar ao pae; o tratamento a que o submetteu a mãe, quando elle teve a febre amarella, o qual consistia no engorgitar de agua benta e de papelinhos, trazendo escripto o nome da Virgem.

« Não imagina, contava elle a Maria, como estes Antonelli são duros ». E afim de amollecer essa dureza, a ponto de obter dinheiro para acompanhar aqui e alli os Bashkirtseff, o desabusado *clubman* sujeitava-se a confissões, a retiros temporarios em um convento, que faziam perder a sua amada em conjecturas, e mais tarde a moviam a risadas, apenas ouvida a explicação do eclipse. E a desprezo tambem. Depois de muito hesitar, o seu conceito fixou-se: « não passa d'uma creança: alegre, amavel, espirituoso; incrivel teimosia no meio de incrivel molleza ». Physicamente tambem a não satisfazia; embora lhe achasse um rosto bonito, parecia-lhe « mal feito, excessivamente magro, não sabendo andar, e sem *genre* nenhum ».

Ora uma rapariga, que julga tão fria e imparcialmente, não ama; com jubilo ella faz essa descoberta ao relêr-se annos depois, exclamando: « estou tão contente por vêr que nunca o amei! tão contente, tão livre, tão altiva e tão digna... do que ainda virá! » As suas palpitações de coração, ao lêr historias de cardeaes, não passavam de alvoroços da phantasia; mais tarde, quando apaixonada de pintura, sentia os mesmos phenomenos ao percorrer escriptos sobre pintores celebres. O rapaz adorava-a e continuamente lh'o repetia; a *coquetterie*, a inexperiencia, a curiosidade, a exaltação propria de annos juvenis, fizeram o resto; e não provocam mais do que um riso benevolo as longas vergonhas e arrependimentos que a ralaram, por ter concedido ao *cardinalino*, depois de entre ambos ser tratado casamento, uma entrevista na escada á meia noite, na qual lhe concedeu e retribuiu um beijo na face. Muito mais serio indicio de depravação que um e mesmo dois beijos, foi o ter sido a en-

trevista da parte d'aquella creança uma perfeita comedia, em que, actriz consummada, ella analysa constantemente a menor cambiante do seu jogo; e muito mais indecoroso do que escrever a Pietro, favor que todavia ella lhe recusou indignadissima, é o cynismo com que ella se compraz em nos distillar gota a gota no seu jornal, aquelle singular vomitorio!

A fortuna de Pietro era pequena, e a sua posição pouco brilhante; mas abria-se-lhe um futuro promettedor; aliás nem se comprehende que Maria se occupasse d'elle; infelizmente esse futuro dependia do papa e dos *duros* Antonelli, e a altiva, arrebatada Babanine não teve paciencia para supportar as hesitações e delongas, que punha em dar o seu pleno assentimento o poderoso tio cardeal. Rompeu relações, e sahiu de Roma.

Ficou-lhe d'esse *imbroglio* uma noção terrorista da omnipotencia dos «principes negros», que lhe fazia reprovar como inutil e até contraproducente, o expulsal-os legalmente de França. «A unica maneira, opina ella, de acabar com a especie, seria conceder-lhes toda a sorte de vantagens e garantias, dar-lhes terrenos, construir-lhes casas, uma cidade emfim; e quando todos os jesuitas do mundo estivessem reunidos lá dentro... fazer voar o ninho pelos ares».

Mas não pararam n'este radicalissimo alvitre os fructos do seu desengano: Maria principiou a duvidar do matrimonio como vehiculo de grandeza; já que os homens superlativamente amaveis e amantes não se encontravam tão facilmente, força lhe era elevar-se á gloria de per si, valer-se das proprias azas. Dedicar-se-hia a uma arte e dentro em poucos annos seria grande, seria celebre. Estaria ainda bella e moça; mais facil lhe seria então realisar o seu ideal. Quando não, casaria pacatamente, á burgueza, com a ajuda do seu dote. E pondera que em tal caso o melhor seria accommodar-se com algum principe italiano: um russo *comprado,* seria coisa medonha; em Paris, inutil procurar marido rico; e, a aceital-o pobre, os da Italia são mais commodos. E faz ainda outras reflexões: pasmosos dezesete annos de princeza!

Entretanto, vai *flartando* aqui e acolá, sempre dentro dos limites de inoffensiva discrição. Divindade insensivel, agrada-lhe aspirar o incenso dos holocaustos: «palavras de amor valem todos os espectaculos da terra... excepto os que a gente frequenta para se mostrar. Mas n'esses tambem se dá uma especie de hymno, de manifestação amorosa: olham-nos, admiram-nos e a gente expande-se, como uma flôr ao sol».

(Continúa).

Izabel Leite.

COMO SE FÓRMA A LENDA! [1]

A minha mulher.

1891... fevereiro... 24.

Lembram-me ainda, como se me houvessem sido contadas hoje, aquellas historias de feiticeiras e de mouras encantadas, com que a velha tia Rosa nos prendia, em volta d'ella, n'essas longas e frigidas noites do inverno trasmontano.

A tia Rosa teria, por esse tempo, os seus oitenta e tantos annos bem puxados. Dotada d'uma prodigiosa memoria, a velha era um repositorio vivo de romances, de episodios, de anecdotas e de sentenças, que constituem a tradição e a philosophia proverbial d'uma provincia.

O curioso, porém, era: que a imaginação viva da tia Rosa tão naturaes os achava, tão verosimeis lhe pareciam, que, contava como succedidos na sua aldeia e no seu tempo muitos dos romances, dos episodios, das anecdotas e das sentenças, que a transmissão oral dos seculos tem trazido até nós.

Havia na sua figurinha interessante, nos seus gestos e in-

[1] Do livro em preparação: *De leve* (*Notas na carteira de um contista*).

tonações apropriadas um não sei que de meigo, de intimativo, de solemne ou de tragico, que attrahia, impunha, deslumbrava ou estarrecia.

E nós todos — uma grande bandada de pequenos — rimos e choramos, conforme appeteceu a essa prodigiosa velhita, que tão bem sabia prender-nos em volta de si — boquiabertos e interessados — n'essas longas e frigidas noites do inverno trasmontano.

Uma vez... oh! como é agro-dôce o recordal-o! nós todos — uma grande bandada de pequenos — tinhamos combinado ir quebrar, ás pedradas, a lampada que o *Pouca-roupa*, á boquinha da noite, ia accender, invariavel e methodicamente, diante da imagem de S. Sebastião!

A proeza, com que contavamos alarmar a povoação inteira, fôra planeada com tres dias de antecedencia, pelo Victor — garoto de doze annos e o mais velho de todos nós — n'esse meio tempo em que o magusto crepitava e as castanhas principiavam de estalejar...

Jámais um segredo foi conservado tão religiosamente em cabeças de creanças. Conspiradores emeritos não poderiam, por certo, cercar de maior recato as suas reuniões, de mais absoluto sigillo o seu proposito subversivo. E se algum houve, que mal agourou da empreza ou a cujo caracter repugnasse o attentado sacrilego, um temor, um reconhecimento tacito de cumplicidade delinquente o retrahiu e conteve, senão determinado para o embate, pelo menos resignado ao sacrificio.

Na vespera, a pequena guerrilha foi reconhecer, definitivamente a liça...

A noite ia chegando; e a escuridão manchava já a alameda de velhas carvalheiras que nos haviam de emboscar. Assim, na penumbra, a extensa alameda povoava-se de mysteriosas entidades imponderaveis, que o nosso espirito — accessivel ao ma-

ravilhoso pela quente imaginação da velha tia Rosa — avolumava, chegava mesmo a corporisar, ainda que subtilmente!...

...E quando, tempos depois, a figura rachitica do *Pouca-roupa* atravessou ao fundo a alameda, a passo demorado, fazendo balouçar a lanterna mortiça e tilintar o grande mólho de chaves, um invencivel temor supersticioso nos accommetteu a todos! Não era a figurinha corcovada do *Pouca-roupa* que se nos deparava, eram as fórmas agigantadas e pavorosas de qualquer lobishomem, que se abeirava de nós, fulminando-nos na sua acção catalytica!

E o Victor, como um general que espiasse nas attitudes pouco determinadas dos seus soldados, o momento solemne em que o triumpho se escapa, soltou, a geitos de eloquente, momentosa e opportuna proclamação:

— Lá vem o *Pouca-roupa!*

A solemnisada:

«...Do alto d'aquellas pyramides, quarenta seculos vos contemplam!!» não incutiu, sem duvida, mais coragem no animo dos soldados do heroe da Corsega, do que a banalidade do garoto trasmontano logrou accender no espirito d'essa grande bandada de pequenos!

Chegou emfim o dia aprazado!

A tarde passou-se em grossos preparativos, como se tão futil empreza reclamasse os mais serios cuidados! Tudo em ordem; nada faltava. Pedras, eram aos montes, juntas dos grossos troncos das carvalheiras seculares. Á ultima reunião ninguem se escusára... Que admira, se á luz do sol o *Pouca-roupa* não passava d'um enfezado homunculo, de quem nós todos troçavamos irresponsavelmente!...

Procurando distrahir as attenções e mesmo para illudir a desesperada impaciencia, combinamos reunirmo-nos todos, como era vulgar, em minha casa, á lareira, ouvindo as historias da tia Rosa...

E demais ficava perto: cem passos, se tanto; que era isso!

— Tia Rosa?... historias; queremos historias — intimei com desembaraço de dono da casa.

— Que quereis que vos conte, meus filhos?

— Uma qualquer; nós sahimos d'aqui a pouco. Já tenho licença da mamã...

— Sahir de noite! E os lobos?!

— Os lobos! — voltei perplexo.

— Não passamos da alameda — affirmou o Victor, muito determinado.

E a velha insistiu com a perigosa e provavel apparição dos lobos. A proposito vieram uns casos de pastores devorados, a quem os malditos deixavam apenas, para reconhecimento da identidade das victimas, os pés dentro dos grossos sapatos, o largo chapéo desabado e o cajado inutil...

Necessario foi portanto restringir, que não passariamos da ermida; e que mesmo eramos muitos para que houvesse a temer os maus encontros.

— Sósinho, sou capaz de ir até lá! — farçolou o Victor.

— Não queiraes experimentar! — defendeu a velha, expressando terror.

— Pois vou já! — tornou o garoto levantando-se.

— Ó Victor, antes de ires, deixa-te contar o que d'uma vez aconteceu, na minha terra — era eu ainda bem moça — ao hereje do sapateiro hespanhol.

E a velhita, esqueletica, pondo-se de pé, contou — com invejavel riqueza de colorido, com gestos os mais apropriados, com imitações onomatopaicas impressionantes de justeza, a que, por ultimo, a propria luz dubia da lareira accrescentava o poder terrifico — contou que: n'uma altercação de valentias, na taberna do *Pintasilgo*, o hespanhol apostára, um cantaro de vinho, em como era capaz de ir espetar a faca do officio na porta da igreja. A noite estava escura como a bôca d'um lobo. Chovia, se Deus a dava! O hespanhol arrotando de forte, em-

buçou-se na capa, sahiu e tomou a direcção da porta da freguezia. O vento gemia pelas arvores, que parecia os lamentos de almas penadas rogando preces. Os que estavam na taberna, viram-no formar e empregar a facada, que produziu um grande urro! De repente enxergaram que o vulto do hespanhol dera dois passos atraz, girára subitamente sobre o lado esquerdo e cahira redondo e de borco no chão! Animando-se uns aos outros correram a *elle;* abalaram-no... O hespanhol não buliu mais; estava morto, envolto na capa e a capa presa d'encontro á porta pela propria faca do hespanhol!

Castigo de Deus!

Ai, filhos, se lhe vissem a cara de Escariote com que ficou!... Que horror! Preto, muito preto, o bugalho dos olhos a estoirar; os cabellos em pé, como se tivesse visto lobo! E a mão direita, com que elle dera a facada?! Oh! a mão direita! tinha os dedos revirados, as unhas para a palma da mão! Nunca se vira um alcijado assim!

Não fôra enterrado em sagrado! Apodrecera ás vinte e quatro horas! A aldeia estava apavorada e cheia de fedor que *elle* deitava de si, um fedor a pêz e a enxofre, das caldeiras do *Pero Botelho!*... Que castigo, oh Virgem! vestido e calçado no inferno!

Entretanto chegára a hora.

Nem um de nós ousou acompanhar o Victor. O cadaver hirto, negro, desfigurado do hespanhol, a ferver nas caldeiras infernaes — quadro que a tia Rosa, com o magico poder da sua imaginativa e feliz descripção conseguiu desdobrar á nossa vista — ridicularisou até esse outro que tanto nos enchera de terror na vespera:

... a figura corcovada do *Pouca-roupa* atravessando ao fundo a alameda, a passo demorado, fazendo balouçar a lanterna mortiça e tilintar o grande mólho das chaves!...

Ficamos. Elle, muito pallido, e depois d'um momento de indecisão, foi-se, acoimando-nos mentalmente de «poltrões».

O que se seguiu, facil é hoje de recompôr a quem, como eu, o escutou no dia immediato, pasmado e respeitoso.

Lá fóra a noite escura como a bôca d'um lobo; o vento a gemer nas arvores, como lamentos d'almas penadas rogando preces; e o frio — um frio d'essas longas noites do inverno trasmontano — a arroxear as carnes dos retardatarios.

Ao fundo da extensa alameda de velhas carvalheiras — povoadas de mysteriosas entidades imponderaveis, subtilmente corporisadas, a fulminarem, na sua acção catalytica, o Victor — a lampada a bruxulear ao sabor da ventania e a ermida silenciosa e attenta como n'um desafio!...

O garoto, caprichoso e arrojado, avançou devagar, olhando em volta, parando a cada grupo de folhas que redemoinhava, a cada pequeno ramo que cahia, a cada subtil ruido que lhe abalava a contenção nervosa.

Assim, cercado de arvores gemebundas e espiado pela lampada bruxuleante, quantas vezes não sentiria desejos de dar costas, de fugir!...

... Chamando a si toda a assustada coragem, municiou-se com alguns dos seixos que a nossa previdencia depositára junto dos troncos das carvalheiras seculares e avançou para a ermida. A distancia, fez a pontaria, despediu a pedra. A pedra, atravessando por entre os varões de ferro que defendiam a janella, se não logrou alcançar o alvo, feriu a parede opposta e veio resaltar no pavimento da ermida, produzindo um grande estrondo, alarmante, temeroso, na calada da noite e do echoar da egreja...

...

Aproximou-se; apontou de novo; atirou segunda pedrada igualmente infructifera.

Tranzido de frio e quasi vencido pelo pavor ficou-se, os cabellos eriçados! O bruxulear da lampada era como que um ludibrio á sua reputação de fundibulario.

N'um ultimo esforço abeirou-se da janella; a escarnecedo-

ra lampada estava, se tanto, a quinze passos. Agora é que não havia falhar. Se bastava, quasi estender o braço!

A tremer de frio e de commoção, apontou. A pedra arremessada com a maxima força, partiu. Porém, dando de encontro a um dos varões, tirou um som agudo, estridulo, e recochetou, vindo apanhar o proprio atirador em pleno peito!...

As arvores gemebundas, a lampada bruxuleante, as vibrações metallicas do varão, a figura esqueletica da tia Rosa, o cadaver hirto do hespanhol, tudo concorreu para vencer a coragem do Victor, que, dominado e estarrecido, largou a correr para casa diante d'esse invencivel inimigo que o apedrejava!...

Ora, se o seculo XX tivesse obrigação de possuir tias Rosas e os meus netos consentissem em escutal-as boquiabertos e interessados, como ellas lhes contariam a cara de... Escariote com que ficou o Victor!

E, dada a degeneração crescente da especie, cuido que teriam a accrescentar que o Victor, fugindo, cahira, a meio caminho de casa, já pôdre e fedorento!

F. Sá Chaves.

DIORAMA

I

Nada de pretenções! Estes ligeiros versos
Esboços naturaes, vagos *croquis* dispersos,
Que emfim colleccionei e que publíco agora,
Não têm a rima d'oiro, a rima bem sonora,
Nem talvez a palavra ardente e burilada
Que nos canta ao ouvido essa canção sagrada
Do Rythmo, e nos imprime a sensação divina
D'uma orchestra tocando um preludio em surdina...
Não! que ninguem pretenda achar conceitos bellos
N'uns versos que serão apenas bem singelos...

II

Pallidos menestreis de cabelleiras louras
Que andaveis a cantar em *poses* sonhadoras
As bellas castellãs dos tempos medievaes,
Tangendo o bandolim, todos sentimentaes,
E cuja tradição é hoje legendaria:
Tivesteis uma sorte immensa, extr'ordinaria,
Não vindo n'este sec'lo exotico e pedante,
Sec'lo no qual impera o *vil metal sonante,*
E aonde as castellãs, em vez d'um trovador,
Preferem um barão ou um commendador!

III

Como o passal do cura é branco e perfumado!
Trepadeiras em volta, as pombas no telhado,
E uma quietação suprema, inabalavel.
Certo, que o senhor cura, um velho respeitavel,
Cuja cabeça branca alveja á luz do sol,
E que não vê um pobre emfim que o não esmole,
É um velho feliz, cujo bom nome é tanto
Que tem creado até reputação de santo...
Mas moram mesmo em frente, umas reles visinhas
Que rosnam quando vão lá vêl-o umas sobrinhas...

IV

Noite silenciosa. O mar ao longe dorme.
Ouve-se o respirar cadenciado, enorme
Do peito do gigante. A espaços uma véla
Como uma solitaria e estranha sentinella
Corta as aguas de prata. E o mar então acorda
E erguendo-se espumante envolve e beija a borda
Do barco que prosegue a marcha vagarosa,
E escolta-o co' uma cauda immensa, luminosa...
No emtanto qual pupilla aberta sobre o espaço
A lua lança á scena um olhar morno e baço.

V

Como eu adoro o campo, esse tapete verde
Aonde ebrio de luz, o meu olhar se perde!
Vem já tombando a tarde. O sino d'uma ermida
Lança no espaço a nota idyllica e sentida

Do bronze. Pela estrada immensa e poeirenta
Passa uma lavandeira ao trote da jumenta.
E em grande bando alegre, os bons trabalhadores
De cigarro na bôca e de viçosas côres,
Caminham devagar, mangas arregaçadas,
Conduzindo em trophéo as pás e as enxadas.

VI

A capital suffoca. Enormes paredões
Erguem-se contornando as mil bifurcações
Das ruas. Lá de cima, o sol a prumo espalha,
No macadam chispante um fogo de fornalha.
Cheira muito a mar'zia. A custo e todo mágoa
O povoléo caminha. Homens pregôam agua.
Mas defronte de mim uma mulher heroica
Expõe em pleno sol, co' uma indiff'rença stoica
A languida cabeça e o busto delicado,
A vêr não vá passar acaso o namorado...

VII

Como a felicidade é má e egoista!
N'um flaccido abandono, e sob a minha vista,
Os noivos passam rindo um riso alegre e franco,
E ella, sustendo a cauda ao seu vestido branco
Embebe o negro olhar nos olhos fitos d'elle.
Que grupo tão feliz e tão risonho aquelle!
No emtanto, mais atraz um joven Lovelace
Caminha. Ao presentil-o a noiva occulta a face
Onde o rubor se estampa. E, ó meu pensar tão vario,
Eu penso em que é melhor ficar celibatario...

VIII

A musica produz em mim um não sei quê
De estranho. Ella tocava a *Carmen* de Bizet
Quando eu entrei na sala. O monstro de pau santo
Como uma fera a quem por mysterioso encanto
O domador subjuga, exanime, soltava
Dos dentes de marfim a nota que echoava
Na minh'alma d'artista absorta e commovida.
E uma lagrima ardente, a lagrima contida
Que queima, despontou no meu olhar. Incrivel!
Eu que odeio o piano, esse instrumento horrivel!

IX

Eu te invejo burguez boçal e corpulento
Que nunca exp'rimentaste o que é um pensamento
A martellar insano! A tua longa vida
Tem sido uma chalaça enorme e divertida.
Comes como um abbade e dormes como um justo;
Um desfalque no banco — eis o teu grande susto!
Tens predios, inscripções. E como isto não basta,
Tens uma mulher boa, affectuosa e casta
Que te adora talvez! E a tua mão callosa
Afaga d'um *bébé* a face côr de rosa...

X

A velha cathedral abre de par em par
O seu negro portão. Ouve-se resoar
A supplica d'um pobre humilde e desolada,
Que mostra á luz do dia a perna gangrenada.

E dentro, a perturbar a quietação da nave,
O velho sacristão d'aspecto nobre e grave
Passa açodadamente e com ranger de botas.
Na teia, a cochichar, agrupam-se as devotas.
E no confessionario, um padre rubicundo
Medita com prazer nas coisas d'este mundo...

XI

A baroneza é já uma senhora idosa,
Muito amiga de dar, muito religiosa,
Mas que não é beata. Os seus brancos cabellos
Formam-lhe sobre a fronte artisticos novellos,
E ás vezes através dos oculos dourados
Parecem scintillar-lhe os olhos já cansados...
Conversa muito bem. Tem graça. Hontem fui vel-a:
'Stava sentada a lêr junto d'uma janella
E não me presentiu. Na capa de *chagrin*
Do livro, pude lêr: *Mam'zelle de Maupin*...

XII

Eu tenho um cesto antigo, um cesto bem vulgar
Aonde muita vez costumo arremessar
Os meus velhos papeis, ha annos sepultados
No fundo da gaveta. Uns versos começados,
Uma carta qualquer, ainda perfumada
Cuja calligraphia um pouco complicada
Accusa mão de femea, alli jaz tudo! Tanto
Que o cesto tem p'ra mim um verdadeiro encanto,
E que não é sem um vislumbre de saudade
Que eu rasgo e lanço n'elle a minha mocidade...

*

XIII

Passa a tropa que vem d'um grande funeral.
A banda vai tocando. O estridor do metal
Irrompe pelo espaço, enorme, retumbante.
Logo atraz, segue a passo, o velho commandante.
E o sol que se espaneja em ondas esbrazeadas
Arranca chispas d'ouro ás folhas das espadas.
No emtanto, um capitão de buço retorcido,
Trota com ar gentil, todo desvanecido,
A ruminar talvez, com certa commoção
Que ainda póde vir a ser Napoleão!...

XIV

N'uma rua da baixa, um velho alfarrabista
Vende com ar velhaco, a bibliotheca mixta
Que tem no vão de escada: « Os classicos diversos,
Sciencias, livros d'arte, os bons romances, versos,
Tudo em segunda mão ». No seu olhar matreiro
A cubiça reluz na esp'rança do dinheiro.
E elle, que vende bem e por preço elevado
Féval, George Ohnet e o Montépin safado,
Compra por desfastio e com desdens crueis
Os livros de Flaubert; e dá quarenta reis...

XV

A doença embrutece. Ha oito dias sinto
O que qualquer Musset, emborcador d'absintho,
Deve sentir após contínuas libações.
Sou, como um manequim sem nervos nem tendões,

Que um machinismo impelle e faz mover a custo.
Bebo, finjo que como, e durmo como um justo.
Aborrece-me tudo. Os livros, os jornaes
Detesto-os. Não trabalho. Uns versos bem banaes
Levam-me tempo immenso a martellar, e nada!
Como é bom ter saude e a bolsa recheiada!

XVI

A alcova é toda azul. Ao canto o leito d'*Ella*
D'uma brancura estranha. Uma pequena téla
Recorta na parede a fronte immaculada
Da Virgem, que agonisa, inerte, resignada.
A lampada suspensa e prateada, entorna
Na mysteriosa alcova uma luz baça e morna.
Longe, n'uma peanha e todo em *biscuit*
Cruza um satyro as mãos sobre a barriga e ri.
Quebra de vez em quando este socego enorme
A pendula n'um *tic* eterno e uniforme.

XVII

Inverno. A chuva cae, contínua, impertinente,
Tocando na vidraça uma canção plangente.
A rua larga, escura, é como um lago d'agua
E no vão d'uma porta uma mendiga! A Mágoa
Cresce no seu olhar faminto e já sem brilho,
E emquanto estreita ao peito o pequenino filho
P'r'o resguardar talvez da asperrima nortada,
A velha estende em vão a sua mão gelada
Á Caridade. Ó mundo! e a Caridade passa
No fôfo d'um *coupé,* sem vêr essa desgraça...

XVIII

Bairro mais que modesto. As casas muito brancas
Respiram honradez pelas janellas francas.
No meio da calçada, herculeos e trigueiros,
Martellam sem cessar os rudes calcetteiros.
Varinas d'olhar negro, a mão sobre o quadril,
Passam mostrando um todo audaz e varonil.
No entretanto um velhote alcachinado, obeso,
Que a custo vem vergando ao seu enorme peso,
Lança-lhes com disfarce a vista cubiçosa
Sobre a perna roliça, um pouco musculosa...

XIX

O outono vem despindo os arvoredos. Ninhos
Deixam de palpitar nas urzes dos caminhos.
Uma tristeza enorme e desolada pesa
Como uma nuvem negra em toda a Natureza.
E emquanto as folhas vão juncando sem cessar
O sólo devastado, eu que sinto tombar
Tambem a pouco e pouco as crenças da minh'alma,
Comparo-a mentalmente á Natureza calma,
E esta melancholia immensa que me envolve
É como a nuvem negra e nunca se dissolve!

XX

A feira regorgita. Em cima d'um tablado
Um palhaço já velho, exotico e caiado
Grita co' uma voz rouca e n'um tom de falsete:
«Vae já principiar! Comprem o seu bilhete!

A vêr! A vêr!» No emtanto a companhia passa
Com bellos ouropeis. Ao vêl-a, a populaça
Solta uma exclamação de pasmo. A musical
Inferneira d'um bombo e d'uns sons de metal
Irrompe atroadora. E p'rante aquella scena
Guincha um macaco e ri d'uma maneira obscena.

XXI

Ás vezes ao lançar os olhos p'lo passado
Tão ermo d'affeições, tão triste e desolado,
Aonde não brilhou um clarão d'esperança
Nem cantos de mulher, nem risos de creança,
Que me dessem a paz e a luz do seu carinho;
Eu que encontrei a Dôr de pé no meu caminho
A perseguir-me sempre, inexoravelmente,
Eu sinto uma saudade immensa e persistente
D'essa época fatal, que o tempo arrebatou
E que não volta mais, pois nunca mais voltou!

XXII

Um poeta qualquer da geração antiga
Póde não ter talvez nada que se lhe diga,
Ser um homem de bem, uma bella pessoa,
Incapaz de insultar aquelle que o magôa
Ou de matar a mosca infame que o morder,
Mas o que com certeza elle não póde ter
É força p'ra fugir á classica rotina
E ser um Genio em vez de ser um *papa-fina*.
Existe ahi porém gente que applaude e lê
Serpa, o dôce Vidal e o luso Beranger.

XXIII

Como quem vai fumando um maço de cigarros
E fica a contemplar os turbilhões bizarros
Do fumo que se evola em nuvens pelo espaço,
Assim eu fui tecendo, alegre, sem cansaço
Estes versos banaes, que acabarão talvez
Por desequilibrar os queixos d'um burguez
No bocejo fatal, enorme e vingador
Com que um burguez esmaga um bardo massador.
E assim como esse fumo, hão de voar dispersos
Na prosa d'esta vida, os meus ultimos versos.

Lisboa, 1891.

Eduardo Pacheco.

CONTO DO MOINHO

— Então vossemecê é que era o dono d'este moinho? — perguntava um homem com apparencia de lavrador modesto a um mendigo abancado á mesma mesa da taberna engendrada nas paredes d'um moinho ao abandono.

Chovia. Dentro, no conforto egoista dos recolhidos, o taberneiro, pingando-lhe o nariz, medindo decilitros ao balcão, e a mulher cozinhando a uma lareira de achas que estalavam e aqueciam a mescla de hervas e caldo na panella, d'onde sahia o fumo confortante para a humidade da casa-terrea; o mendigo que fôra moleiro olhando para a espuma de meio litro de vinho que lhe pozeram diante, e o homem que ia alli combinar a venda de dois novos cascos e agora mastigava pachorrentamente sobre o prato de chispe com chouriço de sangue.

— Ó snr.ª Maria, traga lá uma rolinha para o moleiro beber este meio litro.

A mulher arrastou os tamancos até á mesa e depôz a tigela do caldo a que o calão dá o pittoresco nome. O outro, confortado, respondeu ao curioso que tinha sido o moleiro do moinho havia vinte annos.

Hoje tocava os sessenta. D'uma cara com rugas lustrosas no baço da côr torrada do sol e suja por uns pêllos ralos e quasi brancos, sahia-lhe o olhar vago que expressava a vida he-

sitante de vencido. Vivera com a mãe, alli, n'aquelle chão em que agora bebia. Elle sempre fôra bebado. Entrava no moinho altas horas, atirava-se sobre a enxerga, emquanto a velha vigiava para o chamar a mudar as velas quando mudava o vento. Era um inferno, ás vezes. Elle grunhia, praguejava; a velhita invocava o céo e as trevas, a Virgem e o diabo, para o fazer levantar. Quando elle ia a Lisboa com a fileira dos machos carregados de farinha, voltava de lá ainda em peor estado.

A mãe deitava cartas e sabia o livro de S. Cypriano. De dia vinham consultal-a as raparigas de Campolide, da Cruz das Almas e até das Amoreiras! A Rosa de Campolide, filha do serralheiro, desejava saber se o soldado da guarda municipal, que lhe comprára um annel de coral na feira das Amoreiras, casaria com ella. Tinha o meio mais simples. Embrulhava doze vintens na ponta do lenço e dirigia-se á Thereza do Moleiro para lhe deitar as cartas. A tia começava as invocações, não esquecendo o sacramental «S. Marcos te marque, S. Manso te amanse, etc.»; e deitava as cartas. Vinha, por exemplo, uma dama de ouros, que era a Rosa, uma dama de espadas, que era uma mulher de más palavras e intrigante, um tres de copas, que significava boa surpreza, o az do mesmo naipe, que queria dizer calumnia, e, emfim, o valete de paus, que era o soldado. Thereza explicava: a mulher de más palavras gosta do homem e calumnía Rosa, mas elle tendo tentado esquecer a Rosinha, é forçado a apparecer-lhe — como vês por este tres de copas que significa surpreza — e casam.

Gabava-se tambem de ter prophetisado a fuga d'uma fidalga, que ao tempo morava na casa do Junot — o enorme casarão á esquerda das portas da cidade e onde o general era visitado pela condessa da Ega. Um rapaz do commercio tinha de olho a menina destinada pelo pae a individuo da sua origem. Logo não podia vêr tal namoro e ministrava a Leonor os mais estranhos e crueis castigos, improprios d'um «pae extremoso» — que assim se appellidava nos conselhos de familia e na hora solemne do chá com torradas o snr. Rodrigo de Mello Soares Coutinho, enternecido. Bem. Leonor decidiu mandar sorrateira-

mente vir Thereza e pediu-lhe que deitasse as cartas. Veio a tia, e depois da operação, explicou que as cartas diziam que só o rapto podia entregar Leonor a Augusto — pois que o dois de paus misturado com o tres d'espadas queria dizer lucta e muita lucta; porém o seis de ouros era escada e significava que a dama do mesmo naipe, que era Leonor, é bem de vêr, tinha de descer, se quizesse tombar nos braços do caixeiro. Tão convincentes foram as sortes, que d'ahi a tres dias a menina fugia com Augusto, e o extremoso pae, depois de ter mandado nocturnamente sovar o fatal raptor, consentiu — premio de consolação — no enlace, afim de remediar os inconvenientes sociaes.

Thereza, quando o moinho começou em decadencia por causa dos «malditos engenhos da cidade» — tinha designado as fabricas — sentiu-se penetrada de desanimo e começou praticando com fervor a religião. Um dia ouvira uma pratica na ermida da Cruz das Almas — os sinos tanto repicaram *dlim, dlão, dlim, dlão,* que conseguiram ferir um echo na surdez dos seus setenta e seis annos — e decidil-a a ir á festividade. Levou a alma de peccadora e trouxe o espirito de arrependida. Era na quaresma: fez confissão geral e, persuadida de que o deitar cartas era um medonho peccado, que um padre, do pulpito da Cruz das Almas, não hesitára em fulminar, inutilisou-as e apegou-se de devoção á Senhora da Agonia e ao Senhor Jesus da Boa Sentença.

Quando os moinhos soffreram o inicio da guerra que lhes arrancou as velas e deu aos arrabaldes de Lisboa, d'antes tão alegrados pelo aspecto das casitas alvejando no meio dos cerros e da verdura, o espectaculo de desolação e abandono, faça-se justiça ao Pedro Moleiro: — elle luctou contra a corrente — e chegou mesmo a fazer a dois padeiros da rua dos Douradores um discurso energico de murros no balcão. De dia quasi não provava o vinho. Chegava-se á porta do moinho e fazendo pala com a mão para tapar o jorro do sol, espraiava a vista pelos arredores; olhava para os Sete Moinhos, para os Terremotos, para a Senhora Sant'Anna, para os Arcos, para o Monsanto, e cada dia a sua curiosidade tinha um desalento mais

prostrador, uma irritação mais apunhalante. Pouco a pouco, das dezenas dos que trabalharam, viam-se aqui e além, um ou outro moinho que andava, que luctava. Eram os obstinados que tentavam alentar — ainda! — aquelles que a má sorte já prostrára. Quando o sol jorrava toda a clara animação d'um dia de maio sobre a herva verde, pascida pelos bois, mastigando-a com a sua paciencia de resignados, e ovelhas desinquietas que saltavam os vallados, apesar das pedradas certeiras dos guardadores; quando esse sol cahia sobre a terra, esboroada aqui, semeada além, nos dias em que o barulho dos riachos, os echos das encostas, o chiar dos carros, toda a agitação da natureza e dos animaes, toda a seiva, todo o vivificar, contrastava com a tristeza das moradias, em cima das serras, aos portaes appareciam caras espantadas de desesperados, de inertes, o olhar extatico dos que vêem os que têm vida e trabalho, com a inveja dilacerante e inexprimivel.

Morreu-lhe a mãe, uma noite. A ausencia! a ausencia! o abandono! o abandono! Só, sem alma com força para soffrer mudo o doloroso isolamento de desintellectualisado, a quem a mesma pobreza remediante ameaçava transformar-se, com a rapidez d'um abysmo inevitavel, em miseria prostradora: elle nada vê, a nada olha, a nada attende. Vendeu o moinho a um qualquer que lh'o adquiriu por bagatella com que pôde sustentar-se um anno, se tanto. Depois mendigou; e hoje — outro depois que tem quinze annos — mendiga ainda. Oh, mas está resignado. O vinho, o vinho é um bom vicio, acariciador e meigo, que não abandona os infelizes e a que elles se apegam com o frenesi tenaz dos naufragos. Elle ahi está na casa que foi sua, saboreando-o e comprimentando o lavrador pela boa colheita.

— Traga lá mais meio litro para o tio Pedro, snr.ª Maria, ordena o homem que lhe soubera a vida n'aquella meia hora de excitação.

— Ora Deus lh'o pague! diz o moleiro.

E reanima-se. Se elle, que anda por alli e que tem a enxerga n'uma estalagem proximo de Palhavã, não havia de vir

dar os seus passeios, mitigando saudades, aos sitios que o viram feliz! A snr.ª Maria e o seu homem têm dó do velho e dão-lhe os restos da comida que era mal empregada nos cães. É verdade os cães são bravios e alertos, pois que a cada passagem dos freguezes pelo carreiro do quintal, ladram com insistencia. E estão ainda ladrando, emquanto Pedro explica que têm caridade com elle, desde que um dia alli appareceu, depois d'uma ausencia de mezes, e viu o seu antigo moinho com signal de vida e feito casa de comer.

O olhar avermelhado pinga-lhe um sôro de commoção.

— Traga lá mais meio litro para o tio Pedro, ordena o prasenteiro sujeito, levantando-se.

— Muito obrigado a v. s.ª, rouqueja o moleiro, encostado á mesa, segurando com a mão a testa pendida e coçando com dois distrahidos dedos a crespuda cabelleira. E esgazeia o olhar para o liquido que barra a tijela; e bebe.

O lavrador põe mais seis vintens de vinho á disposição do seu amigo moleiro, e vai-se, deixando-o agarrado á banca, pensativo, scismatico, a barba pingada, a bôca arrotando baforadas quentes da combustão da fornalha interior.

— O tio Pedro tomba-nos debaixo da mesa e não nos sae de lá por hoje, observa a snr.ª Maria ao companheiro domestico.

— Ha de sahir, que em anoitecendo ponho-o fóra.

O discutido emborca os dois meios litros e resta inertemente olhando, olhando, no seu olhar vidrado de saudoso e de bebado, n'um extase feliz e comprehendido. Lá o levantam e o aconselham a que vá para casa, que se vá deitar. Convencem-no. É noite. Chove ainda. Uma chuva empurrada pelo vento zenidor entra-lhe nos ossos e dá-lhe, depois de encharcar-lhe os poucos trapos que o cobrem — ou o descobrem — uma sensação de mau estar. Treme. Encosta a cabeça pelos muros e bordeja. Vai descendo d'escantilhão a estrada de Campolide e, á esquerda, vê lume e pára. São os fornos de cal do Domingótas, onde a enorme fornalha deixa vêr a labareda rubra e tentadora. Cada vez treme mais — o moleiro. Alli dorme, ás vezes, quando o vi-

nho o não deixa chegar a Palhavã. Palpa o chão: está confortavel, está môrno. Uns palmos adiante, os dois fornos ou os dois buracos, deitando o calor que tenta, n'aquella noite de chuva açoitada e de vento uivante. Prostra-se ahi, bem conchegado, na atmosphera convidativa. E ronca em breve.

Mas parece que o dormir foi um tanto agitado, porque de manhã, quando um dos forneiros acordou estremunhado e foi examinar se os fornos estariam frios, deu com um homem lá tombado. Tiraram-no para fóra, apalparam-no, escutaram-no, sacudiram-no. O outro forneiro conhecia-o. Depois veio mais gente: todos concordaram que era o Pedro Moleiro e que estava morto.

M. Caldas Cordeiro.

Á PEQUENINA GUIDA

Não ha encanto no mundo
De mais suave expressão:
Visão de Graça num fundo
Feito de amor e perdão.

Pequenina miniatura
De um delicado missal,
Escripto pela Ventura
Com tinta primaveral,

A dôce luz dos seus olhos
Erra dolente, a cantar,
Como nas moitas de abrolhos
Se estende um manto de luar.

Se ella passa — que harmonia! —
Dentre as ramagens em flôr,
Na rosea sélva irradia
Um mar de som e de côr.

Nos beiraes, as andorinhas
Perguntam quem ella é:
Sonham servil-a sósinhas
Num pequenino *chalet*,

Onde em noites encantadas,
No seu idioma gentil,
Possam cantar-lhe as balladas
Dos astros, no mez de abril.

Um ramo de balsamina
Sonhou que um dia viveu
Dentro da flôr pequenina,
Naquelle lirio do céo...

E de azul que elle então era,
Logo ao romper da manhan,
Fez-se mais branco — ó chimera! —
Do que uma alma christan...

Disse o rio, com meiguice,
Um dia, ao entardecer:
— Se ella em meu seio cahisse,
Nem a molhava sequer...

E um Poeta, um Visionario
Que adora os poentes leaes,
Perdido num mundo *vario*,
De *variedades*... reaes,

Vendo a flôr dos Universos,
Mais alva do que o marfim,
Prendeu-lhe estes pobres versos
Nas azas de cherubim...

1891 — Lisboa.

Joaquim de Araujo.

TRES DIAS EM DJEDDAH [1]

II

No dia seguinte, immediatamente ao almoço, largámos para terra. Lanzac, persistindo no proposito que até então se me figurára simples brincadeira, teimou em ficar a bordo. Não houve considerações, nem pedidos capazes de o demoverem d'essa caturreira, impropria da sua idade e contraria á habitual annuencia a todas as diversões que se lhe propunham, quando não partiam da sua iniciativa, que na verdade era o que de ordinario succedia. Ao proprio Mac-Ennery, apesar do antagonismo que os distanciava, nunca havia recusado complacente páreo no jogo da malha, com que o rubicundo insular provocava a elaboração do chylo trabalhoso pelas avantajadas ingestões de *corn beef* e *boiled mutton*, amplamente regadas n'um diluvio de *pale ale*, a que no glossario da sua voracidade correspondia o modestissimo nome de jantar.

A bisbilhoteira ociosidade de bordo deu fóros de phenomenal acontecimento á obstinação de Lanzac, que aliás me parecia não ser caso para tantas quebradeiras de cabeça. Noventa e nove por cento dos compromissos de um coração tão soluvel como o producto das plantações de Nossi-Bé que os fomentavam, podiam resolver-se pela formula — *cherchez la femme*. O x da incognita encontrava-se facilmente, dada a hypothese de que a

[1] Continuado da pag. 478.

bordo não havia beldade que podesse desviar em beneficio proprio o fumo do incenso queimado pelos camarins dos cafés cantantes de Port-Said. Logo ou o desprendimento mundano apparentado por Lanzac era um ex-voto pendurado mentalmente nas aras da deidade viennense, ou a infallibilidade algebrica é um conto da carochinha. Conheço, porém, um proverbio arabe que diz: — esconde os teus projectos, os teus thesouros e o teu caminho, — e como a experiencia me convenceu da vantagem de acatar as maximas e os preconceitos do povo, entre que accidentalmente me encontre, evitei mostrar que me assenhoreára de um segredo que me fôra occultado.

A travessia até á praia fez-me por vezes scismar nos azares de uma excursão pelo deserto tanto, quanto a subida de curiosos em balão captivo póde equiparar-se á vertiginosa corrida do aereonauta, perdido na infinidade do espaço. Apesar de ainda não serem dez horas da manhã, o calor era offegante, e grossas bagadas de suor nos escorriam pelas faces ao mais ligeiro movimento. O sol dardejava sobre nossas cabeças ondas de fogo, cujas labaredas deveriam andar diluidas no ar que respiravamos. É certo que o *simoun* não levantava sob nossas pegadas torvelinos que ameaçassem sepultar-nos entre camadas de areias esbrazeadas, nem havia receios de algum bando de beduinos cahir de improviso sobre a nossa indefeza caravana, como alcateia de lobos esfaimados. Sentiu-se, todavia, o supplicio da sêde, que a ardencia do sol tornava excruciante, porque a provisão da agua, que se mettera no bote, esvasiára-se por entre as resequidas aduellas do barril em que fôra guardada. Para maior contrariedade subito estremecimento seguido de um roçar arrastado ao longo da embarcação, foi o triste annuncio de havermos encalhado; sendo o menor dos perigos que nos ameaçavam termos de ficar á espera que o fluxo da maré de novo pozesse o escaler a nado.

Felizmente que não nos sahiu o caso tão feio como ao principio se antolhára. É certo que com algum trabalho, sempre os remadores foram conseguindo safar-nos do baixo, de sorte que, depois de pouco mais de duas horas de trajecto, abi-

cámos á praia no ponto que mais se presta a caes de desembarque.

Passada a porta da cidade, a que uma sentinella turca se encostava somnolentamente, entramos n'um pequeno largo em que a concorrencia era mais que extraordinaria. A cada passo tinhamos de fazer alto, encolhendo-nos uns contra os outros para dar passagem a récuas de camellos, que os conductores atiravam sem maior reparo sobre quem se não apressasse a desviar-se ao grito que de tempos a tempos soltavam. Excessivamente polidos e attenciosos estes senhores guias de camellos!

Atravessado o largo á custa de varios e variados abalroamentos, seguimos por umas sujas veredas em torcicollos, a que o euphemismo arabe se compraz em chamar ruas. Tortuosas e sombrias comprehende-se que o sejam n'um paiz em que o sol tem a pertinacia de um flagello; a conveniencia, porém, de as aproveitar para monturo de despejos, é problema para ser resolvido com mais vagar pelos enthusiastas das maravilhas do Oriente.

A medida que me embrenhava n'essa encruzilhada de beccos e travessas, desfazia-se a agradavel impressão que, do mar alto, me havia causado a risonha perspectiva de Djeddah. E no emtanto um consideravel numero de habitações revelavam uma certa preoccupação artistica, traduzida no esmero do lavor dos portaes, no rendilhado dos rotulos dos balcões e nos arabescos pintados á similhança de azulejos.

Pela garganta de um d'aquelles interminaveis beccos desembocamos no principal bazar da cidade, que, ao contrario do que deveria suppôr-se em relação ao seu renome e importancia, não passa de uma rua tres ou quatro vezes mais larga e um pouco mais direita que as ordinarias.

Um toldo de taboado fórma uma especie de abobada que protege o terreiro contra os raios do sol; mas o que se ganha em sombra perde-se na recrudescencia da temperatura, em resultado do obstaculo opposto á renovação do ar atmospherico, e se outro tanto não digo a respeito da circulação da aragem, é porque me ensinaram a não murmurar de ausentes.

*

As lojas que ladeiam o bazar em todo o seu comprimento, poderiam sem grave offensa chamar-se pocilgas, tanto pelo acanhado do ambito, como pelo desalinho com que as mercadorias se acham amontoadas a trouxe-mouxe. É para notar que sendo este o maior bazar da cidade, é aquelle em que se acha insignificantemente representada a producção oriental, occupando um logar proeminente os artigos mais ordinarios da industria europeia, especialmente no genero contaria e pechisbeque. Uma guloseima, que na abundancia da offerta rivalisa com a massa de tamaras sêccas e a compota de conserva de rosas, é a do milho estalado ao calor do brazido, a que em algumas das nossas provincias se dá o nome de *freiras*.

De resto, o que no bazar me pareceu haver de mais confortavel são os cafés, em numero de cinco ou seis, não obstante esse conforto dever ser considerado n'um ponto de vista relativo.

N'um d'aquelles cafés uma caixa de musica moía a acompanhamento obrigado a tambores e campainhas, a *Casta Diva*, da Norma. Só um ouvido arabe supportaria tal charivari; mas eu, que não sou arabe, não me incommodei muito com elle, porque me transportára nas azas da phantasia desde os cafés cantantes de Port-Said até aos botequins de *camareras* em Lisboa, postos par a par no lisongeiro prisma por que os via a minha saudade. E olhei sorrateiramente para o interior do café arabe na esperança de surprehender os lascivos requebros d'essas famosas *bayadeiras*, cujas faces têm o branco mate das perolas, e os olhos scintillações roubadas ás estrellas do céo. Em vez das alegres sacerdotisas da Volupia appareceram-me, na mais hedionda das realidades, uns achavascados barbaças, tontos e dorminhocos como serventes das bodegas da Alfama.

Na Arabia tudo tem a sua lenda. O café, que se tornou uma das primeiras delicias na vida sensual dos orientaes, não devia ser exceptuado. Não o foi: e até mesmo póde affirmar-se que a gratidão dos arabes se manifestou na diversidade das lendas que celebram a superioridade dos seus attributos. Para amostra contarei a que me pareceu mais vulgarisada.

Refere a lenda que n'outros tempos um velho *molah* (er-

mitão), passando a noite em rezas e vigilias, antegostava em vida as delicias do setimo céo, reservado por Allah aos seus bemaventurados.

Eblis (o satanaz mahometano) para o tentar atormentava-o com um soporifero torpôr, que lhe cerrava as palpebras e interrompia as suas orações.

Desde esse tempo o *molah* nunca mais sentiu as dôces alegrias d'outr'ora, e na mágua que o compungia implorava o propheta que lhe revelasse o meio de triumphar das ciladas do inimigo.

Um dia o anjo *Namús* appareceu-lhe sob a fórma de um pastor, e mostrando um cafezeiro, disse-lhe que as suas cabras, quando comiam o fructo d'aquelle arbusto, passavam a noite inteira berrando e saltando, como se andassem soltas pelo campo.

O *molah* colheu uma grande porção de bagas, e mal chegou a noite, bebeu a infusão que com ellas preparára. D'ahi por diante, nunca mais a irresistivel somnolencia teve força para o desviar das suas rezas.

Conhecedor do segredo do providencial arbusto, o *molah* ensinou-o aos derviches que, por seu turno, o transmittiram a todos os crentes.

Mas *Eblis,* que não se dá por vencido com a primeira derrota, fez com que ao paladar musulmano fosse tão grato o aroma do café, que os filhos de Mafoma começaram a trocar as mesquitas pelas casas em que o precioso licor lhes era servido.

Debalde o corpo dos *ulémas* anathematisou o abuso da bebida, cujas virtudes haviam sido contraminadas pela sapa do vicio; os crentes jámais olvidaram a sua origem divina, e ainda hoje consomem o melhor do seu tempo, saboreando o fragrante nectar que tem o condão de fazer esquecer as miserias da vida.

Se alguma coisa ha de verdade na lenda, é inquestionavelmente a ultima parte. Eu presenciei repetidas vezes a assiduidade com que os orientaes frequentam essas casas, que são engodo para a perdição das suas almas, que talvez não valham muito, e para a renuncia á posse das *hurís,* que decerto valem

infinitamente mais. Vi-os bastas vezes enfileirados ao longo das paredes dos cafés publicos, acocorados sobre modestos divans ou encruzados sobre alcatifas consumirem horas esquecidas no voluptuoso passatempo de acompanhar a dilecta beberagem com os haustos do *narghilé* sempre acceso, cujas espessas nuvens fumarentas iam seguindo com olhares distrahidos nas ondulantes espiraes phantasticas em que ellas se vaporisam, até de todo se confundirem no ambiente.

O grande aperto e o cansaço que experimentavamos, não nos permittiram um exame minucioso ao bazar. Felizmente não distava já muito o alojamento que nos fôra destinado, aliás faltar-nos-hia o animo para arrostar com a onda movediça, que se nos interpunha pelo caminho adiante.

Mr. Hickson, agente da companhia *British India*, era um dos primeiros exportadores do famoso café do Yémen, conhecido nos mercados pela designação de café de Moka. A sua casa, pelo menos na apparencia, era das melhores, senão a melhor de Djeddah. Construida ao gosto europeu, tinha comtudo os pateos interiores, as largas varandas e os espaçosos eirados das habitações arabes. Era isso mais um attestado do genio pratico inglez, que sobre a base das commodidades patrias sabe ir adaptando as que lhe póde proporcionar o meio a que o transporta o seu humor ashaveriano.

Ao rés do chão, o escriptorio e os armazens; era o recinto exclusivo das operações commerciaes, porque fóra d'ahi Mr. Hickson seria tudo quanto quizessem, menos homem de negocio. Pelo primeiro e segundo andar distribuiam-se os quartos particulares do dono da casa e dos seus empregados. No terceiro continham-se os aposentos destinados á vida em commum, quero dizer, salas de recepção e de jantar; excentricidade que julgo justificavel pelo facto de estar o seu pavimento ao nivel dos terraços dos predios contiguos, e por isso considerar-se o local mais fresco e arejado de toda a casa. Foi para ahi que nos conduziram.

Este andar era de uma construcção completamente original. Assentava n'uma espaçosa galeria, prolongada por todo o

comprimento do edificio sobre um terço da sua largura. As paredes exteriores d'este recinto, quer a da frente quer as lateraes, eram formadas por um seguimento de rendilhadas gelosias mouriscas, interrompidas de espaço a espaço por elegantes pilastras de madeira. Toda a galeria estava dividida em tres compartimentos, sendo o do meio o mais vasto: os dois restantes, n'um pavimento superior, eram isolados por tres amplos arcos, ao centro dos quaes descia uma larga escada, em meia laranja, formada por uns cinco degraus, atapetados de felpudas alcatifas persas. Dos vãos da arcada pendiam em vasos suspensos vistosos festões de orchideas e saxifragas; e nos remates dos degraus enfileiravam-se formosas talhas de Japão antigo.

O corpo central, onde vinha dar a escada de communicação com os andares inferiores, era a sala de jantar. Ao meio via-se uma mesa elastica, rodeada de cadeiras de nogueira americana, que na solidez e falta de elegancia denunciavam manufactura de origem britannica. No topo, á esquerda, era o mirante que dava para o mar. Estava ahi montado um tripé com um comprido oculo de alcance; duas estantes com livros, uma dunkerque carregada de curiosidades, duas ottomanas e algumas cadeiras de balouço, completavam a guarnição d'este aposento, improvisado gabinete de estudo. Do lado opposto era o salão que, áparte a ausencia completa de estofos, cortinados e reposteiros, tinha os ornatos e a disposição de qualquer dos seus congeneres da commerciante *City*.

Mr. Hickson, depois de nos acompanhar ao salão, desculpou-se por ter de ir tratar dos seus negocios, a que a chegada do paquete dava sempre um extraordinario movimento. Recommendou-nos antes de se retirar, que nos distrahissemos conforme podessemos, examinando as suas collecções artisticas, os seus albuns e os seus *keepsakes;* e incumbiu Ismail, *drogman* do consulado, de nos fazer as honras da casa, ou de nos acompanhar no caso de querermos dar uma volta pela cidade.

Mac-Ennery desceu com o seu compatriota ao escriptorio da agencia, pelo que lhe deveriamos ficar muito reconhecidos, porque francamente Mac-Ennery sem Lanzac apresentava-se-

nos sob a desenxabida apparencia de uma lagosta a que falta o condimento de appetitosa *mayonaise*. Ficamos, por conseguinte, nós os portuguezes como em familia.

Por volta das quatro horas, como me parecesse que a força do sol declinava, convidei os companheiros a um passeio, para que aliás me pareceram pouco dispostos. Ambos pretextaram achaques que os impediam de sahir. Tomando-lhes mão da palavra, não insisti no convite, porque me sorriu a idéa de vagabundear a meu bel-prazer; e deixando-os em companhia — um da sua enxaqueca, outro da sua nevralgia, — sahi com Ismail.

Era o *drogman* um desalmado polyglotta, que professava pela correcção calepina a antipathia que o seu propheta nutrira pelo toucinho. O verboso mixtiforio da sua lavra poderia tomar-se por um arremedo da confusão linguistica de Babel. Imagine-se por consequencia quão prestimosos seriam os seus serviços de *cicerone*.

Pelo caminho julgo que me foi contando a historia da sua vida, de que fiquei percebendo, que nascera em Alexandria; que viera ainda muito novo para Djeddah em companhia de seu pae, o qual achando-se ao serviço do consulado francez, fôra assassinado na fatal noite da *Saint-Barthélemy* arabe. Se não foi isto positivamente o que o homem me contou, andava por ahi muito proximo.

Como tinha pressa de satisfazer a incumbencia de Lanzac, pedi a Ismail que me levasse ao bazar; mas elle, conhecedor das manhas indigenas, conduziu-me a uma loja, situada n'uma rua escusa, onde me asseverou que faria melhor negocio do que no bazar grande.

Nunca me persuadiria effectivamente que n'aquella ordinaria barraca estivessem accumuladas tantas preciosidades, se durante quasi meia hora não tivessem passado ante meus olhos riquezas que fariam inveja á favorita do *padischá*.

Não sei por onde se entrava para esta loja, elevada talvez um metro acima do leito da rua. Não vi porta que lhe desse accesso. O comprador tinha de subir a um estrado de madeira encostado á parede, d'onde através das janellas fazia acquisição

dos objectos que desejava; e não obstante o incommodo processo, affluiam alli os compradores á espera de vez, como ao balcão do bilheteiro os *aficionados* em dia de tourada de fama.

Quando ia a retirar-me com as minhas compras, senti mão estranha segurar-me o paletot que trazia vestido. Voltei-me apressadamente, pensando que a pratica Inglaterra, na expansão de uma bem conhecida industria nacional, se havia lembrado de aproveitar a concorrencia dos romeiros de Méca, enviando a Djeddah habeis representantes da philantropica associação de allivio ás algibeiras do proximo.

Em substituição, porém, do louro *pick-pocket*, que esperava apanhar com a bôca na botija, deparou-se-me uma preta carapinha, cujo possuidor, longe de se mostrar acobardado por ser descoberto em flagrante, começou por estender-me os braços como para me estreitar n'elles, proferindo algumas palavras para mim inintelligiveis, mas que pelo modo por que eram proferidas pareciam expressar um vivo contentamento.

Perguntei a Ismail o que dizia aquelle homem na sua algaravia.

— Diz que é um irmão, respondeu o *drogman*.

Um irmão!? A que proposito vinha esse inesperado parentesco, cuja revelação me produziu o effeito de uma bomba rebentada de subito sob meus pés? Ismail percebeu decerto na minha physionomia indicios do espanto que de mim se apossára e accrescentou logo:

— Irmão na fé... um christão da Abyssinia [1].

[1] A introducção do christianismo na Abyssinia foi devida a S. Frumencio, natural de Tyro e fallecido em Axum no anno 360 da éra christã. Dois seculos depois os abexins seguiram o nestorianismo, scisma dominante no Oriente, onde os seus proselytos eram denominados *christãos de S. Thomé*. Derivou d'ahi, segundo penso, a supposição de que fôra este apostolo quem convertera os abexins, na sua passagem para a India.

Depois da commoção politico-religiosa por que passou a Abyssinia nos meiados do seculo XVII, de que resultou a perseguição e expulsão dos portuguezes e o morticinio de alguns dos seus missionarios, que novamente attrahiram aquelle povo ao gremio catholico, os abexins cahiram na heresia do monophysitismo, que apesar de condemnada pelo concilio de Chalcedonia, ainda hoje domina no Egypto.

Nunca tive pretenções a doutor da egreja para perder o meu latim, demonstrando a Ismail que tal parentesco só por coito damnado poderia advir, desde que um antigo concilio oppoz impedimentos ao consorcio da orthodoxia catholica com o scisma monophysita de Eutyches. Agitava-se em meu espirito uma outra ordem de idéas, que mais naturalmente occorrem a quem na terra do exilio sente, por suggestiva affinidade, despertarem-se-lhe as recordações da patria, que a ausencia e a incerteza do regresso tornam cada vez mais saudosa e estremecida.

Causou-me verdadeiro orgulho vêr appellidar-me por irmão esse preto maltrapilho, pária na sua terra e escravo fóra d'ella. A imprudencia do irreflectido appello devia contar por mais certo o attrahir sobre quem o fazia a animadversão de todos os fanaticos musulmanos que nos rodeavam. Era por isso que via n'elle a sinceridade do preito prestado á memoria de um punhado de portuguezes que, sobrelevando na audacia e nos resultados do commettimento a aventureira expedição de Jason e os trabalhos sobrehumanos de Hercules, arrostaram com os supersticiosos terrores da edade-média para arrebatar aos escarpados barrancos do tenebroso continente e ás tormentas de «mares nunca d'antes navegados» o segredo do lendario Preste João das Indias [1].

[1] A lenda do Preste João das Indias, vulgarisada na Europa pelo meiado do seculo XII, referia-se a um poderoso monarcha, que florescia n'uma remota região da Asia, na Tartaria ou no Cathay segundo uns, para além da Armenia e da Persia, no dizer de Marco Polo.

Os portuguezes, encarregados por D. João II e D. Manoel de descobrir a paragem d'este potentado e estreitar com elle relações de amizade, illudidos pela coincidencia do *négus* da Abyssinia professar como aquelle o nestorianismo e reunir cumulativamente as funcções de soberano e de sacerdote, deram-lhe o titulo de Preste João, julgando ser elle o representante do lendario personagem.

Ha tambem quem attribua o equivoco dos antigos portuguezes a um mal entendido do appello feito nos recursos ao *négus* nos termos: *rête ó djan-hoi* (ouve, ó magestade).

Os orientalistas modernos crêem que Preste João é o nome europeu de Togrul-Ung-Kan, chefe da tribu mongolica dos Keraítas, convertido ao christianismo pelos nestorianos, que o baptisaram com o nome de João, conferindo-lhe em seguida as ordens sacras.

Era de crêr que n'outro meio não me preoccupasse como então, a idéa de que o ruidoso contentamento que o misero abexim manifestava, invocando a nossa um tanto duvidosa confraternidade espiritual, podesse obedecer aos impulsos de outro sentimento mais mundano, despertado no impressionavel coração ethiope á voz de algumas gottas do sangue de João Peres da Covilhã ou dos expedicionarios de D. Christovam da Gama.

Dois nomes, quasi deslembrados pela historia, e que só por si dão eloquente testemunho do que foram e do que valiam portuguezes, comparados áquelles que, seguindo-lhes as pisadas, imaginam excedel-os, não chegando sequer a igualarem-se-lhes. João Peres da Covilhã, o primeiro europeu que penetrou na côrte da Abyssinia para firmar um tratado de amizade, que foi sellado com a renuncia do regresso á sua patria: D. Christovam da Gama, que com o sacrificio da propria vida assegurou á dynastia christã dos *négus* a integridade do territorio invadido pelos potentados musulmanos que o rodeavam!

Ainda hoje a orgulhosa Albion celebra com encomiasticos louvores a passagem do exercito de sir Roberto Napier através dos desfiladeiros da Abyssinia, o que o proprio heroe de Magdala proclamou como « uma missão espinhosissima que a rainha e o povo da Inglaterra lhe haviam confiado ». Como o glorioso feito se reduz a mais modestas proporções, ao recordarmos que trezentos e vinte e sete annos antes, os quatrocentos marinheiros de D. Christovam da Gama, sem os recursos da moderna arte de guerra, sem os dispendiosos preparativos de antemão accumulados e sem o auxilio de estradas e caminhos de ferro, atravessaram os mesmos desfiladeiros, disputando cada encruzilhada ás forças triumphantes do *cheik* de Zeilah e dos turcos seus alliados, ao passo que os quatorze mil soldados do exercito inglez eram acolhidos como amigos pelos vassallos descontentes do tyranno Theodoro! [1]

[1] Para tornar mais frisante o confronto entre as duas expedições, accrescentem-se os seguintes pormenores:

Depois de ter expurgado o mar Vermelho da frota dos turcos que se aprestava para nos atacar na India, ancorára D. Estevam da Gama em Massuah, quan-

Emquanto a minha imaginação seguia após estas saudosas reminiscencias, o abexim expandia o seu jubilo em loquazes demonstrações, que pouco a pouco tinham attrahido em volta de nós a turba dos transeuntes. Cahindo então em mim, comprehendi que não seria prudente continuar a chamar a attenção dos circumstantes, que já deixavam transparecer o descontentamento que esta scena lhes causava. Ismail creio que pensava da mesma fórma, pois que por vezes me havia reiterado o convite de aproveitarmos o curto espaço de tempo que nos faltava para a hora do jantar. Conseguiu por fim o cauteloso *drogman* que o attendesse; e pozemo-nos a caminho depois de eu ter deixado escorregar nas mãos do meu abexim o cubiçado *bekhechich* (gorgeta) que em todos os paizes, e mais ainda no Oriente, é optimo remedio para matar saudades.

Tendo manifestado a Ismail o desejo de vêr de perto o tumulo de Eva, levou-me á porta de Méca, assim chamada por

do recebeu o pedido de soccorro do *négus*, a quem o *cheik* de Zeilah, senhor já de grande parte da Abyssinia, fazia uma cruenta guerra.

D. Estevam confiou a seu irmão D. Christovam a força expedicionaria, composta de 400 homens escolhidos entre o pessoal da armada, dos quaes 150 ficaram sob as ordens immediatas do chefe e os restantes foram divididos por cinco companhias commandados por Manoel da Cunha, João da Fonseca, Francisco e Onofre d'Abreu e Francisco Velho. Esta pequena força levava comsigo 8 peças de artilheria (2 berços grandes e 6 pequenos) e 100 mosquetes encarretados. Os animaes de carga para transporte do material de guerra e viveres foram os que pôde fornecer um *dedjaz* (nobre) encarregado pelo *négus* de acompanhar a expedição, que se effectuou em julho de 1541, isto é, na época em que o calor e as chuvas tornam mais difficultosa a marcha.

Esta força teve de seguir através de um paiz completamente desprovido de recursos, em que a agua que se colhe nos poços parece greda liquefeita, e em que os caminhos eram tão impraticaveis e os desfiladeiros tão ingremes que no dizer de um chronista «em alguns logares foi necessario descarregar os camellos e mulas que levavam a artilheria e munições para os soldados as passarem ás costas». E como se tudo isto não bastasse para difficultar a empreza, os invasores até então triumphantes sahiam em embuscadas contra os expedicionarios de D. Christovam da Gama, que perderam n'esses recontros mais de metade da sua gente, incluindo o proprio chefe. Reduzidos a 130 homens conseguiram ainda assim os portuguezes reunir-se ao exercito do *négus*, incutir-lhe o animo que já lhe

estar na direcção da cidade, que teve a dupla gloria de ser berço do propheta e do islamismo.

N'um dos angulos do terreiro que a precede, e ao abrigo de um vasto alpendre, sustido por toscas pilastras de madeira, notei um numeroso ajuntamento de crentes, encruzados como de costume em cima das esteiras que juncavam o sólo. N'aquelle agrupamento, uns escreviam sobre os joelhos em largas tiras de papel, outros seguiam com imperturbavel attenção os complicados hieroglyphos que a penna do escripturario ia traçando pachorrentamente. Disse-me Ismail que era alli o edificio do correio, onde os escreventes publicos costumavam vir fazer a correspondencia dos seus clientes. A mim tinha-se-me ao principio figurado um banco de ferrador de aldeia.

Ao passarmos diante do correio, suspenderam todos a sua tarefa, olhando-nos com ar de desconfiados, como se estivessem persuadidos que pretendiamos devassar os seus segredos. Não

faltava e finalmente coadjuval-o na consolidação de uma nacionalidade prestes a succumbir.

A expedição ingleza, aproveitando os conhecimentos que já havia do paiz e a experiencia do major Grant, um dos exploradores das origens do Nilo, foi planeada com grande antecedencia e de fórma que podesse realisar-se na quadra menos tormentosa e insalubre do anno. Foi assim que a campanha principiou em fevereiro de 1868 e já se achava terminada em maio do mesmo anno.

Cinco mezes levaram os engenheiros a construir o caminho de ferro que ligou a costa com as montanhas sobre que assenta o planalto que propriamente constitue a Abyssinia, e uma estrada de carros entre Sénafé e Zullah.

A expedição ingleza ia provida de apparelhos para distillar a agua dos poços afim de a tornar potavel, e de todas as provisões e recursos para qualquer eventualidade, que sem olhar a despezas foram encontrados na India, na Syria, no Egypto e até em Hespanha.

O pessoal combatente da expedição compunha-se de 500 officiaes de todas as armas; 4:500 soldados europeus e 9:000 cypaios, divididos pela seguinte fórma: 4 regimentos de infanteria europêa e 10 de cypaios; 5 baterias de artilheria; 1 companhia de engenheiros europeus e 7 de sapadores indianos.

Acompanhavam esta força 27:000 carregadores e auxiliares; 2:500 cavallos de sella e tiro; 16:000 muares; 1:600 cavallos de carga; 1:800 burros; 7:000 bois de tiro e 44 elephantes.

Com todos estes elementos, só por fatalidade deixará alguem de ser heroe!

me sentindo lisongeado com a suspeita de espionagem, que sobre mim pesava, afastei-me rapidamente sem poder examinar, como desejava, esta curiosa repartição do serviço postal ottomano.

Chegados á porta de Méca, tinhamos em frente de nós um deserto com o seu estendal de avermelhadas areias até se perder de vista no longinquo horisonte. A distancia talvez de dois kilometros, levantava-se o muro do pequeno cercado que rodeia o monumento, onde a crença popular assevera guardarem-se as cinzas da mãe do genero humano. Sobre este muro, excepcionalmente caiado de branco, debruça-se a cópa de umas rachiticas tamareiras que avultavam em todos os seus contornos com tal nitidez que as julgariamos ao alcance das mãos por um effeito de optica vulgarmente observado n'aquellas planuras sem fim.

Não se imagina como me vi satisfeito por me julgar livre de apertos e de contratempos causados pela mais rancorosa de todas as vigilancias! Até que emfim podia mover-me á vontade e ser senhor das minhas acções, o que não conseguira ainda desde que havia posto pé n'aquella negregada terra, que se me ia tornando insupportavel como um pesadelo! Respirei o ar rarefeito, que vinha do deserto como lufadas de uma furna em ebullição, com a sofrega voluptuosidade com que o prisioneiro, ao sahir da masmorra, haure a plenos pulmões a aragem que rescende ao grato aroma dos campos e da liberdade!

— Então, vamos? disse com impaciencia ao meu guia, vendo-o preparar-se para encher o cachimbo com a vagarosa pacatez, que esta delicada operação exige a todo o bom musulmano.

— Vamos aonde? perguntou elle fleugmaticamente.

— Ao tumulo de Eva, está claro!

— Não pensemos n'isso. É impossivel.

E antes de lhe perguntar o porquê, principiou elle a dar as suas razões. Em primeiro logar os beduinos, que andavam farejando ao redor das muralhas o passageiro que tivesse a im-

prudencia de sahir desacompanhado de imponente comitiva. Depois aproximava-se a hora do jantar, a que Ismail parecia muito empenhado que eu não faltasse, talvez principalmente para elle não faltar. Por ultimo a eventualidade de pernoitarmos fóra de portas, se não tivessemos tempo de voltar antes do sol posto, occasião em que se fecham para só se abrirem ao romper da manhã.

E como apesar de todas estas sensatas ponderações, me mostrasse contrariado por me parecer que Ismail com a velhacaria congruente com a respeitabilidade do seu caracter exaggerava de caso pensado os inconvenientes de uma excursão, que por qualquer motivo não lhe era agradavel, poz-se-me elle a moer a paciencia com uma descripção tendente a mostrar que ainda lhe devia ficar agradecido por me evitar uma canceira sem compensação possivel.

Aqui deixo o sentido das palavras do meu guia; e se a narração por elle feita não corresponder á verdade dos factos, sirva o meu depoimento para eterna execração da fraude de que, a meu pezar, me tornou connivente aos olhos da posteridade.

O tumulo de Eva não é sumptuoso como o do grande Mehemet-Ali, nem lugubre como o do austero sultão Haçan, nem magestoso como o do propheta, sobre cuja veneranda fronte desça a benção de Allah, clemente e misericordioso.

É pobre e triste como deveria ser a vida da que por sua desobediencia foi expulsa do paraiso.

Duas paredes parallelas, a distancia de seis passos e com duzentos de comprimento, encerram o corpo da mãe da humanidade. Oitenta passos a contar dos pés está uma pedra quadrada em que uns grosseiros traços pretendem figurar o umbigo de Eva; um zimborio, caiado de branco, resguarda esta pedra do rigor do tempo.

Diz a tradição que Eva, como boa musulmana, está sepultada com a face encostada á mão direita, voltada de frente para a santa Kaába, os pés para o norte e a cabeça para o sul.

A avaliar pela descripção que Ismail acabava de fazer, e segundo o seu proprio testemunho, nada de notavel me pareceu que podesse haver no jazigo, que a minha phantasia d'outra bem differente fórma imaginára. E ainda que não destoasse tanto do meu ideal, todas as suppostas magnificencias ficariam a perder de vista, comparadas ás assombrosas proporções da corpulencia da primeira mulher e á perspicacia do coveiro, a não ser que por um toque sobrenatural lhe fosse intuitivamente revelado o logar em que o patriarcha Abrahão havia de edificar o templo, que serviu de alicerce a Kaába mahometana [1].

Ismail, percebendo que a sua narrativa não me desviára da idéa que elle se esforçára por desvanecer, procurou distrahir-me por uma diversão similhante á que ama solicita emprega para a creança esquecer a teima por um brinquedo que se lhe nega. Entreteve-me a contar historias, porque me conhecia a predilecção que eu tinha pelas lendas do seu paiz. Eu ri-me interiormente d'aquella inoffensiva artimanha, ao passo que a mim mesmo ia perguntando em que escóla de philosophia aprenderia Ismail o aphorismo de que o homem não passa de ser uma creança em ponto grande.

Ismail, apontando para um morro, erguido a pequena distancia, disse-me com a emphase de que se servia nas occasiões solemnes:

— Aquelle serro nem sempre foi arido e triste como hoje se mostra. Tempos houve em que as palmeiras o sombreavam com a sua ondulante coma, e as estrellas do céo se espelhavam nas aguas do regato que alli serpeava entre renques de euphorbias e mimosas, como reptil de escamas prateadas n'um taboleiro de verdura. Mas um brado de maldição, repercutido de echo em echo, passou por alli como a furia desoladora do

[1] Houve já quem dissesse que a primitiva Kaába fôra edificada pelos anjos no céo, servindo de modelo á que Adão construiu mais tarde, depois de expulso do paraiso. Esta opinião é insustentavel, porque é o proprio Koran que attribue a Ibrahim (Abrahão) a fundação da Kaába, como póde vêr-se no vers. 215 da *surata* (revelação) I, feita em Medina.

Khamsin, e tudo ficou submergido no immenso mar de areias que se alonga a nossos olhos.

Esta é a lenda do deserto de Djeddah.

Era uma vez *cheik* dos derviches Hadji-Omar. Um dia caminhava elle acurvado sob os ardentes raios do sol e rijamente fustigado pelas nuvens pulverulentas que se erguiam da estrada. A sêde resequira os seus labios, a fadiga alquebrára-lhe as forças e o suor escorria em camarinhas pelas suas faces.

Á beira da estrada alastrava-se viçoso melancial, prenhe de refrigerantes fructos que o dono andava abrigando do calor sob a ramada de sêccas folhas de palmeira. Hadji-Omar parou supplicante em frente do feliz proprietario.

—Irmão, disse elle, em nome de Allah, clemente e misericordioso, dá-me uma d'essas melancias, que nas minhas orações lhe rogarei te cumule de prosperidades.

—Guarda lá as tuas rezas para quem t'as encommende e t'as agradeça, respondeu o outro na habitual rudeza para com os necessitados. Troca-me essa moeda que não corre por bons sequins de lei, e verás como te vendo as minhas melancias.

—Sou um pobre derviche mendicante; nunca possui dinheiro de meu. Sinto-me exhausto de forças; abraza-me a sêde, e uma só das tuas melancias bastaria para me reanimar.

—Deixa-me em paz! Não sustento ociosos, nem favoreço a calacice. Vai teu caminho; poderás encontrar por ahi algum poço que te refrigere, e não precisarás de te aproveitar do suor alheio.

Em vão o derviche se humilhou, redobrando de instancias; o mau homem não se condoía do infortunio dos outros. Foi então que, erguendo os olhos para o céo, Hadji-Omar exclamou:

—Allah, grande e omnipotente! Tu que no meio das areias do deserto fizeste brotar a fonte Zemzem para dessedentar Ismael, pae dos verdadeiros crentes, permittirás que uma das tuas creaturas morra de sêde e de fadiga?

Apenas o derviche havia proferido estas palavras, uma co-

piosa chuva cahiu do céo e o saciou, refrescando-o até á medulla dos ossos.

Á vista do milagre, o avarento reconheceu que tinha na sua presença um bemaventurado, aceito a Allah, e cortando uma melancia, lh'a offereceu ainda constrangido.

— Guarda para ti os fructos da tua horta, homem sem caridade, e que elles se tornem tão duros como o teu coração, e a terra que os creou tão esteril como a tua alma.

E logo as melancias se converteram em pedregulhos, e o chão n'um areal safaro e maninho.

Esta lenda, inspirada no que de mais sublime e amoravel ha na essencia do christianismo — a caridade e o amor do proximo, parecerá apocrypha aos que julgam que o islam santifica a incontinencia nos costumes, a insensibilidade na alma, o obscurantismo no espirito e a intolerancia na consciencia. É uma erronea supposição, que aceita como consequencias naturaes da fé as aberrações e, mais ainda, as depravações mysticas do fanatismo. A moral do Koran só accidentalmente differe da do Evangelho, porque Mahomet não foi um innovador no sentido generico da palavra, com um pouco menos de impostura seria quando muito o precursor de Luthero. Por mais que o propheta queira imprimir-lhe o cunho da inspiração divina, o mahometismo não passa de ser a mais ou menos disfarçada adaptação dos principios fundamentaes do christianismo aos costumes e tradições dos povos mais ou menos nomadas do Oriente. E se fôrmos a avaliar o espirito e a influencia de uma religião pelos erros e crimes commettidos em seu nome, como será julgada a caridade evangelica, accendendo as fogueiras do santo officio, — a piedade christã, arrastando á pia baptismal creanças roubadas ao amor de seus paes, — e a tolerancia catholica, trucidando á falsa fé milhares de victimas por uma divergencia de orthodoxia?

Emquanto Ismail me ia contando a sua lenda, dirigira-se pausadamente para o interior da cidade, seguindo a linha das muralhas. Eu acompanhava-o sem pensar sequer no que fazia, porque toda a minha attenção era pouca para decifrar o senti-

do das suas palavras. Ao terminar a narrativa, achavamo-nos junto de um pequeno reducto meio derrocado, por onde uma larga brecha escancarada daria facil accesso a sitiantes. Não me contive que não notasse a Ismail esta particularidade, perguntando-lhe se não receiavam que entrassem alguma noite por alli os beduinos, acampados extra-muros?

Ismail, apatetado com a minha pergunta, ficou pensativo. Quiz parecer-me que nunca pelo seu pensamento havia passado a idéa da possibilidade de uma tal occorrencia. Á vista do seu espanto, se o testemunho de tantos viajantes não fosse accorde em attribuir áquelles temidos salteadores do deserto uma audacia excepcional, diria que a imaginação arabe os tinha inventado para papão de creanças e desmancha-prazeres de forasteiros a que não se desejava satisfazer todos os caprichos. Mas não... o fatalismo faz adormecer os espiritos de que se apossa na cega confiança de que só acontece o que tem de acontecer. Se algum dia a cidade fôr invadida e saqueada por uma horda de bandidos, só então se cuidará de lhes tapar as entradas. Bem te conheço, imprevidencia, herança que nos ficou em casa desde a antiga dominação arabe!

Já o *muezzin* fazia a primeira chamada para a oração da tarde, bradando do alto das mesquitas em monotona cantilena: « Deus, Deus grande. Deus é Deus e Mahomet o seu propheta ». Ismail, voltando-se para o lado de Méca, descalçou as suas chinelas em signal de respeito; em seguida cruzou os braços sobre o peito e fez a sua oração, acompanhada de profundas reverencias. Finda a reza, cortámos em direcção ao consulado britannico.

Ao dobrar a esquina da primeira rua em que nos embrenhámos, lobriguei um vulto humano estacado em frente de uma casa de nobre apparencia. No primeiro andar havia uma gelosia aberta, a que assomára um busto de mulher. Do busto destacou-se um braço para deixar cahir alguma coisa que não cheguei a distinguir. A gelosia cerrou-se logo após; o vulto curvou-se a apanhar o objecto cahido, e desappareceu rapidamente na encruzilhada das travessas circumvisinhas.

*

Tudo isto passou ante meus olhos no vago de uma visão phantastica. Se não tivesse a certeza de que estava acordado, diria que fôra um sonho. Mas sonho ou realidade, impressionára-me devéras aquella scena romanesca. Romanesca? quem poderia asseverar que o fosse? A varanda das odaliscas não se presta facilmente aos devaneios do balcão das Julietas.

Ismail, que nada observára, teimava a entreter-me com historias de que não percebia palavra, absorvido como estava n'um labyrintho de conjecturas, que, a meu pezar, me preoccupavam.

De repente, quasi ao chegar a casa, um raio de luz perpassou no meu espirito. Foi bastante para me esclarecer. Podia bradar o meu *eureka*.

O vulto que tinha visto, reconhecia-o agora. Era Lanzac.

(Continúa).

Augusto Sarmento.

IDÉAS E FACTOS

Summario: *A influencia da Hespanha na litteratura franceza e européa,* por F. Brunétière — *Saint-Marc Girardin, pedagogo,* por Th. Froment — *As aspirações inglezas,* por W. F. Stead — *Auctores portuguezes que escreveram em castelhano,* por D. Juan Valera — *A cozinha nacional,* philosophia e historia — *Os americanos afidalgam-se,* por John D. Champlin — *Os judeus na Russia,* por um anglo-russo.

A influencia da Hespanha na litteratura franceza e européa

Critica de F. Brunétière aos *Études sur l'Espagne,* de A. Morel-Fatio

A litteratura franceza, e mesmo a litteratura da Europa, em geral, devem duas coisas á Hespanha: o sentido do *cavalheiresco* e o do *romanesco.* Os *Amadis* tiveram em toda a Europa e particularmente na França, na côrte de Francisco I, de Henrique II, a fortuna que antes d'elles nenhum romance tinha tido, fosse em que lingua fosse. Para explicar este successo, basta que nunca tivesse havido romances mais *romanescos* nem mais *cavalheirescos.* Nunca houve romances mais *romanescos,* porque nunca se deu uma parte tão bella e tão larga ao que a vida, em todas as condições, por mais uniforme, monotona e regrada que seja, encerra de imprevisto, que escapa ao calculo, illude todas as previsões, e zomba da prudencia. E não será talvez isto mesmo a definição do romanesco? Nunca houve romances mais *cavalheirescos,* porque em nenhuns os golpes inesperados da fortuna acharam sempre um heroe mais bem prepa-

rado contra elles; com mais confiança em si, na força do seu braço, na virtude das suas armas, na grandeza da sua coragem, na justiça da sua causa; mais dedicado, de profissão, como o bom cavalleiro de la Mancha, ás victimas das traições da sorte; — nem, de resto, entre tudo isto, mais galante, mais sentimental e mais amoroso. Se os *Amadis* deveram, sem duvida, uma grande parte do seu triumpho ao que tinham de hespanhol, com certeza deveram uma outra ao que continham de maravilhosamente proprio para agitar as imaginações.

Devem ainda uma outra parte ao que havia n'elles de conveniente e de analogo á disposição geral dos espiritos no seu tempo. Se o *cavalheiresco* e o *romanesco* são necessidades do espirito humano, nunca a litteratura tinha cuidado tão pouco em satisfazel-as como, havia um seculo, na França e na Italia. Nem Boccacio é romanesco nem tão pouco Machiavel; e não se dirá que havia qualquer coisa cavalheiresca no romance de Rabelais ou no *Grande testamento* de Villon. É preciso não confundir o romanesco com o poetico. A Italia do seculo XV era poetica, sem duvida; ainda nos parece mais poetica a distancia; mas era principalmente naturalista, profundamente naturalista, no mais largo sentido da palavra; e era necessario que o fosse para poder luctar contra o espirito ainda sobrevivente da Idade-média. A França, essa era unicamente realista. Os *Amadis*, com o seu maravilhoso, restituiram as azas e o vôo ao devaneio. Appareciam na hora propria para satisfazer a necessidade que temos de esquecer algumas vezes a nossa condição — de abrir a janella, em certo modo, para respirar um ar mais puro, para abraçar um horisonte mais vasto. — Estabelecendo a religião do ponto de honra, se assim póde dizer-se, contribuiram talvez para reintegrar qualquer idéa de justiça n'este mundo novo, que então estava em caminho de fundar-se sobre o interesse como a sua unica base. E entre as razões do seu successo, não me espantaria que esta, que é a mais alta, fosse tambem a mais provavel ou mesmo a mais certa.

Os dramaturgos francezes do seculo XVII procuraram imitar a união do cavalheiresco e do romanesco, que constitue a

originalidade do drama hespanhol. Para fallar apenas de um dos maiores, o auctor do *Cid*, não concordarão que tem mais do que uma parte d'um auctor hespanhol? Como elles, como Calderon e Lope da Vega, é *romanesco*, e como elles, é *cavalheiresco*. Tem o gosto das acções que elle mesmo chamava implexas e que melhor se chamariam inverosimeis. Como o d'elles, o seu dialogo é brilhante, o seu estylo muitas vezes precioso e muitas vezes emphatico. Os seus heroes, como os do drama hespanhol, levam voluntariamente a religião do ponto de honra até á superstição, pois que a levam até ao crime. E, sem duvida, tem qualidades que os outros não tem. As acções dos seus heroes são raciocinadas, não obedecem ao impulso do temperamento ou do prejuizo. A dureza hespanhola tempera-se entre elles com um pouco de humanidade. O que os seus individuos poderiam ter de excessivamente inverosimil, disfarça-o habilmente, indo pedil-o emprestado á historia. As suas intrigas, quasi sempre, ao mesmo tempo que são «acções illustres», assentam sobre qualquer d'estas grandes questões que devem interessar a humanidade inteira. Tem talvez mais respeito pela sua arte que Lope e Calderon. Mas, além de tudo isso, tem qualquer coisa de hespanhol. Deve aos seus modelos um pouco d'este ar de grandeza que reina em todo o seu theatro. Seria menos *romanesco* se tivesse seguido menos os seus modelos, e é fóra de toda a duvida que seria tambem menos *cavalheiresco* — pois vemos que em Hespanha os proprios maltrapilhos são ou foram cavalheiros.

Seriam um estudo curioso as relações do espirito *cavalheiresco* com o genero que se chama *picaresco*. Deveremos crêr que ha uma poesia da desordem e do roubo? Que os Cartouche e os Mandrin sejam a seu modo especies de cavalleiros errantes, um genero de vingadores de offensas? Ou antes diremos que á maneira que uma sociedade se compõe e organisa, os cavalheiros d'outr'ora são os maltrapilhos de hoje? Rodrigo foi pelo menos um homem terrivel para se encontrar na estrada. Não póde haver uma maneira singular de entender o ponto de honra, que seria não fazer coisa alguma com os seus dez de-

dos, e, como Lazarillo de Tormes ou Estevanillo Gonzales, sem ter eira nem beira, querer viver como gentilhomem? Hoje, este ponto de honra levaria facilmente a sua gente á penitenciaria ou ao degredo! No tempo de Carlos v, diz-nos a historia que a levava igualmente á conquista do Mexico e do Perú. Mas, qualquer que seja a causa, é certo que ha uma relação entre os *Amadis* e os romances picarescos. São os productos do mesmo tempo, d'uma mesma civilisação, do genio da mesma raça.

O romance de costumes, este genero de romance que, sem desprezar uma justa combinação das aventuras, se applica e prende de preferencia á representação das diversas condições dos homens e da vida familiar quotidiana, veio de Hespanha. Minudencias até então reputadas um pouco baixas e quasi inconvenientes, mas que abundam precisamente no romance picaresco, o que se come e o que se bebe, e a maneira de o arranjar, foram julgadas litterarias por Le Sage no *Gil Blas*, não sem causar certo espanto e escandalo. Fielding mesmo, e Smollett, Smollett principalmente, o menor dos dois, imitaram-no sem duvida á ingleza, mas imitaram-no. Marivaux imital-o-ha tambem, não pondo muitas vezes em scena, nos seus romances e nas suas comedias, senão intendentes, lacaios, aldeões mais ou menos *parvenus*. O romance realista gostou sempre de demorar-se pelas cozinhas e pelas ante-camaras, onde de resto não é impossivel que, como o proprio Gil Blas, se aprenda muito sobre os costumes dos patrões.

Esta idéa de pôr a narração na bôca do lacaio ou do escudeiro, a unica especie de homem que n'aquelle tempo podia passar d'uma condição a outra, creado hoje d'um fidalgo que não lhe pagava, e que quando muito o sustentava, ámanhã quasi secretario do arcebispo de Granada ou semi-confidente do confidente do herdeiro da monarchia, veio de Hespanha. De lá vieram tambem a dureza da satyra e do gracejo que Le Sage sem duvida moderou, mas que nem por isso deixam de apparecer no *Gil Blas*. E porque não fariamos derivar da mesma fonte esta seccura que ainda agora caracterisa o romance rea-

lista? No mundo dos picaros não ha muito logar para as effusões do sentimento; e é de resto um caracter da litteratura hespanhola carecer muitas vezes ou mesmo habitualmente da humanidade. As *obras* de Santa Thereza ou as de Santo Ignacio de Loyola não fariam prova d'isto, se fosse necessaria?

A grande originalidade da litteratura hespanhola é ter salvo, no tempo da Renascença, e mais tarde ter transmittido ao resto da Europa, quasi tudo o que merecia ser salvo do ideal da Idade-média. O romantismo allemão, no seculo em que estamos, tentou qualquer coisa analoga; mas veio muito tarde; dois ou tres seculos de cultura classica deviam condemnar a tentativa a um mau resultado. Na Hespanha — e não obstante Cervantes — a tradição não se interrompeu. Não deixando de tomar a sua parte no movimento da Renascença, nenhum paiz, nenhuma litteratura soube preservar melhor a sua inteira originalidade. Ajudava-os sem duvida a sua situação no extremo da Europa, e principalmente as condições do seu desenvolvimento historico. Mas basta que o facto seja certo. Assim, todas as fórmas do *romanesco* e do *cavalheiresco*, por toda a parte contrariadas, mais ou menos sujeitas á imitação do modelo grego ou latino, desenvolvem-se alli livremente. Até ao meado do seculo XVII, quer dizer, até ao principio da sua decadencia, a Hespanha manteve o ideal da sua idade heroica. D'ahi a originalidade da sua litteratura; é a unica que verdadeiramente se tenha desenvolvido por si, sem interposição de modelo estranho, conforme o seu livre genio. D'ahi a natureza da sua influencia: o ponto de honra hespanhol impediu talvez o naturalismo italiano de invadir as litteraturas modernas. E d'ahi tambem a affinidade secreta do romantismo com a litteratura hespanhola se, na Europa inteira, o romantismo se define e caracterisa pelo esforço que fez para reatar, além da Renascença, a cadeia da tradição da Idade-média.

Saint-Marc Girardin, pedagogo, por Th. Froment

(*Le Correspondant*)

I. ELOGIO DO BURGUEZ. — II. PERIGOS DA INSTRUCÇÃO

I. Respondendo a uma carta do seu amigo Doudan, preceptor na familia de Broglie, Saint-Marc Girardin faz n'estes termos o elogio do «burguez»:

«E na verdade, depois de todas as aristocracias de maneiras, de estylo, de tom que V. se arrogou, só lhe faltava essa aristocracia de má saude! Viva com o seu corpo, meu amigo, é por meio d'elle que se vive... Porque emfim quando D. Quixote está doente, não é razão para que Sancho Pança o esteja tambem. Este bom Sancho, este admiravel typo do bom senso burguez, nunca V. o amou do coração; tomou-o por uma caricatura, emquanto que é a regra eterna do verdadeiro e do bom. A *burguezia*, meu caro duque, a *burguezia!* Só isso nos salva. Na litteratura seja burguez; porque não terá nem falsas exaltações, nem investigações amphiguricas, nem gaiatice premeditada. Em politica seja burguez; não terá nem declarações revolucionarias, nem superstições realistas. Em moral seja burguez; terá uma linda mulher e lindos filhos, que tornará felizes sem trabalhos, nem sacrificios, nem dedicações exaggeradas. Na saude seja burguez; porque só se julgará doente quando devéras o estiver. Na amizade seja burguez; porque não se julgará só, e, sem quebrar a cabeça com idéas melancolicas, dirá: pois que amo, sou amado; porque é assim que isto se faz... Quando se ama, não se está só. Só os egoistas estão sós; porque esses não têm a força que attrae...»

II. «Pela palavra decadencia, diz Paulo Bourget, que é especialista na materia, designa-se o estado d'uma sociedade que produz um numero excessivo de individuos improprios para os trabalhos communs». Este estado, que os poderes publicos em nossos dias procuram augmentar com uma deploravel ceguei-

ra, inquietava, desde 1835, o patriotismo esclarecido de Saint-Marc Girardin. Comprehendia que a educação é um problema nacional, mas que não é no grau mais ou menos elevado da instrucção, como muito se tem julgado desde 1870, que um povo deve procurar o segredo da sua grandeza ou dos seus revezes. A grandeza d'um povo prende-se a causas mais profundas que o estado dos conhecimentos litterarios, historicos ou geographicos: depende principalmente da sua moralidade, das suas crenças; depende do espirito que o anima, espirito de disciplina ou de intriga, de fé ou de scepticismo, de solidariedade ou de egoismo, de hierarchia ou de zelo igualitario. Depende do bom emprego da sua actividade e das suas forças. Mas quando cada anno escolar vos trouxer a sua legião de capacidades com diploma, quer dizer, de ambições mais ou menos vãs, que fareis? e que sociedade vos prepara esta mania do ensino secundario universal ou esta chimera da instrucção integral!»

As aspirações inglezas, por W. T. Stead

(*The Review of Reviews*)

Depois de referir-se ás coisas d'Africa, diz-nos que, emquanto pesa sobre o Imperio o dever de tornar a lingua ingleza lei universal no velho mundo, aqui e além ha a feliz evidencia de que a Republica tem igualmente uma tarefa de semelhante natureza no novo mundo. Todas as republicas da America central e do sul hão de ser salvas da sua condição presente, mais ou menos de meia casta, e convertidas em republicas que fallem inglez. O trabalho progride, e hão de auxilial-o todas as revoluções e commoções, que parecem tão indigenas no mundo hispano-americano como os tremores de terra na cinta dos tremores de terra. A Argentina está hypothecada até á cabeça aos capitalistas inglezes: e não está menos enterrado o Uruguay, em que a republica está em perigo de despedaçar-se em diffi-

culdades financeiras. O Perú está pouco melhor do que em bancarrota, entregue nas mãos dos liquidadores inglezes. Se realmente vier a encontrar-se ouro em Venezuella, esta nação passará tambem para o dominio dos que fallam a lingua de Drake e de Cromwel. O Chili e o Brazil tinham conseguido até agora dar certa base á competencia politica e á respeitabilidade financeira da America do Sul. Janeiro, porém, viu revoltas em ambos aquelles estados, que parecem indicar que ambos vão pelo caminho apontado para todos os do seu genero. O Brazil, tendo-se desembaraçado do seu imperador, que era um rei Log, amavel e fidalgo, cahiu presa do rei Stork, na fórma d'um presidente dictador militar, o marechal Fonseca, cujo ministerio se demittiu, e que agora governa o Brazil pelas suas tropas. No Chili as coisas são mais sérias. O presidente Balmaceda, tendo-se desavindo com as poderosas familias chilenas que, como os nobres *whigs* da Revolução, tinham estabelecido uma oligarchia mascarada, viu-se em frente d'um movimento revolucionario em que os insurgentes pretendem desembainhar a espada em defeza da lei e da constituição. O que é de maior importancia, é o facto de se terem apossado da armada chilena e de se servirem d'ella no bombardeamento das cidades da costa em poder das tropas do presidente. Como o Chili é quasi todo costa de mar, a sua vida está nos couraçados, e parece que o presidente Balmaceda não tem n'ellas a melhor parte. Vencido ou triumphante, a sua lucta é importante principalmente como marcando mais um degrau no inevitavel desapparecimento dos homens latino-americanos diante dos que fallam inglez. Todas estas guerras e insurreições das raças hespanholas de meia casta serão em breve como as chronicas das guerras de gralhas, a que Milton tão desdenhosamente comparou as luctas que precederam o estabelecimento da raça ingleza nas ilhas britannicas.

Mas se aos que fallam inglez no hemispherio norte está confiada esta grande missão de dar uma linguagem, uma lei e um systema de governo pelo voto, e não pelas balas, universal em todo o novo mundo, fariam bem em guardar zelosamente o

caracter inglez da sua republica. Os francezes do Canadá multiplicam-se como coelhos, e o allemão ameaça converter todas as regiões do noroeste n'uma parcella da patria germanica. A estatistica da emigração em 1890 mostra que, emquanto augmenta o numero dos emigrantes — foi de 491:000 em 1890, contra 427:000 em 1889 — diminue o numero dos emigrantes que fallam inglez. De meio milhão de emigrantes do velho para o novo mundo, só 100:000 poderiam lêr uma gazeta ingleza. De 300:000 que fallam outras linguas 96:000 são allemães, e 62:500 italianos. Se a corrente continúa n'esta proporção, o novo mundo, em vez de fallar inglez, em breve será tão polyglotta como a Europa. Por isso o trabalho de educação e assimilação, hoje mais do que até agora, merece ser seriamente emprehendido.

Auctores portuguezes que escreveram em castelhano, por D. Juan Valera

(*Revista Ibero-Americana*)

Depois d'algumas paginas que se referem á desnacionalisação da litteratura hespanhola e ao nenhum cuidado e interesse que á geração moderna tem merecido os classicos do seu paiz, considerações que bem podiam servir para nós portuguezes, o snr. Valera, passando a dar conta do livro [1] que é o objecto principal do seu artigo, diz-nos:

«Posto que D. Domingos Garcia Pérez seja portuguez de nação, passou a sua primeira mocidade em Granada, e estudou no collegio do Sacro-Monte, onde foi companheiro de Fernandes Guerra e onde, sem duvida, teve por mestres D. João do Couto e D. Balthazar Lirola, que haviam de inspirar-lhe o seu

[1] *Catalogo razonado, biografico e bibliografico, de los autores portugueses que escrebieron en castellano,* por D. Domingo Garcia Pérez, doctor en medicina y cirurgia, antiguo deputado de la nacion portugueza por la ciudad de Setubal. Madrid, 1890.

bom gosto em litteratura e o seu amor á de Castella e ao idioma de Castella. Dão prova d'isto o estylo facil e o castelhano castiço em que o seu livro está escripto; a grande cópia de noticias curiosas e interessantes que o livro contém sobre a vida e obras de quinhentos ou seiscentos auctores; e a multidão de composições, muito raras ou ineditas que as suas paginas encerram.

«Sem duvida, o snr. Garcia Pérez deve bastante, como elle mesmo confessa, a trabalhos anteriores dos criticos eruditos castelhanos que mencionamos já, e tambem aos trabalhos d'alguns egregios portuguezes, como Barbosa, Innocencio da Silva e Costa Silva; mas é de admirar o muito inteiramente novo com que soube enriquecer a sua obra.

«Esta segue a ordem alphabetica por nomes de auctores, que nos atreveremos a distinguir e classificar aqui.

«Uns são muito celebres em Portugal; são os principes das letras d'aquelle povo. O que escreveram em portuguez quasi sempre vale e importa mais que o que escreveram em castelhano. N'este numero podem incluir-se Camões, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Mousinho de Quevedo, o padre Vieira e dois condes e uma condessa da Ericeira. Outros são tão illustres e tão dignos de sel-o em Portugal como em Castella; assim, por exemplo, Sá de Miranda. Outros, posto que portuguezes, alcançam mais fama e gloria pelos seus escriptos em castelhano, e são contados entre os nossos classicos, como Jorge de Monte-Maior, Gregorio Silvestre e D. Francisco de Mello. E outros que, embora menos gloriosos, são muito conhecidos em Hespanha pela sua fecunda applicação ao trabalho, como Faria e Sousa.

«É muito grande o numero dos dramaturgos portuguezes que, principalmente sob o dominio dos tres Philippes, escreveram em castelhano as suas comedias. O mais illustre foi Mattos Fragoso. Seguem-se os dois Pachecos, Caetano de Sousa Brandão e outros varios, entre elles algumas poetisas. De todos traz Garcia Pérez noticias biographicas e bibliographicas em abundancia.

«Mais interessante, e quasi sempre mais novo, é o que nos ensina o snr. Garcia Pérez sobre outros portuguezes, que tambem escreveram em castelhano, e são celebres pelo seu saber, pelas suas façanhas, pelas suas peregrinações e pelo brilhante papel que representaram na historia da peninsula, e ainda de todo o mundo, intervindo nas nossas descobertas, colonisações, missões e conquistas. Assim o infante D. Pedro; Garcia de Santo Estevão, companheiro do infante e narrador das suas viagens pelas *sete partidas do mundo;* o grande Fernão Mendes Pinto, cuja veracidade se vai limpando de suspeita, conforme se conhece melhor a Asia Central e o extremo Oriente; Pedro Teixeira, que nos descreveu a Persia; o eminente geometra e cosmographo Pedro Nunes; o astronomo Silva Freire e bastantes missionarios e medicos, escriptores, e amiudadas vezes peregrinos, que nos informaram da fauna, da flora, das linguas, usos, religião e costumes de terras e nações remotas.

«Não pequena parte do livro do snr. Garcia Pérez é occupada por outra linhagem de escriptores, que podem agrupar-se pelas suas crenças e raça, e cujos escriptos e vidas eram até agora muito pouco ou nada conhecidos, a não ser por homens de muita erudição ou muito consagrados a um estudo especial. Fallo da multidão de judeus portuguezes que, fugindo da Inquisição, foram quasi todos refugiar-se em Amsterdam e outras cidades da Hollanda e da França, onde escreveram em castelhano poesias, novellas, philosophia, religião, politica e outras sciencias. N'esta conta, posto que alguns possam ter-se por hespanhoes, como Miguel de Barrios, que nasceu em Montilla, ainda que de origem portugueza, põe o nosso auctor Manasés ben Israel, os Abarbanel e Abohad, Baruch Nemias, David Netto, Isaac Orovio de Castro, Samuel Silva, Moisés Pinto Delgado, Abrahão Pizarro, Abrahão Ferreira, Antonio Henriques Gomes, e a não poucos mais, mostrando notavel diligencia nas informações que dá das varias jornadas e dos escriptos de cada um d'elles.

«Alguns artigos do *Catalogo* do snr. Garcia Pérez têm notavel extensão e retratam habilmente a condição moral e a

vida do personagem a que se referem. Entre estes artigos merece mencionar-se o do famoso conde de Villamediana, poetisado pela sua tragica morte e pelos bellos romances historicos do duque de Rivas. A circumstancia do conde ter nascido em Lisboa, por seus paes alli terem ido quando Philippe II foi coroado rei de Portugal, faz que o snr. Garcia Pérez o inclua no seu catalogo. Da sua vida e dos seus escriptos ineditos publicou, ha poucos annos, um livro interessante o snr. Cotarelo y Mori. O assassinato do conde traz-lhe alguma sympathia; mas é justo declarar que, se a vingança foi criminosa e infame, quasi póde qualificar-se de merecida. Villamediana abusou do seu engenho, que o teve sem duvida, posto que estragado pelo mau gosto, pelo pedantismo e pela falta de senso moral, e abusou da sua riqueza, da sua posição, dos seus brios e outros bons dotes pessoaes, para ser insolente e satyrico, brigão, vicioso e com as mulheres violento e desenfreado. A sua questão com a marqueza do Valle, que foi sua amante, e a que por ciumes arrancou as joias que lhe tinha dado, rasgando-lhe os vestidos, esbofeteando-a e magoando-a a ponto de que esteve á morte, é uma acção tão brutal que não tem perdão, fossem quaes fossem as traições e infidelidades da victima. E não contente com o ultrage material, voltou a offendel-a ferindo-a na alma e calcando a sua honra n'um romance que fez circular, e em que a accusa de não ter bastado a sua riqueza á cubiça que ella tinha, e em que diz, alludindo ao glorioso Hernan Cortés, de quem procedia o titulo da marqueza, jogando com a palavra:

«Da herança da Cortés,
Que em herança te cabia,
Herdas ser cortezã,
Repudias a cortezia».

«D'outro personagem singular nos informa tambem muito detidamente o snr. Garcia Pérez, promettendo-nos quasi a publicação d'um curioso manuscripto que d'elle possue. É uma relação circumstanciada do que viu, fez e observou o auctor, durante alguns mezes do anno de 1605, que esteve como pre-

tendente em Valladolid, onde então residia a côrte. Pelo que póde presumir-se da amostra que se vê d'esta obra, ha n'ella muitos gracejos e chiste, posto que combinados com deploravel mau gosto, refinamentos de cultura emmaranhados e pedantescos, erudição impertinente e abuso dos trocadilhos. Ainda que o auctor, que se chamava Thomé Pinheiro da Veiga, natural de Coimbra, alcançou o emprego que pretendia, não parece ter sahido muito affeiçoado a Valladolid, nem bastante agradecido para não dizer mil horrores de tudo. A sua relação, não obstante, deve ser um retrato animado da alta sociedade hespanhola d'então. A ser o retrato fiel, essa alta sociedade estaria em bem mau estado. É triste ter de confessar que a corrupção devia ser grande; mas alguma coisa ha de tambem attribuir-se á mordaz maledicencia de que se fazia gala, e a certo odio contra Castella que sempre costumou crear-se com lastimoso vigor nas almas d'alguns habitantes das diversas regiões d'esta peninsula. Os hespanhoes, ou para que a palavra seja mais comprehensiva, sem amphibologia, os *iberos*, costumamos ser muito biliosos e com frequencia murmuramos mais de nós que dos estranhos. O snr. Garcia Pérez insere no seu livro umas quintilhas tremendas de Pinheiro da Veiga, por onde já se póde comprehender o tom e caracter pervertidos e desavergonhados da prosa. Se dérmos credito ás quintilhas, não havia em Valladolid, em 1605, senhora que não fosse perdida, nem galã que não fosse um tunante».

A cozinha nacional, philosophia e historia

(*Black and White*)

Cada nação tem um certo numero de pratos nacionaes, caracteristicos do gosto e temperamento nacional, a que são adaptados.

Ha uma certa difficuldade em communicar receitas, como deseja fazer *Black and White*, visto que os pratos nacionaes não são, de facto, o resultado da invenção de certo individuo,

um Carême, um Ude, um Gouffé ou um Soyer. São coisas nascidas, como o mytho, e como o mytho communicam-se por tradição. Raras vezes se encontram nas paginas dos livros de cozinha. São quasi abstracções, coisas que não podem exprimir-se em quantidades de ingredientes e fracções de tempo, e com referencia á acção do fogo, da agua e do gelo, ao uso da peneira, do passador e da colhér, e ao addicionamento de condimentos.

Para comprehender a receita d'um prato nacional d'um povo estrangeiro, o cozinheiro e o proprio provador precisam, para apreciar o que comem, comprehender alguma coisa do caracter e muito do gosto d'aquelle povo. N'este ponto ha uma differença essencial entre a cozinha como arte, e a cozinha como sciencia. N'este periodico procuraremos tratar a materia scientificamente; isto é, apresentar ao leitor as receitas por meio de pesos e medidas, e cuidadosas determinações de duração de tempo; mas por mais que scientificamente se diga dos serviços culinarios, a arte terá sempre em que intervir. O homem méramente de sciencia esquecerá miudezas que o verdadeiro artista póde compensar pela intuição. A não ser que o cozinheiro-artista tenha um ideal, e a não ser que no trabalho o tenha sempre bem presente, arrisca-se muito a errar. N'estas materias a sciencia e a arte devem andar de braço dado.

Os pratos nacionaes, chegando até nós por lentos processos de evolução, são de certeza eminentemente bons e sadios; e, além d'isso, a sua idade, o sentimento que lhes anda associado, o interesse litterario que se prende com alguns d'elles, collocam-nos muito superiormente ao que se póde chamar os pratos « compostos », mesmo dos mais afamados mestres.

Um escriptor recente, descrevendo os methodos de cozinha d'uma nação estrangeira, julga com razão que o que um povo come e bebe é da maior importancia. Combate a dieta monotona do inglez, e, observando com uma bella sobriedade (que é para esperar que pratique como a préga), que o homem educado, consagrando-se a trabalhos mentaes, á maneira que sobe em cultura, faz bem em peccar por ascetismo e alimentar mais li-

vremente a alma que o corpo, inclina-se a que a maior parte da gente viverá bem e delicadamente com uma dieta intelligente e variada, partindo da base que o cuidado pelo seu jantar é no homem o primeiro passo na civilisação e nas graças da vida. Doutrina a que os auctores do artigo subscrevem.

Deixando de parte as innumeras receitas, apontemos ainda os caracteres da cozinha hespanhola e portugueza.

Os hespanhoes não assam nem cozem as suas comidas. Consideram barbaros estes modos de preparar a carne, tão impensadamente apreciados por nós. Preferem os guizados e n'isso alcançaram uma rara perfeição. O seu grande guizado nacional, a *olla*, é um guizado complicado. São talvez o povo mais sobrio, e a respeito de mesa o menos dado a luxo entre as nações da Europa. Nunca inventaram um môlho. As questões de cozinha occupam pequeno logar no seu pensamento e na palestra quotidiana, mas nem por isso os seus pratos deixam de ser sadios e bons.

O paiz, em geral, é pobre; a carne não é commum, o boi cevado, o carneiro e vitella gordos, são raros. Aves magras, creadas em liberdade, porcos parentes das aves por esse lado, e caça do javali á codorniz, são estas as comidas que se encontram em Hespanha. O leite é o raro luxo dos ricos, e a manteiga é substituida pelo azeite. Usam largamente a cebola e o alho, e a sobriedade da gente do campo mostra-se no facto de que, no sul, durante os calores do estio, vivem quasi inteiramente d'um prato frio, entre a salada e a sopa, o famoso *gazpacho*. Alguns dos pratos mais antigos da Hespanha hoje só se encontram nas colonias.

Se a arte da cozinha nacional é a arte de substituir alguns dos processos de assimilação por que os alimentos devem passar antes de nutrir-nos, os methodos da cozinha portugueza representam um desenvolvimento superior. Contam os viajantes que os selvagens comem o peixe e os animaes bravios que podem apanhar. O que se chamou «a agradavel melancolia da digestão» deve ser para elle um espaço de tempo mais melancolico que agradavel, e os observadores da vida selvagem dizem

que esta cocção interna do alimento (porque não é outra coisa) é um processo desagradavel e lento nas raças incultas. N'essas occasiões o selvagem está indolente, estupido e mau, meditando crimes e villanias contra os seus irmãos, deliciando-se em historias de assassinatos e de crueldades. No processo das gerações dyspepticas, a acção do fogo sobre a carne e as raizes comestiveis foi descoberta para abreviar essa longa miseria da digestão; entretanto inventou-se o espeto, a grelha, a cassarola e o fôrno. Por muito tempo, mesmo depois de tornar-se commum o uso d'aquelles instrumentos, póde dizer-se que o homem semicivilisado foi a sua propria cassarola, fazendo internamente a cocção dos alimentos. Hoje, a nação que descobriu que póde libertar-se de muitos dos seus incommodos pessoaes, substituindo-os pela cassarola de barro ou de ferro, é claro que está no carro do progresso. No orgulho da nossa civilisação esquecemos todos estes lentos degraus materiaes que levam a melhorar e alliviar a nossa sorte; olhamos para os methodos abstractos do progresso humano, e desprezamos os concretos de que são typo as mencionadas transformações da cozinha. Um homem que estivesse moralisando a respeito de cassarolas, ou que distinguisse entre uma grelha e uma frigideira, seria olhado friamente no meio de gente fina. O excesso de civilisação fez-nos talvez estreitos e intolerantes. Todavia, para o philosopho é manifesto que todo o progresso na direcção do pensamento racional e das graças da vida deve ser precedido pela reforma culinaria. Talvez a sabedoria do mundo não esteja ainda tão madura e velha que não deixe espaço para reformas n'esta materia.

A nação portugueza, em geral, póde dizer-se que chegou á *idade dos guizados*. É provavel que tenha alcançado este ponto relativamente alto antes de nós, inglezes, herdando a cassarola da conquista arabe, quando os saxonios e os bretões, nos intervallos da guerra, se contentavam em converter as suas lanças e espadas em qualquer especie de espeto primitivo. Como os hespanhoes, os portuguezes preferem o guizado, e sendo assim, se valem os argumentos precedentes, estão superiores a nós e a muitas nações da Europa a respeito de cozinha.

Posto que geographicamente tão proximo da Hespanha, Portugal differe d'esta nos seus methodos de cozinha, como no temperamento e no caracter, na historia do passado e nas aspirações presentes.

Os americanos afidalgam-se, por John D. Champlin, Jr.

(*The Forum*)

Já lá vai o tempo em que o americano atarefado pensava pouco nos seus antepassados. Posto que sufficientemente pratico para não se rir dos seus avós, se lhe acontecia lembrar-se d'elles, o seu espirito não era tão simples que attendesse os que ostentavam as suas genealogias, e não hesitava em traçar uma comparação ridicula entre o homem medieval, de sangue azul, com um vaso de ferro na cabeça e na mão uma espada de ferro, e o moderno homem de dinheiro, com um chapéo de sêda em vez de ferro e a mão cheia de dollars. O edito do rei francez, que prohibe a recepção em Versalhes de quem não pudér provar quatrocentos annos de nobreza, era para o seu espirito um documento de loucura tão absurdo como a bulla do papa contra o cometa.

Mas esse americano á antiga passou á historia e a geração presente não o conhece. A accumulação da riqueza desenvolveu entre nós, com outras bençãos d'uma adiantada civilisação, uma classe ociosa com tempo para cultivar gostos aristocraticos. Esses gostos foram aggravados pela educação estrangeira. As nossas filhas trouxeram para casa com os vestidos de Worth e de Felix, o amor pelas instituições patricias; e os nossos filhos trouxeram, com as creações de Poole e de White, um grande respeito por tudo o que é inglez e um correspondente desdem pelos dias de simplicidade em que os seus paes poderiam gracejar com os privilegios aristocraticos.

Esta passagem da civilisação ao refinamento trouxe comsigo mudanças correlativas nas nossas idéas a respeito de genealogias e objectos semelhantes. Uma triste experiencia ensi-

nou ao americano que a posição de seus paes n'esta materia era insustentavel; porque em muitos casos se viu obrigado a dispender largas sommas para alcançar posição na Europa para as suas filhas quando uma pequena previsão da parte de seus avós teria salvado os dollars que lhe custaram a ganhar. Foi obrigado a apresentar precedencia na sociedade européa a pessoas de fortuna comparativamente pequena, simplesmente porque ellas possuiam um escudo de dezeseis quarteis que elle descobriu poder ser comprado n'uma casa de heraldica por um preço ao alcance de todo o millionario. Estes e outros factos semelhantes mostraram aos olhos do americano rico a necessidade d'uma genealogia, e com a energia e a promptidão caracteristicas começou a emendar o erro dos seus antepassados. O homem de armadura, ridicularisado d'antes, occupa agora o logar de honra na sala. Pintou cimeira na carruagem, pôz cota d'armas sobre a chaminé, e publicou a genealogia da sua familia, exhibindo com minucioso cuidado os antecedentes dos seus progenitores inglezes, não se poupando a despezas para ligal-os com qualquer casa nobre ou historica. Difficilmente se encontrará familia de certas pretensões que não ostente o seu brazão e a sua genealogia e em muitos casos a sua galeria de antepassados.

O crescente pedido de genealogias e insignias heraldicas creou uma nova industria nos nossos grandes centros sociaes, e será rara a cidade que não tenha o seu collegio de heraldica, onde se poderão encontrar linhas de antepassados e cota d'armas, tão dignas de confiança como na mais antiga instituição de Londres. Estão inteiramente preparados para ligar as familias de elevada categoria na Inglaterra, ou para fazer uma linha inteiramente nova de antepassados do melhor modelo.

Nem sempre porém estas genealogias se estabelecem sem criticas e commentarios. Ha pouco tempo, uma rica familia americana notou que uma alteração insignificante na orthographia do seu sobrenome habilitava-a a ligar-se com uma antiga familia de cavalleiros e a adoptar as suas armas e genealogia. Se se tivesse contentado com a publicação d'uma genealogia segundo

o modo ordinario, e com gravar a cota d'armas sobre o seu tumulo, tudo poderia ter corrido bem; mas a vaidade levou-os a pôr na igreja em que repousavam as cinzas da familia ingleza qualquer coisa que tinha a apparencia de ser uma antiga inscripção em bronze, para commemorar os emigrantes seus antepassados. O visitante ordinario nunca teria percebido differença alguma entre esta fraude e os bronzes cavados pelo tempo em vez dos acidos; mas a familia que ha muito gozava o monopolio da ornamentação funebre da igreja, inquietou-se com o que considerou uma invasão dos seus direitos, e foi bastante mesquinha para descobrir e proclamar que a chapa tinha na margem superior a legenda «John Jones fecit, 1879». E assim se desfez em ridiculo o que sem essa culpavel falta de cuidado poderia ter sido um feliz enxerto.

Uma outra familia americana, com um nome famoso na historia ingleza e exaltado n'um dos seus ramos pelo titulo ducal, concluiu que a semelhança de sobrenome lhe dava igual direito ás propriedades heraldicas da familia, e começou a usar do respectivo brazão e de todos os mais distinctivos. Se o seu orgulho se tivesse satisfeito com a ostentação das insignias nas portas da carruagem, ninguem objectaria; mas quando se tentou a affirmar publicamente os seus direitos ao titulo ducal, que então estava vago, provocou a curiosidade dos genealogistas, que depois do necessario exame affirmaram que a familia americana era sómente de origem de lavradores e de fórma alguma estava ligada á casa ducal. Assim se desfez essa ambição; e para evitar o ridiculo viram-se obrigados a occultar o magnifico serviço da China e prata sobre que tão caro se mostrava a corôa ducal.

Os judeus na Russia, por um anglo-russo

(*The Contemporary Review*)

O imperador da Russia recusou receber a deputação ingleza que pretendia pedir-lhe protecção para os seus subditos israeli-

tas e devolveu a petição que com o mesmo fim lhe foi dirigida. E não só se recusou a revogar as leis que agora pesam tão duramente sobre os judeus, mas hoje mais do que nunca parece resolvido a mandar executal-as rigorosamente.

Amigos e inimigos do imperador reconhecem as suas excellentes qualidades pessoaes, as suas tendencias humanitarias e inclinações piedosas, as suas virtudes domesticas. Sendo assim, é claro que razões de muito peso e não mero capricho dictaram a sua politica. E a Inglaterra, intromettendo-se na politica interna da Russia, sujeitou-se a ouvir as palavras desagradaveis que o *Novoye Vremya* publicou em 18 de dezembro: « A solicitude da Inglaterra que reduziu á miseria os povos da India e do Egypto, que envenenou com opio o povo da China, que destruiu como insectos perigosos os indigenas da Australia, e que sob o pretexto de abolir o commercio de escravos extermina agora as numerosas raças da Africa — a solicitude d'um povo que faz estas coisas é por certo tocante ».

Quaes foram os motivos da politica do czar? Se consideramos o que até agóra se tem dito na imprensa ingleza, a politica do czar n'essa questão ou carece inteiramente de fundamento ou baseia-se nas considerações mais sordidas e perversas.

A politica do czar tem precedentes historicos, é tradicional. Catharina I, depois da annexação da Pequena Russia, ordenou a expulsão dos judeus d'aquelle territorio; Pedro II permittiu-lhes apenas visitar a Russia do Sul, sómente para irem ás feiras; a imperatriz Anna retirou-lhes a concessão, que lhes tinha feito, de visitarem o seu paiz para fins commerciaes; a imperatriz Isabel viu-se obrigada a publicar leis mais rigorosas; e Catharina II seguiu a mesma politica de fórma a só permittir aos judeus estabelecerem-se no governo da nova Russia.

A perseguição não tem motivos religiosos. Sustento que os russos são o mais tolerante dos povos em materia religiosa. Se não somos orthodoxos, olham para nós como homens perdidos, mas não augmentam a nossa desgraça perseguindo-nos. Antes nos lastimam. Durante toda a minha residencia n'aquelle paiz, inglez e hereje como sou, nunca fui atacado pelos russos sobre

as minhas opiniões religiosas. Não gozei esta immunidade na Inglaterra e n'outros paizes. Atacaram-me catholicos e dissidentes. Nas aldeias russas, tartaros, lutheranos e catholicos vivem ao lado do povo orthodoxo nas relações mais amigaveis.

A causa real das leis relativas aos judeus é a mesma que no tempo dos Pharaós, conforme nos diz o capitulo I do « Exodo ». Os filhos de Israel do seculo presente tornaram-se « excessivamente numerosos e excessivamente poderosos », e o moderno Pharaó esforça-se, a seu modo, por reduzir-lhes o numero e enfraquecer-lhes o poder. Bem ou mal, o czar e os seus conselheiros consideram que têm razões bastantes para olharem os judeus russos como uma ameaça para a estabilidade do imperio, pelo seu numero e pelas suas particularidades caracteristicas; e, obedecendo ás leis naturaes, procuram manter a propria existencia.

Skalkoffsky, vice-presidente da repartição de minas na Russia, um homem bem informado e que tem viajado, esclarece-nos sobre este ponto [1].

« O problema israelita na Russia, diz-nos, é um legado dos polacos. A nobreza polaca, ociosa e sem principios, incapaz como era d'acção independente, alegrava-se com a assistencia dos judeus explorando as aldeias esmagadas, e assim o seu paiz em breve se tornou o nucleo a que os judeus eram attrahidos. Quando uma parte d'aquella nação foi annexada á Russia, tornou-se imperativamente necessario abandonar a politica existente relativamente aos judeus, dizendo Pedro o Grande que já tinha patifes bastantes entre o seu povo, e a imperatriz Isabel que não queria beneficio material algum dos inimigos de Christo.

« A questão teve de ser seriamente pensada, e o governo, tomando o unico caminho praticavel, garantiu aos israelitas uma relativa liberdade de acção em certos districtos em que residiam ha seculos, e convidou-os mesmo a povoar uma parte da Russia do Sul então muito escassamente habitada; tomando, todavia, as mais apertadas medidas para evitar que a raça se espalhasse nas restantes partes do imperio.

[1] *Sovremennaia Rossia*, 2.ª edição. 1890.

« Entretanto a lei relaxou-se na applicação e os judeus espalharam-se pelo interior, dando causa a que se levantassem de todos os lados as mesmas queixas que contra elles havia nas provincias do sul. O remedio proposto pelos partidarios dos judeus era a abolição das leis que limitavam a liberdade de residencia, e permittir-lhes estabelecerem-se em qualquer parte da Russia, ajudal-os a perderem-se entre a população indigena.

« Infelizmente esta esperança só póde ser considerada como uma illusão. Vendo com que espantosa rapidez os judeus se multiplicam nas condições presentes, que devemos esperar se lhes permittimos viver a expensas de todo o imperio? As desordens em Rostoff sobre o Don, Ekaterinoslav e Nijni-Novgorod, demonstram plenamente a natureza insustentavel de tal theoria que de resto nunca foi partilhada pelo governo: n'essas cidades a proporção dos judeus é muito insignificante, e todavia as desordens provam que mesmo tão pequena dóse d'um corpo heterogeneo é mais do que o organismo popular póde supportar ».

Sobre a fecundidade dos judeus na Russia diz o mesmo auctor, cujas transcripções constituem a parte mais importante do artigo que vimos examinando:

« Conforme antigos escriptos, os judeus appareceram pela primeira vez em Kieff no seculo x, e desde então só nos governos do sudoeste alcançaram a enorme cifra de 2.000:000. (Hoje ha 6.000:000 de judeus na Russia). Perceber-se-ha a significação d'este numero se tomarmos em consideração os seguintes factos bem conhecidos. Com poucas excepções sem importancia, os judeus não se occupam pessoalmente em qualquer industria productiva, mas quasi invariavelmente têm uma posição de intermediarios, pequenos commerciantes, agentes, corretores, etc., entre o productor e o consumidor. Sem negar a utilidade d'este genero de commercio, é necessario ter presente ao espirito que uma tão enorme proporção de intermediarios está muito além das necessidades do paiz. Em França, onde a população excede quarenta milhões, a proporção dos individuos occupados em todos os ramos do commercio foi computada em 1.800:000, e não póde haver comparação entre o commercio da França e o dos

governos do sudoeste da Russia. Sendo essencialmente um povo migratorio, os judeus simplesmente inundam este ou aquelle ponto conforme a margem que apresenta ao commercio. Em Odessa, n'uma estatistica comparada dos nascimentos e dos obitos, em 1883, na classificação relativa aos varios crédos religiosos, os judeus mostram-se particularmente favorecidos: o augmento médio entre a parte christã da população, pelo excesso dos nascimentos sobre os obitos registrados, foi de 78,2 individuos, emquanto entre os judeus foi de 628,5! Assim o elemento israelita augmentava só pelos meios naturaes *oito vezes mais rapidamente* que o elemento christão. Semelhante disparidade póde observar-se relativamente aos casamentos. Durante um periodo de oito annos, a percentagem total dos casamentos contrahidos foi de 65,59 por cento entre os christãos e 34,41 entre os judeus. Comprehende-se a significação d'estes numeros se nos lembrarmos de que só os judeus constituem um quarto da população total de Odessa. Durante esses mesmos oito annos o numero médio dos nascimentos por cada casamento christão foi de 4,54; entre os judeus, de 4,63. A média dos obitos de creanças no mesmo periodo foi de 37,13 por cento entre os judeus e 48,08 entre os christãos, mostrando um excesso de 11 por cento na mortalidade d'estes ultimos. É obvio que os caracteres particulares d'este povo, a sua espantosa fecundidade, os seus casamentos precoces, e os frequentes divorcios no caso de uniões estereis, assim como a tendencia manifesta para o auxilio mutuo e a acção combinada, tendem a crear para aquella raça condições eminentemente favoraveis a um largo desenvolvimento» [1].

[1] É interessante aproximar d'estas palavras est'outras publicadas recentemente pelo dr. John Billings na *North American Review*: «Parece-me que podemos concluir que os judeus que têm estado nos Estados-Unidos por mais de cinco annos, têm decididamente uma menor proporção nos obitos e uma maior longevidade que a gente da mesma classe que os cerca, e que esta maior longevidade, juntamente com certos particulares de immunidade relativamente a certas doenças e excessivo perigo em outras, é devida em parte a particularidades hereditarias de estructura, ou, por outras palavras, a caracteres de raça, e em parte a

Referindo-se á influencia economica dos judeus diz-nos Skalkoffsky:

« Os judeus são, por excellencia, uma raça commercial. Na Russia gradualmente se insinuam entre todos os varios ramos das emprezas commerciaes. Os effeitos corruptores d'este movimento podem observar-se em toda a parte.

« O commercio de bebidas alcoolicas em todos os seus ramos está quasi inteiramente nas mãos dos judeus, ainda que os numerosos methodos por que esta talentosa communidade o exerce torna difficil determinar com certa segurança toda a sua extensão. O methodo mais commummente empregado é ter o estabelecimento em nome d'um russo, que procura os papeis necessarios e em alguns casos toma parte na gerencia. Acontece mesmo que o judeu, que é realmente o proprietario, figura nos papeis como creado do proprietario. Estas fraudes são concebidas e executadas com notavel cuidado e intelligencia, de fórma que os cobradores do imposto e a policia são praticamente incapazes de descobril-as, e, excepto em poucos casos isolados, é permittido ao judeu dar-se a este commercio illicito com tranquilla segurança. Entretanto o systema applica-se com o verdadeiro descaro israelita. Assim, é officialmente conhecido que a percentagem das tabernas de todo o genero illegalmente dirigidas pelos judeus é de trinta e cinco em toda a Russia, emquanto nas provincias do sudoeste, onde os judeus abundam, a proporção das casas publicas que elles possuem, é quasi oitenta e nove por cento!

« Diz-se muitas vezes que o povo não soffre mais com os intermediarios judeus do que com os *koulaks* e os *miroyeds* (usurarios) indigenas. Não conheço um unico caso de resentimento publico de que fossem objecto os *koulaks* e os *miroyeds*, emquanto me são familiares os exemplos de demonstrações da

certo isolamento e modo particular de vida». E como consolação accrescenta o mesmo artigo: « Mostraram que podem resistir á adversidade, mas resta vêr se podem igualmente supportar a influencia da riqueza e da liberdade, e conservar os modos de vida que outr'ora lhes deram longos dias».

J. M. L.

populaça contra os judeus. É obvio, por conseguinte, que a populaça distingue entre os judeus por um lado, e os seus perseguidores indigenas pelo outro.

« O *koulak* é um producto indigena, a sua educação e caracter moral não differem da educação e caracter da communidade em que as suas operações se realisam. É na maior parte dos casos illetrado, e, como os ignorantes em geral, possue uma sã apreciação dos inconvenientes adstrictos aos tribunaes. Não se contraría em associar-se ás patuscadas dos companheiros, e de modo algum está ligado a outros da sua profissão, trabalhando invariavelmente só para si. É natural, por conseguinte, que o povo veja no *koulak* meramente um dos seus, com nenhum ponto de differença, excepto a energia e a persistencia necessaria para o tornarem capaz de tirar um capital da fraqueza e da estupidez dos companheiros menos habeis.

« Com os judeus, a opinião popular baseia-se em condições inteiramente differentes. O judeu é o producto d'uma civilisação completamente estranha á commodidade em que vive. A sua religião, as suas tendencias moraes e os seus costumes, tudo differe materialmente dos costumes, da religião e das tendencias moraes do aldeão russo. Não é completamente illetrado, e muito longe de ter pelos tribunaes o horror que se observa no *koulak*, prefere esse meio de decidir as suas disputas e recorre a elle frequentes vezes. Nada tendo em commum com a communidade rural em que realisa as suas operações, não teme o ostracismo; nem, como o *koulak*, trabalha individualmente, mas está invariavelmente em estreitas relações com todos os judeus da visinhança que o auxiliam e aconselham. Com o *koulak* o aldeão trata em igualdade de circumstancias; com os judeus, um elemento inteiramente estranho á sua esphera, não tem terreno commum sobre que trate ».

O judeu tem, além de tudo o que fica apontado, uma grande repugnancia pelo serviço militar. Em 1878, do numero total dos recrutas que faltaram quando foram chamados, oitenta e sete por cento eram judeus.

Jayme de Magalhães Lima.

REVISTA DE POLITICA INTERNA

30 de abril.

Uma crise abortada, uma crise recolhida... O ministerio *extra-partidario*, depois d'algumas oscillações, retomou o seu equilibrio, aprumou-se — e ficou.

Um momento, porém, n'essa hora que pareceu ser a da agonia do gabinete, desenhou-se, esboçou-se vagamente, entre os boatos proprios de taes occasiões, a apparição ameaçadora d'uma outra situação politica, não *extra*, mas *contra-partidaria* — situação composta de homens mais ou menos isentos de responsabilidades politicas, pelo menos recentes, e aos quaes, dado o continuo insuccesso do nosso velho pessoal de estadistas em face da crise que atravessamos, bem se poderá chamar a ultima reserva da monarchia [1]. Como se vê, os partidos não estão em maré de rosas. Ou condemnados á inacção, á paz forçada, expressa na *expectativa benevola* para com um ministerio neutro — ou ameaçados d'um governo hostil, d'uma situação *à poigne*, disciplinadora, repressiva, cortando a direito por

[1] *A Provincia*, de 16 de abril de 1891, inseria o seguinte n'um telegramma do seu correspondente de Lisboa: «Se o gabinete insistir pela demissão collectiva, será encarregado de formar ministerio o snr. José Dias Ferreira». Por essa occasião varios jornaes publicaram *interviews* com o illustre jurisconsulto, em que mais ou menos se indicavam as linhas geraes do seu programma de governo.

todos os abusos e intransigente com todas as complacencias administrativas e todas as fraquezas estadisticas, que têm sido a causa constante e inalteravel da anarchia de que enfermamos...

Ao que se diz, essa situação, ainda agora mais uma vez esvaída como um phantasma, não andou longe de empolgar o poder ahi por outubro, quando se tratava de liquidar a laboriosa crise, aberta pela queda dos regeneradores [1]. O *extra-partidarismo* esteve já então para ser *contra-partidarismo*... Mas um acaso, um nada, um d'esses infimos grãos de areia que ás vezes parecem travar e suspender o movimento da roda do Destino — fez mudar inesperadamente o curso provavel dos acontecimentos. E os partidos, esmagados sob o peso das suas faltas, e reconhecendo a irrevogabilidade da sentença que os condemnava a um ostracismo mais ou menos prolongado, não poderam deixar de receber com relativa satisfação um governo que, longe de se lhes apresentar de viseira cahida e lança em riste, surgia com um ramo de oliveira na mão, pacifico e conciliador. Comtudo, por traz d'elle, as ambições facciosas, os interesses partidarios lesados pelo afastamento do poder, degladiavam-se n'uma guerra surda e obscura de intrigas. Para os dois grandes grupos monarchicos — regeneradores e progressistas — o ponto grave era o da successão ao gabinete actual. Aceitaram-no, pois, como uma tregua, um adiamento do seu pleito. E se o poder, em tão má hora, não fosse realmente um pesado fardo — podia bem dizer-se que o ministerio *extra-partidario* era o *tertius gaudet* do litigio.

A *expectativa benevola* foi assim o regimen naturalmente

1 O mesmo diario portuense publicava, no seu numero de 11 de outubro de 1890, a seguinte communicação telegraphica da capital: «Hontem á tarde e durante a noite correram, e eram aceites com geral satisfação, noticias dando como resolvida a crise. Constava estar combinado um gabinete composto dos snrs. João Chrysostomo, Dias Ferreira, Antonio Ayres, Oliveira Martins, Antonio Ennes, conde de Valbom e Antonio Candido. As affinidades pessoaes e o facto de terem sido vistos juntos quasi todos estes cavalheiros, como que garantia a authenticidade da versão».

indicado para os partidos, n'este interregno de politica partidaria — regimen, de resto, mais d'uma vez violado na imprensa por impaciencias mal contidas, despeitos em fermentação, interesses feridos, pretenções denegadas, e recosidas indisposições pessoaes atalaiando um ensejo favoravel para o ajuste de antigas contas... Á inadiavel urgencia de conjurar, por meio d'uma grande operação de credito, a crise financeira imminente, á necessidade de liquidar de vez a angustiosa questão ingleza, — missão especial do gabinete João Chrysostomo — veio juntar-se o grave incidente da revolta republicana do Porto, impondo ás facções um novo esforço de isenção e o dever de cerrar fileiras, dando ao governo toda a força e prestigio em face do inimigo commum.

Passado, porém, o perigo, essa especie de *modus-vivendi* politico soffreu novas infracções, cada vez mais amiudadas e mais violentas. O ministerio tornou-se o alvo d'uma guerra declarada, que, se não era ainda a campanha regular dos partidos, era já, comtudo, o escaramuçar ousado e vivo dos seus guerrilheiros e francos atiradores. Votára-se o emprestimo, liquidára-se a revolta, as novas negociações diplomaticas relativas á questão ingleza seguiam regularmente os seus tramites. Eram horas — clamava-se — do governo cumprir as promessas feitas, em pleno parlamento, ao assumir o poder. Eram horas de se entrar no caminho das promettidas economias e das promettidas reformas. Eram horas de se pensar nos gravissimos problemas de ordem economica, suscitados pela recente denunciação dos tratados de commercio e pelo novo aspecto que as questões economicas tendem a tomar, na Europa e na America, sob o influxo das idéas proteccionistas e do principio da nacionalisação do trabalho. Eram horas de se abrir o parlamento, de se fazer interferir os eleitos do paiz na direcção dos negocios publicos, da qual se achavam como que systematicamente afastados. Eram horas de se restabelecer solidamente a ordem ainda periclitante, como innumeros symptomas bem claramente patenteavam, e de reanimar a confiança politica da nação, que os acontecimentos haviam feito retrahir, etc. etc.

Ou exprimindo um voto sincero, ou acobertando um proposito politico, ou coincidindo mesmo com interesses individuaes — estas vozes, ora moderadas e cordatas, ora violentas e apaixonadas, manifestavam que o gabinete começára a declinar nas boas graças dos partidos. Uma desastrada reforma dos quadros da fiscalisação dos caminhos de ferro, emanada do ministerio das obras publicas, reforma dispendiosa e eivada d'esse corrupto virus do *afilhadismo,* tão exprobrado aos partidos, agora em desgraça, ateou as indignações da imprensa — e o fogo animou-se em toda a linha. A crise, que pairava no ar, no estado de boato, como uma nuvem ameaçadora saturada de electricidade, explodiu por fim nas altas camadas da atmosphera official. Os jornaes declararam-a aberta e em laboriosa resolução. Noticiaram-se diligencias para uma recomposição e combinações para uma situação nova. Indicaram-se nomes, denunciaram-se entrevistas e conciliabulos, revelaram-se planos e programmas... E quando já a imprensa publicava a nova lista ministerial, eis que inesperadamente tudo se suspende — situação nova ou simples recomposição — e o gabinete fica, intacto e completo, tal como se achava constituido na vespera.

Não entro na investigação das causas politicas ou na apreciação dos motivos particulares, que determinaram o aborto da crise pela reconsideração dos ministros demissionarios. Diz-se que foi um novo incidente da questão ingleza que impôz a manutenção do *statu-quo* governamental. Fosse o que fosse, o caso é que o ministerio *extra-partidario* ficou — mas ficou renovando a promessa d'uma politica energica, activa, diligente, reformadora, justiceira, que désse satisfação aos desejos da opinião publica, manifestados e expressos pela voz unanime da imprensa...

De tudo isto resalta, claramente, que a gente cordata reconhece a necessidade d'um governo forte, com energia, com decisão, com auctoridade e prestigio, que domine a anarchia reinante, liquide de prompto as questões pendentes e inicie com novos processos de administração essa messianica *vida nova,* ha annos ainda tão scepticamente troçada, e hoje reclamada

em altas vozes, como a grande panaceia para os nossos velhos males perigosamente aggravados... As classes conservadoras parecem, emfim, despertar do seu dôce sonho optimista — sonho embalado, durante largos annos, pela crença na brandura dos nossos costumes e pela fé cega na illimitada extensão do credito. Vê-se com pasmo que o paiz reponta já com a extrema audacia d'aquelles que o julgam seu exclusivo patrimonio e logradouro, e que esse credito, que se suppunha uma fonte inexhaurivel, tem enfraquecido sob a acção da esterilidade da nossa politica economica, como uma nascente ao cabo de longa estiagem. Os homens publicos batem contritos no peito, confessam as suas faltas e os seus erros, e convêm na necessidade de mudar quanto antes de rumo, sob pena de tudo se subverter n'um naufragio total.

Não ha ninguem, com effeito, que não reconheça a justiça e a razão d'este sensato e patriotico modo de vêr. De ha muito que o que por ahi toda a gente hoje reclama, apertando as mãos na cabeça, era insistentemente pedido por uma minoria de espiritos, cujas sombrias predicções de então despertavam apenas um desdenhoso sorriso aos que presentemente mais lastimam e choramingam a situação em que nos encontramos. Reprimir a anarchia, restabelecer a confiança publica, pôr um travão seguro na roda dos desperdicios, fazer presidir á administração dos dinheiros do Estado a mais severa e intransigente economia e a mais insuspeita honestidade, reduzir as despezas, promover o augmento das receitas, dar um golpe na nefasta influencia da burocracia, conter em respeito o egoismo politico dos partidos perante a suprema necessidade da salvação publica, corrigir todos os abusos, refrear todas as ambições illegitimas, restabelecer o equilibrio orçamental, fomentar o desenvolvimento economico do paiz — tudo isto é, sem duvida, o mais bello e o mais rasgado programma que um governo qualquer póde, hoje, propôr-se a realisar entre nós. Mas (o eterno *mas* do pessimismo!) muito fundamentadamente receio que tão excellente, tão energico remedio, venha já um pouco fóra de tempo...

Vejamos por quê.

Supponhamos um gabinete animado dos mais sinceros e vehementes desejos de iniciar essa politica de rigida disciplina e de severa economia. Supponhamos todos os membros d'esse governo, não só revestidos da maxima auctoridade moral, como armados, ao mesmo tempo, da mais inquebrantavel força de vontade e da mais indiscutivel competencia para a direcção dos negocios a seu cargo. Supponhamos, emfim, este grupo de homens desligado absolutamente de todo e qualquer compromisso partidario, e apoiado pela plena confiança da corôa, com todos os elementos de governo que essa confiança póde dispensar.

Pois bem: eu julgo não errar affirmando que semelhante governo, na hora presente e no estado em que o paiz se encontra, tem noventa probabilidades em cem de cahir logo, ao seu primeiro assomo de força, ao seu primeiro acto de hostilidade para com as ambições dos partidos e os interesses da burocracia.

É que são innumeros os obstaculos, incontaveis os elementos de opposição, com que um governo assim teria a contar.

Logo em primeira linha empecel-o-hia essa *toquade* republicana, que se apossou da nação após os recentes desastres da politica monarchica. Não dissimulemos a importancia d'este elemento. No meu artigo anterior forcejei por a avaliar com a mais imparcial exactidão, e não vale a pena repetir palavras tão recentes. O facto é innegavel. Não trato agora de discutir os fundamentos d'esta evolução da nossa psychologia politica. Os povos movem-se, como os individuos, mais por instinctos, do que por idéas e raciocinios. O nosso republicanismo é caracteristicamente instinctivo — uma nova fórma, apenas, do messianismo historico, em que temos vivido a partir do fim do seculo XVI. E é esse caracter instinctivo que não só lhe dá toda a sua força, como até, debaixo de certo ponto de vista, o torna sympathico e nobre na candida ingenuidade do seu fundamental erro critico. Não estamos em face d'uma idéa. Estamos em face d'uma paixão. É um cego impulso, uma attracção sentimental que nos

atira para o radicalismo. Ha n'isto qualquer coisa de doentiamente feminino, qualquer coisa de morbidamente hysterico. A nação está como uma mulher *toquée*. Nada a detem no seu allucinado amor. É possivel que depois da *queda* lhe sobrevenha a consciencia do seu erro. Mas ha de cahir, fatalmente, irremediavelmente — a menos que um imprevisto acaso a detenha na hora da crise.

Percebe-se bem como um governo auctoritario (e não póde deixar de o ser um governo ordeiro e disciplinador) ferisse com os seus actos, em mais d'um ponto, este estado de espirito das massas. Qualquer prurido de energia ou de repressão, o minimo acto de justiceira dictadura, affectará para essas massas, desnorteadas pelos preconceitos d'um erroneo liberalismo, um aspecto despotico de tyrannia, de propositos reaccionarios, de subserviencia monarchica — absolutamente antipathico e impopular. Tal especie de governo, para ter condições de exito, n'um paiz cuja situação economica chegou ao apuro em que entre nós a vemos, presume a existencia d'uma opinião publica, não só bem intencionada, como esclarecida, e d'um patriotismo não apenas sentimental, como o nosso, mas moral e pensante. Seria este o inexpugnavel reducto em que um governo justiceiro se poderia entrincheirar para romper as suas hostilidades contra os partidos egoistas, contra os financeiros rapaces, contra os burocratas revestidos d'uma subversiva omnipotencia. Mas esse ponto de apoio falta-lhe totalmente. A nação despertou da sua indifferença, da sua lethargia civica, para se lançar allucinadamente na esteira d'uma nova illusão messianica. E tudo o que, mesmo apparentemente, fôr de encontro aos preconceitos d'essa illusão — não fará mais do que aggravar a dissidencia em que o espirito publico se encontra para com o elemento governativo.

Mas ha mais. Um governo contra-partidario, um governo que se proponha metter na ordem as ambições facciosas, combater a prejudicial acção da Influencia especuladora e interesseira nos negocios do Estado, e isto d'uma fórma radical e absoluta — terá, desde o primeiro dia da sua existencia, colliga-

dos contra si, não só os dois grandes partidos monarchicos, como todos os partidelhos, grupos, patrulhas, bandos, em que se divide e subdivide a grande massa politicante do paiz. Disse-se ahi que o chefe d'um d'esses grandes partidos, vendo probabilidades do seu rival subir ao poder, dias antes de se manifestar a crise, declarára a El-Rei que não garantia a docilidade e obediencia dos seus correligionarios, se tal facto se désse, deixando subentender que o descontentamento da preterição levaria uma grande parte d'elles a passarem-se, com armas e bagagens, para os arraiaes republicanos. Não sei o fundamento que semelhante boato possa ter. Creio mesmo que elle não passa d'uma invenção da intriga partidaria. Mas, embora isto não seja verdade, embora tão grave declaração não houvesse sido feita ao chefe do Estado, nem por isso é menos provavel que numerosas defecções viessem a ter logar no campo monarchico de parte da facção preterida, no dia em que uma d'ellas fosse chamada a organisar gabinete. Ora, n'estes termos, supponha-se o que não seria quando, em vez d'um só partido hostilisado por um governo monarchico, o fossem todos, em massa, indistinctamente!

Porém, ainda que tal perigo d'uma grande deserção monarchica se não tornasse um facto, que força poderia sustentar um gabinete contra uma coalisão de todas as influencias politicas locaes? Como dominaria elle essa geral insurreição de interesses, que poria em armas toda a legião politicante desde os altos personagens da burocracia e os mais poderosos caciques provincianos até ao mais infimo e obscuro galopim sertanejo? Com que armas a combateria? Em que garantias de auctoridade se apoiaria para realisar os seus planos e tornar effectivas as suas medidas?

Ha annos, quando o republicanismo se limitava a puros esforços de propaganda jornalistica e a restrictas tentativas eleitoraes, seria acaso possivel fixar no exercito esse ponto de apoio indispensavel á alavanca d'uma politica justiceiramente reformadora. Então uma dictadura militar, honesta e habilmente aproveitada em beneficio do paiz contra a rapacidade devo-

rista da parasitagem partidaria, teria sido, sem a menor duvida, um remedio energico, seguro e efficaz — que talvez houvesse evitado a série de males que nos affligem. Hoje, porém, depois do que ahi se viu em 31 de janeiro, depois do que todo o mundo sabe a respeito dos sentimentos d'uma grande parte da classe militar, será sobremodo insensato que um governo monarchico conte inteiramente com o exercito para as suas vistas politicas.

Se o programma da moralidade (entendendo-se por este termo a repressão de todos os abusos administrativos, de todas as illicitas ambições de corrilhos e syndicatos politicos) encontra, no estado actual do paiz, tão precarias condições de effectividade — o programma das economias, por seu lado, não vê diante de si, ao que me parece, mais seguras esperanças de uma valiosa realisação.

Basta percorrer com a vista o nosso orçamento para se reconhecer que a politica das economias se tornou entre nós uma verdadeira chimera, emquanto um *krach* do Estado não venha fazer taboa rasa no regimen de communismo burocratico em que vivemos. N'um paiz cujas receitas e emprestimos se esgotam principalmente em juros de divida, em ordenados e em salarios por trabalhos publicos — reduzir as despezas do Estado, d'um modo apreciavel para o equilibrio orçamental, corresponde a nada menos do que a cercear as receitas, algumas d'ellas bem parcas, dos orçamentos particulares. Póde-se, é facto, cortar nos abusos de accumulações, gratificações e emolumentos, e nos desperdicios de inuteis e superfluos logares da alta burocracia. Póde evitar-se que funccionarios recebam indevidamente dos cofres do Estado, sob trinta mil sophismados pretextos, quantias que representam o verdadeiro rendimento de grandissimas fortunas. Mas todo esse poupar de verbasinhas é nada, absolutamente nada, em face da enormidade do nosso *deficit* chronico. Cotejem-se as recentes medidas tomadas a esse respeito pelo ministro da fazenda e as derradeiras contas do thesouro. A quanto montam as economias realisadas, segundo os calculos ministeriaes? A menos de 300 contos. A quanto monta, porém,

o *deficit* previsto para o exercicio corrente? A uma respeitavel cifra, que os mais comedidos fixam á roda de 14:000 contos e os mais largos no calcular (porventura os mais exactos) em cerca de 18:000! Como se vê, pois, algumas centenas de contos, um milhar mesmo ou dois, se quizerem (o que seria um milagre financeiro!) de deducções nas despezas do Estado — não passariam, ainda assim, d'um bem mesquinho palliativo para tão grande e tão aggravado mal. Porque, desgraçadamente, não se faz d'um anno para o outro o que se não tem podido, ou querido, fazer, n'um periodo de muitos annos. As receitas publicas têm, sem duvida, augmentado. Mas as despezas têm seguido uma marcha identica. Os mestres orçamentologos procuram illudir este facto com o sophisma das despezas ordinarias e extraordinarias. A verdade, porém, é que estas, pela sua constancia e persistencia, mantém-nos n'um regimen de *deficits* permanentes, que, suppridos provisoriamente pela divida fluctuante, acabam por, a seu turno, cahirem na voragem da divida consolidada, onerando os orçamentos futuros com novas verbas de encargos.

Elemento deficientissimo, como se vê, para restabelecer o equilibrio orçamental, o programma das economias, pelo systema das reducções, tem por outro lado o inconveniente de concitar contra o governo que, *a valer*, o ponha em execução, a hostilidade geral dos interesses que fére e molesta. Viu-se agora como, ao simples boato das intenções do ministro da fazenda a este respeito, logo os magnates aduaneiros se ergueram, revoltados e ameaçadores. O ministro reagiu, com uma decisão rara entre os nossos homens publicos, e levou a sua por diante. Os rebellados accommodaram-se. Mas não se fie muito d'esta apparente resignação. Deus sabe o que, a coberto d'ella, se trama na sombra! Além d'isso, o golpe foi cautelosamente superficial. Outra estocada mais funda — não sei o que dará de si. Lembremo-nos de como foi a terra o bispo de Vizeu, levado ao poder n'uma onda de triumphante popularidade. Embora todos vejam o perigo d'esta orçamentophagia que nos exhaure — ninguem se resigna a largar d'entre os dentes o seu bocado. O interesse é estupidamente cego, e a fome é imprevidente. Se os governos monarchicos

insistirem no expediente das reducções, não será de estranhar que o burocrata egoista, descontente tambem e convertido ao pessimismo politico desde que lhe tocam na bolsa, comece a ir lentamente engrossar as fileiras republicanas. E os republicanos hão de recebel-os de braços abertos, porque um partido, que quer vencer, aceita, sem escrupulos, todos os elementos de immediato triumpho que se lhe offerecem.

Resta ainda esse projecto de uma larga iniciativa de politica economica, projecto em torno do qual tantas esperanças continuam palpitando. Com effeito, dar um meticuloso balanço chrematistico ao paiz, formular o cadastro da riqueza publica, proceder a um escrupuloso inquerito das condições do trabalho nacional, atacar de frente a questão do nosso desequilibrio demographico promovendo por um acertado conjunto de medidas e de sabias disposições legaes a colonisação das regiões despovoadas, desenvolver a agricultura, acclimar industrias, intensificar o commercio, restaurar a navegação, organisar pratica e utilitariamente a exploração colonial — em summa, realisar esse largo, fecundo e sólido plano de governo, que em 1885 foi inspirado ao partido progressista por um dos mais altos espiritos do nosso tempo — constitue realmente a unica linha administrativa, racional e logica, para um paiz que, como o nosso, soffre, sobretudo, d'uma debilitadora anemia economica. Mas não nos illudamos tambem com isto. A politica economica não é um elixir mirifico, uma droga medicinal de effeitos instantaneos e immediatos, como essas tantas vezes proclamadas pelo charlatanismo d'alguns famigerados dentistas politicos. Essa norma administrativa e governamental é um criterio, não é um expediente; é um regimen de hygiene, não é um agente therapeutico de occasião. Presuppõe uma acção estadistica demorada de parte de quem a inicie — homem ou partido; e de fórma alguma se compadece com uma politica hesitante e frouxa, cortada de sobresaltos, infestada de intrigas, desorganisada pela concorrencia egoista dos interesses. Essas providas e sabias administrações (quando não são a resultante d'uma forte iniciativa particular, alliada ao bom senso nacional, ao patriotismo dos partidos e á competencia

dos estadistas) comprehendiam-se nas monarchias absolutas, em que o *ministro* omnipotente, um Colbert ou um Pombal, tinham, diante de si, garantidos pela vontade do Rei, largos annos para planearem, estudarem, iniciarem e dirigirem, sem contestações, a execução da sua obra. Hoje, porém, dada a mobilidade, a inconsistencia da nossa vida politica, como assegurar o exito d'uma iniciativa de resultados lentos e morosos, e cuja efficacia depende sobretudo da permanencia, constancia e unidade de uma ininterrompida acção dirigente e coordenadora? Se a propria obra de Pombal, firmada sobre a dura rocha do absolutismo, cahiu com o seu auctor, o que não será d'uma qualquer tentativa correspondente erguida sobre este sólo movediço da incerta politica eleitoral? A menor reviravolta de opinião, a menor oscillação partidaria, ou determinariam o abandono indifferente da obra começada ou dariam logo em terra com as suas primeiras edificações. Para que assim não fôsse, seria preciso que os partidos tivessem a hombridade de pôr fóra do ambito das suas intrigas, e acima d'ellas, essa alta esphera dos mais fundamentaes interesses da nação. Infelizmente não a têm — e é esta, quanto a mim, a causa principal da situação em que dolorosamente nos debatemos, desesperados e impotentes, como um animal incauto na armadilha em que se deixou cahir.

N'estes termos eu vejo (e com mágua o digo) asperamente erriçado de difficuldades, obstaculos e estorvos o caminho d'um qualquer governo de pulso, d'um qualquer governo disciplinador e justiceiro, que, nas alturas em que nos achamos, se abalance a deitar as mãos ás classicas redeas da desconjuntada carrimonia do Estado. Na sua frente (por maior que seja o valor dos homens que o componham) hão de erguer-se, insuperaveis, o desvario d'uns e o egoismo d'outros. No fundo de todos os problemas politicos ha um problema moral. E o nosso determina-se pela preponderancia, quasi absoluta, d'aquelles dois factores psychologicos. Diz o povo que se não póde fazer boa obra com má ferramenta. Nem com mau material — peço eu licença para accrescentar. Ora ha de, precisamente, ser esta a maxima difficuldade de quem, a estas horas, se propozer a compôr e restau-

rar um edificio, que parece votado a um desmoronamento fatal.

Seria excellente que assim não fosse! Seria excellente que, no jogo final das probabilidades favoraveis e contrarias a essa tentativa, prevalecessem as primeiras, apesar da sua exigua minoria. Nem ouso affirmar que tal não possa succeder. Só me parece, como já disse, que a salvadora therapeutica vai ser applicada um pouco fóra de horas. Mas, emfim, n'estes casos de prophetismo, é bom não desviarmos o espirito d'aquella salutarissima maxima do *Deus super omnia,* tão prudentemente proclamada pela sabedoria de todos os Bordas d'Agua. A fatalidade historica tambem é uma suprema e imperscrutavel providencia.

Luiz de Magalhães.

REVISTA DE CRITICA LITTERARIA

Dissonancias. Versos por Thomaz Ribeiro [1]

Eu não sei se este é um bom ou um mau livro. Não é como livro que o considero. Mas como documento. E como tal vou examinal-o.

E primeiro, é o documento d'um individuo. O seu auctor, o snr. Thomaz Ribeiro, é uma das figuras da penultima geração em que o paiz applaude um dos seus grandes poetas e a consciencia publica honra um homem de bem. Do homem não é descabido fallar, porque n'este escriptor, e isto para gloria d'elle, a penna nunca foi um mero instrumento de sensualidades de gabinete nem buril de chinezices litterarias. O que exprimiu, sentiu-o, e o que sentiu, exprimiu-o. Patriotismo raiano ou philantropia indefinida, catholicismo de semana santa ou caridade de kermesse, todas as vezes que elle pegou na penna para manejar a lingua do verso foi ao serviço d'uma convicção sincera ou na expressão d'um sentimento vehemente. A Arte pela Arte nunca foi o principio inspirador da sua Esthetica. A realisação da Belleza como fim soberano da producção litteraria parece mesmo incompativel com a estructura da sua alma vigorosa que vive com demasiada intensidade n'um momento dado para poder abstrahir de si n'uma creação desinteressada. A preponderancia da emoção e a incapacidade de vêr para além da sensação actual imprimem á sua obra um cunho de individualismo energico e por assim dizer de realismo lyrico. Mas esse modo de ser intimo que o exclue da grande arte tambem o preserva do dilettantismo, e dá aos seus livros um encanto viril que se mantem mesmo em frente da expressão de sentimentos que não partilhamos e que nos parecem particularmente facticios.

[1] 1 vol. in-12.º, *Lugan & Genelioux*, editores — Porto.

Este livro é uma prova do que fica dito. O snr. Thomaz Ribeiro começa dirigindo á geração nova palavras severas em que ha no fundo mais enternecimento que azedume. Que a geração nova não lh'o leve a mal. É preciso mesmo agradecer ao escriptor limitado mas nobre que se na confusão do seu espirito pôde dar maior importancia do que elles merecem a esses mesquinhos antagonismos entre novos e velhos, encontrou comtudo na abundancia do seu coração palavras fortes para affirmar essa grande solidariedade que deve prender o presente d'um povo ao seu passado e unir pelos laços da dedicação e do respeito os depositarios da tradição aos representantes da innovação. Mas dirigindo á geração nova palavras de censura dá a esta o direito de perguntar á penultima geração de que o snr. Thomaz Ribeiro é um dos vultos mais salientes, qual é o legado intellectual e moral que os velhos lhe confiam, que idéas e sentimentos inspiram as palavras d'estes e justificam as suas criticas.

É o que nos dirá o exame d'este livro, que, se tem um pequeno valor intrinseco, adquire comtudo um interesse consideravel se o encararmos como documento.

É que, quem lêr este volume tendo mais em attenção o seu conteúdo de opiniões e sentimentos que o seu valor formal de obra d'arte, encontrará n'elle envolto nas roupagens poeticas mas visiveis através d'ellas um conjunto de vistas e tendencias que são mais do que o modo de vêr d'uma simples individualidade, mas representam uma corrente d'opinião visivel não só nas espheras d'onde desce o governo mas ainda nas regiões em que se fórma a opinião. E se reflectirmos que o snr. Thomaz Ribeiro foi durante um periodo consideravel um dos poetas representativos d'essa burguezia liberal que vem governando pelo despotismo manso chamado constitucionalismo a adormentada sociedade portugueza, não será destituido de interesse observar qual é a sua attitude de escriptor perante os factos graves que se têm accumulado nos ultimos quinze mezes, e que por surprehenderem a gente culpada ou ignara que os preparou, nem por isso devem ser riscados do caderno das suas responsabilidades.

Se se quizessem reduzir á seccura de juizos criticos as expansões de sentimento compadecido ou indignado pelo espectaculo dos casos contemporaneos, e enfeixar n'um corpo de doutrina as vistas dispersas ao longo d'esses vinte ou vinte e cinco trechos lyricos, creio que se poderia resumir este livro das *Dissonancias* proximamente n'estes termos:

Portugal é um bello torrão habitado por muito boa gente; esta gente fez no passado grandes coisas e ainda hoje é capaz de fazel-as e mesmo em casos recentes tem-no demonstrado claramente; sinceramente abraçada com a dynastia que historica e positivamente encarna a sua independencia, este pequeno reino dá o exemplo da cordura nos costumes, da moderação nas leis, da tolerancia nas luctas politicas; principes illustrados e bondosos secundados por estadistas esclarecidos e patriotas insistem n'um afan coroado de exito por manter esta sociedade no elevado nivel a que se levantou desde a implantação do regimen constitucional; a liberdade na ordem politica, a caridade na ordem privada distinguem a actividade collectiva e resumem o espirito mais intimo d'essa sociedade que leva o respeito pela expressão do pensamento além das mais avançadas democracias e que riscando dos seus codigos a infamante pena de morte se collocou na vanguarda dos povos cultos. Mas uma fatalidade sinistra parece querer annullar todas essas vantagens naturaes ou adquiridas. Alguns espiritos perversos e muitos mais tresloucados rompem com a tradição de mutuo amor e fidelidade que prende a nação ao throno e faz d'este um penhor de autonomia e liberalismo. Estes espiritos desvairados por doutrinas que nem sempre comprehendem e seduzidos por chimeras perigosas de estrangeira origem levam a obsecação até á ingratidão e a injustiça até á calumnia. Á desordem nas idéas politicas vem accrescentar-se a confusão nas doutrinas philosophicas. Uma philosophia inspirada em pensamentos subversivos de toda auctoridade espiritual ou temporal, não contente com atacar a Egreja e o Christianismo, vai até contestar os dogmas fundamentaes de toda a religião natural e chega mesmo a querer rebaixar o homem ao nivel dos

brutos pela sua insolente theoria das origens animaes da especie.

A estas fatalidades interiores vem juntar-se outras d'ordem externa. Uma curia, esquecida dos grandes serviços que prestamos á Catholicidade nas plagas do Oriente, esforça-se por nos usurpar prerogativas que ganharamos á custa do nosso sangue. E uma potencia, nossa alliada de nome, nossa inimiga de facto, corôa a historia das suas longas espoliações procurando roubar-nos os ultimos restos do nosso patrimonio colonial e juntando á usurpação o insulto. Precipitado o paiz na desordem interna por uma fatalidade inexplicavel, a que não é talvez estranha a perversidade d'homens sedentos d'ouro, e impedido pelo seu isolamento diplomatico e pela sua pequenez material de castigar as insolencias do estrangeiro, que resta senão chorar no abandono de toda a esperança? E o poeta só quer da sua lyra a corda da dôr e da colera, e na angustia do seu desespero o patriota sente vontade de morrer.

O critico ouve-o com interesse e responde-lhe d'esta maneira:

Portugal é com effeito um bello torrão e a gente que o habita é realmente boa. Mas não ha phenomeno sem causa, e os factos de ordem social estão sujeitos a uma fatalidade tão rigorosa como a que domina o mundo das realidades physicas. Se o nosso espirito publico está anarchisado, se a nossa actividade exterior comporta desastres, não devemos attribuil-o á perseguição mysteriosa do destino, mas á acção de causas conhecidas. Essas causas, o observador aponta-as, o pensador deduze-as. Ellas distinguem-se em duas ordens. Umas são-nos communs com os povos da metade occidental da Europa, anarchisados pelo abuso do livre-exame applicado a todas as espheras da actividade social; outras são proprias d'uma pequena nacionalidade sem fundamento natural nem vocação historica, que após um momento d'expansão heroica se tem mantido independente graças a razões secundarias de equilibrio europeu, que é impedida pela sua mesma nativa nobreza de encontrar na prudencia utilitaria e nas rasteiras cubiças uma fonte de força e um motivo de actividade. Resulta das primeiras este espectaculo

nada raro d'uma sociedade que atravessa uma crise da consciencia religiosa e politica, e sobre a qual, operando ou perturbando a gestação de idéas vindouras, se despenha o tropel das chimeras malfazejas ou grotescas. Resulta das segundas o espectaculo quasi unico d'um povo sem vida publica nem consciencia collectiva, occupado a imitar os outros e a escarnecer de si, governado por uma dynastia que inspira o egoismo, representado por uma diplomacia que dirige o medo, administrado por uma oligarchia esbanjadora e corruptora, este miserando espectaculo d'uma sociedade sem litteratura nacional, sem actividade scientifica, sem costumes politicos, cujos melhores filhos se afundam na abstenção tediosa e na lamentação esteril, em que a indifferença é uma fórma da dignidade e o patriotismo um movimento de compaixão, e que, empolgada por subalternos sem capacidade nem pudor, se arremessa através da demencia impenitente e de ultrages reiterados para a bancarrota material e moral.

Estas coisas são tristes de dizer e de ouvir. E o snr. Thomaz Ribeiro confessa que tem vontade de morrer. Devemos darlhe credito e é justo não cunfundil-o com os vendilhões de patriotismo. Mas se o seu amargo desalento é um sentimento natural, a sua attitude de surpreza é que se não justifica. Os factos accumulados nos ultimos quinze mezes e que tão fundo feriram o seu coração de portuguez não vieram colher d'improviso os espiritos habituados a filiar os acontecimentos nas causas que os produzem. Que uma politica, exclusivamente inspirada pelo medo, conduza a desastres, e que uma pequena nação, que se lança nos braços d'uma grande potencia illustre pela deshumanidade do seu egoismo patriotico e pela avidez das suas cubiças mercantis, se veja espoliada e violentada á primeira velleidade de resistencia, não é para admirar. Que uma sociedade, que desde a Restauração se tem inspirado exclusivamente em sentimentos negativos, e desde a installação do regimen liberal se tem deixado explorar pelo anonymato dos interesses venaes, não disponha n'um momento de crise d'aquella unanimidade energica de sentimentos e d'aquelle tino fecundo proprio das

sociedades que têm a consciencia do seu valor historico e a experiencia da vida politica, é coisa que não espanta. Que na ausencia d'uma aristocracia que foi destruida, e de uma classe média que não chegou a constituir-se como força material e moral, dada a mesquinhez da actividade economica e a anemia da circulação intellectual, os assomos generosos da dignidade collectiva se não consolidem em obras de caracter permanente, mas desvaneçam-se ao simples contacto da intriga partidaria, é triste mas comprehende-se. São traços que derivam da noção d'esse Portugal lusitano e liberal de que o snr. Thomaz Ribeiro é um dos poetas representativos. E se eu lhe disser que uma nação, cuja diplomacia está no *D. Jayme*, cuja economia está na *Festa* e *Caridade*, cuja philosophia, cuja moral, cuja religião e cuja politica está na *Delfina* e nos *Sons que passam*, deve ter o seu mais recente capitulo de chronica poetica n'este livro das *Dissonancias*, o snr. Thomaz Ribeiro que póde não vêr a verdade, mas que é incapaz de lhe virar a cara, ha de pedir um instante para reflectir.

O snr. Thomaz Ribeiro escreveu um livro triste. A sua amargura é sincera e grande. Em certas passagens do livro ella degenera em misanthropia. O poeta diffama o homem e a sua tristeza condensa-se em pessimismo. É que n'essa natureza apaixonada mas incapaz de philosophia, as idéas geraes não vêm illuminar o espectaculo das coisas e corrigir as impressões da realidade. Ferido no vivo da sua sensibilidade de patriota, e surprehendido pela bancarrota dos ideaes a cujo serviço pozera o melhor da sua alma, a vida lhe parece uma debandada sangrenta, e o mundo uma visão sinistra e confusa. Falta-lhe a philosophia que dá a serenidade pela comprehensão, e algumas vezes aponta através da desolação da hora presente os lineamentos das futuras reconstrucções. Mas a philosophia nunca foi a vocação do snr. Thomaz Ribeiro. Ora a falta de philosophia é uma doença dolorosa. Camillo morreu d'ella. Este livro das *Dissonancias* lembra o revolver do suicida.

Moniz Barreto.

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 34, Rue de Provence; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

ARCHIVO PORTUGUEZ-ORIENTAL

10 volumes brochados. . . 13$500

NOVA GÔA 1857-1877

Á venda na livraria CHARDRON

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros*. Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes, Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia e Linguas orientaes*. — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.

L'ARGUS de la PRESSE

ESTA EMPREZA RECEBE

LÊ, CORTA E TRADUZ TODOS OS JORNAES DO MUNDO

E FORNECE EXTRACTOS SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS, ÁS PESSÔAS QUE OS PEDIREM

Informações e condições fornecidas por correspondencia que deve ser dirigida ao director

A. CHERIÉ

PARIS — 157, rue Montmartre — PARIS

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

EÇA DE QUEIROZ

A RELIQUIA

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume, **1$000 reis**

AS MINAS DE SALOMÃO

ROMANCE DE RIDER HAGGARD

Traducção revista por EÇA DE QUEIROZ

Um volume, **600 reis**

OLIVEIRA MARTINS

CAMÕES

OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL

Um volume..... **600 reis**

OS FILHOS DE D. JOÃO I

Edição de luxo illustrada, papel de linho, typo elzevir

Um volume de 500 pag. in-8.º gr. **2$000 reis**

PINHEIRO CHAGAS

BRAZILEIROS ILLUSTRES

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA E ACCRESCENTADA

Um vol. br. **300**, cart. **400 reis**

Livraria Chardron — Lugan & Genelioux, Editores — Porto

BANCO NACIONAL DO BRAZIL

Incorporado com o Banco Internacional do Brazil

FUNDADO NO RIO-DE-JANEIRO A 1° DE OUTUBRO DE 1889

Capital subscripto : Rs. 90,000:000$000
ou £ 10,000,000 sterling, ou 250 milhões de francos
50 por cento dos quaes por entrar.

DIRECTORIA :

Conde de FIGUEREIDO, *Presidente* — **Visconde do GUAHY**, *Vice-Presidente*

Barão de Salgado Zenha.
Manoel Moreira da Fonteca.
Pedro Gracie.
William H. Holman.
Senador Francisco de Carvalho Soares
Brandão.
Luiz Rodrigues de Oliveira.
Manoel Gonçalves.
Duarte.
Edward Herdman.

SUCCURSAES :

Pernambuco e Pará

CORRESPONDENTES :

EM TODOS OS PORTOS DO BRAZIL

SUCCURSAL EM LONDRES :

London and County banking Company Limited

Compra cambiaes sobre o estrangeiro. Fornece letras de credito aos viajantes e para operações commerciaes. Recebe consignações de cafés e outros productos para serem expedidos, sobre os quaes fornece adiantamentos nas condições convencionadas. Faz adiantamentos sobre cafés e mais mercadorias, de accordo com os estatutos do Banco e effectúa toda a sorte de operações bancarias. Encarrega-se de guardar titulos e cobrar coupons, de sua venda e compra, bem como das remessas de dinheiro pelo correio ou pelo telegrapho.

CORRESPONDENTES NA EUROPA E AMERICA

Pariz, Bruxellas, Amsterdam e Genebra. — Banque de Paris et des Pays-Bas.
Antuerpia. — Banque d'Anvers.
Hamburgo, Berlim, Francfurto. — Deutsche Bank.
Genova, Roma, Napoles, etc. — Banca generale, e succursales.
Madrid e outras cidades de Hespanha e Ilhas Canarias. — Banco hypotecario de España, e succursales.
Lisbôa, Porto, etc. — Banco de Portugal e succursaes.
Nova-York. — MM. G. Amsinck & C°.

LIVRARIA CHARDRON—LUGAN & GENELIOUX, Editores

OBRAS PARA PREMIOS

A. le Pileur

O corpo humano, traducção revista pelo professor da escóla-medico cirurgica do Porto, Antonio Joaquim de Moraes Caldas. Brochado..... 1$000
Cart..... 1$500

Esta obra, illustrada com 41 gravuras elucidativas do texto, é precedida d'uma *gravura colorida* representando a circulação do sangue (pulmões, coração, arterias e veias) e impressa em magnifico papel.

Camillo Castello Branco

Os ratos da inquisição de Antonio Serrão de Crasto, judeu portuguez. Broch.. 600
Cart..... 900

Conego Christovão Schmid

Bibliotheca da Juventude Christã, approvada pelo em.mo cardeal bispo do Porto.
Genoveva.
Eustachio, episodio dos primeiros tempos do christianismo.
Ignez, ou a pequena tocadora de alaúde.
Em um volume cartonado..... 500

Estes tres romancinhos religiosos, originaes do celebre conego allemão Schmid, offerecem uma leitura deliciosa, ao mesmo tempo que inculcam as mais saudaveis doutrinas moraes e religiosas.

Contos arabes

As mil e uma noites. Nova edição illustrada com 131 gravuras e revista cuidadosamente sobre os melhores textos. 4 vol. brochados..... 2$400
Cart..... 3$000

Padre F. C. Arruda

O grande dia aproxima-se! ou cartas sobre a primeira communhão, por um antigo missionario da America. Cart..... 400

Francisco Palha

Musa velha. Broch..... 600
Cart..... 800

Joaquim d'Araujo

Primeiras leituras. Selecta infantil coordenada para uso das escólas primarias. Brochado..... 400
Cart..... 540

Luiz de Camões

Os Lusiadas, illustrados com os retratos de Camões e Vasco da Gama. Cart... 200

Luiz Figuier

As grandes invenções antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes. Obra para uso da mocidade, illustrada com 231 gravuras.
Broch..... 3$000
Cart..... 3$600

Luiz Jacolliot

A Africa mysteriosa, romance geographico. 1.ª parte: O ultimo negreiro. 2.ª parte: O homem dos desertos. 3.ª parte: A cidade das areias. 4.ª parte: Os pescadores de Nacar. 4 vol..... 1$200
Cart..... 1$500

Padre Mach

Ancora de salvação, ou copiosos e efficazes meios para cada um se salvar. 3.ª edição.
Cart..... 600

Os fieis encontrarão n'este livrinho um poderoso auxilio e fiel regulador das suas devoções e praticas piedosas.

Catecismo exemplificado, ou doutrina catholica explicada com muitos e notaveis factos historicos, parabolas e comparações. Brochado..... 800
Cart..... 1$000

É para as creanças um encanto que as prende e seduz. D'aqui a grande utilidade d'um catecismo em exemplos, onde por tal fórma se aprendam as verdades da religião.

Mathias da Luz Soares

Maximas, conselhos moraes, pensamentos, memorias, sentimentos nobres e proverbios. [illegible] utilissima para a instrucção da mocidade [illegible] licada e offerecida aos paes de familia. 2.ª edição. Broch..... 600
Cart..... 900

Thomaz Ribeiro

O D. Jayme das escólas. Broch..... 400
Cart..... 500

Vilhena Barbosa

Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na historia de Portugal. 8.ª edição.
Broch..... 400
Cart..... 640

Para desenvolver o gosto pelo estudo da historia patria, esboçou n'elle o auctor quadros variados, sempre com o fito de instruir deleitando.

Cardeal Wiseman

Fabiola, ou a Egreja das catacumbas. Romance religioso. Nova edição illustrada.
Broch..... 1$000
Cart..... 1$300

Todos estes livros estão encadernados com elegantes cartonagens.

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

EÇA DE QUEIROZ

A RELIQUIA

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume, **1$000 reis**

AS MINAS DE SALOMÃO

ROMANCE DE RIDER HAGGARD

Traducção revista por EÇA DE QUEIROZ

Um volume, **600 reis**

OLIVEIRA MARTINS

CAMÕES

OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL

Um volume, 600 reis

OS FILHOS DE D. JOÃO I

Edição de luxo illustrada, papel de linho, typo elzevir

Um volume de 500 pag. in-8.º gr. **2$000 reis**

PINHEIRO CHAGAS

BRAZILEIROS ILLUSTRES

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA E ACCRESCENTADA

Um vol. br. **300**, cart. **400 reis**

Livraria Chardron — Lugan & Genelioux, Editores — Porto

Acaba de sahir á luz:

OS FILHOS

DE

D. JOÃO I

POR

OLIVEIRA MARTINS

Edição de luxo illustrada, Colum[illegible]; typo elzevir

1 volume de 500 pag. in-8.º gr. 2$000 reis

Acaba de sahir á luz esta obra cujo primeiro esboço foi publicado na Revista de Portugal e que tão vivamente despertou a attenção dos leitores.

Esta edição dos **Filhos de D. João I** vem acompanhada de numerosos documentos historicos até hoje ineditos e que reconstruem por completo as vidas d'esses a quem Camões chamou «inclyta geração». Entre todos sobresae o infante D. Henrique.

LIVRARIA CHARDRON

Lugan & Genelioux, Editores — PORTO